

UMA LUZ NA FLORESTA





Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Uma luz na floresta / [organização Tatiane Silva Sousa, Valcirlene Martins Miranda, Leonísia Moura Fernandes ; coordenação Tatiane Silva Sousa]. -- 1. ed. -- Cruzeiro do Sul, AC : Ed. dos Autores, 2025.

Vários autores.
Vários colaboradores.
ISBN 978-65-01-66204-6

1. Amazônia - Aspectos culturais 2. Antropologia social - Amazônia 3. Comunidade ribeirinha - Amazônia - História 4. Comunidade ribeirinha - Amazônia - Usos e costumes 5. Histórias de vidas 6. Memórias 7. Oralidade I. Sousa, Tatiane Silva. II. Miranda, Valcirlene Martins. III. Fernandes, Leonísia Moura. IV. Sousa, Tatiane Silva.

25-297158.0

CDD-304.209811

Índices para catálogo sistemático:

1. Amazônia : Ciências sociais 304.209811

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

UMA LUZ NA FLORESTA

Autores

Tatiane Silva Sousa
Francisco Albecir B. da Silva
Valcirlene Martins Miranda
Manoel Ferreira de Souza
Antônio Luiz B. de Macêdo
Francisco Marques
Maria Renilda S. da Costa
Sebastião Alves de Souza
Maria Ozilda Santana da Costa
Lourival Monteiro
Leonísia Moura Fernandes
Maria Flaviana Alves da Silva
Erivaldo da Costa Conceição
Antônio Pereira da Silva
Antonio José do N. Vieira
Francisco Batista de Lima
Orleir Moreira da Cunha
Francisco Araújo da Cunha
Maria de Nazaré N. Maia
Jair de Olinda Nobre
Daniel da Costa Lima
Francisca Marques
Antonio Arisson Costa Vieira
Antonio da Costa Ramalho
Antonio Jarlesson Costa Vieira
Antonio Narisson Costa Vieira
Garisson Costa Vieira

Maria Antônia Costa Vieira
Maria Tati Costa Vieira
Maria Tatiana Costa Vieira
Hilarítssa Moura Barbosa
Lucas Silva dos Santos
Madson Rafael do N. Silva

Coordenação

Tatiane Silva Sousa
Valcirlene Martins Miranda

Organização

Tatiane Silva Sousa
Valcirlene Martins Miranda
Leonísia Moura Fernandes

Pesquisa

Tatiane Silva Sousa
Valcirlene Martins Miranda

Transcrições

Tatiane Silva Sousa
Valcirlene Martins Miranda
Hilarítssa Moura Barbosa
Lucas Silva dos Santos

Revisão do Português

Daniele Silva da Cunha Almeida

Ilustração

Angie Nobre de Moura

Projeto Gráfico e Diagramação

Raissa Greco

Realização

Lapiseira

Financiamento

Fundação de Cultura Elias
Mansour através da Lei
Complementar nº 195/2022.
Edital de Arte e Patrimônio
Paulo Gustavo nº 007/2023.
O presente trabalho foi
realizado com apoio da
Coordenação de Aperfeiço-
amento de Pessoal de Nível
Superior - Brasil (CAPES)
- Código de Financiamento
001.

Apoio

Instituto Fronteiras.
Associação Feminina
Força da Mulher Rural do
Rio Liberdade (MU-

LHER FLOR).

Centro Eclético Passarinho
Branco.

Grupo de Investigação Leitura
e Vida (GIL) da Universidade
Federal do Acre (UFAC).



EM MEMÓRIA DOS ANTIGOS

José Felipe do Nascimento
Raimundo Henrique da Costa
Raimunda Santana
Francisco Albecir Brito da Silva
Manoel Ferreira de Souza



SUMÁRIO

- 11 • APRESENTAÇÃO**
- 13 • PREFÁCIO**
- 17 • INTRODUÇÃO**
- 21 • O TEMPO DA SERINGA OU VIDA E MORTE SERINGUEIRO**
 - 25 • A vida do seringueiro
 - 30 • E ainda tinha o pagamento da renda
 - 38 • Era a ponta do carrancismo
- 45 • ANTIGOS**
- 46 • MANOEL FERREIRA DE SOUZA, ÁGUA DO MEU CORAÇÃO: MEMÓRIAS DE UM NORDESTINO NA AMAZÔNIA**
 - 48 • Em 1946 eu saí de lá do nordeste, comecei a cortar seringa dois anos depois.
 - 49 • Nunca que eu voltei pro nordeste.
 - 50 • Nós chegamos no sete estrelas, seringal que tem abaixo do kaxinawá.

- 52 • Nós trabalhamos feito escravos uma porção de dia pra pagar isso aí.
- 55 • Aí meu irmão morreu... Mataram meu irmão e eu vim embora dessa colocação, vim parar por aqui pelo riozinho.
- 60 • A vida é essa mesmo: trabalhar, cortava seringa, né?

61 • SEU ZÉ NENÉM E A PRAIA DE MELANCIA

65 • RAIMUNDA SANTANA, UMA MESTRA DA FLORESTA

- 65 • A minha mãe trabalhava com caboco
- 70 • E histórias de boto, de encante?
- 72 • A minha mãe era parteira, rezadora, vidente e agricultora

74 • O TEMPO DA LAPISEIRA

- 76 • Agora eu vou ter que me arrumar e ir pra escola.
- 81 • As escolas eram pequenos casebres, era a casa da dona aranha!
- 86 • Até o final dos anos 60 não tinha escola no rio liberdade.
- 88 • A única coisa que eu tenho inveja na minha vida é do saber.
- 92 • Antes era asas da florestania e agora é caminhos da educação no campo.

100 • OS 7 IRMÃOS

110 • A LINHA DO TEMPO DAS RESERVAS EXTRATIVISTAS DO VALE DO JURUÁ ACREANO

- 112 • Primeiro eu vou fazer uma introdução.
- 114 • Por que foram criadas as resex's? Como aconteceu esse processo e quem participou?
- 119 • O que moveu quem estava lutando? Quais foram as instituições que atuaram nesse processo?

- 122 • Foi aquele movimento de criação das cantinas, aquele projeto do BNDES, quando os seringueiros compraram mercadorias e desarticularam a ação dos patrões
- 131 • E a aliança dos povos da floresta?
- 134 • Quando se inaugura o tempo dos direitos?
- 136 • Eu era o cão!
- 139 • A Riozinho e a Alto Tarauacá são uma consequência da luta.
- 142 • E quais foram os frutos dessa luta?

144 • A RESERVA EXTRATIVISTA RIOZINHO DA LIBERDADE

- 147 • Era uma necessidade que tinha para nós sair da mão da polícia, dos patrão.
- 152 • Quais foram os maiores desafios enfrentados nessa luta pela criação da resex?
- 156 • Eles já tinham sido enganados por muita gente, sabe?
- 160 • Quais foram os frutos dessa luta?

163 • ENCANTES DA FLORESTA

- 166 • Diz que o pior enrasco que tem é jogar os ossos da caça na água.
- 172 • Essa que o cachorro tomou uma pisa eu sei contar porque aconteceu foi comigo!
- 173 • Rapaz, diz que se passaram na peia!
- 176 • “Os bichos tão tudo com bicheira, quem tá se batendo pra curar esses bichos sou eu”...
- 178 • Matiiias! Me dá uma caça pra eu comer com a minha família, que nunca mais eu comi.
- 179 • Agora é caso de nambu.
- 180 • O cabra tem que ter coragem pra enfrentar a mata.
- 183 • Terremote da noite tem no seco também ou o jacarandá da

comunidade periquito.

185 • O caso do porco que virou alma.

187 • O caso da matiru do igarapé Miolo.

190 • Agora é caso de batedor.

191 • Batedor não é bicho.

194 • FRANCISCO ALBECIR BRITO DA SILVA

195 • Memorial de Francisco Albecir Brito da Silva.

205 • O seringueiro.

209 • Poesia.

211 • O professor.

213 • O processo da educação.

217 • Educação do campo.

219 • Amor integral.

221 • A inércia do amor.

225 • Ser mulher.

227 • Proezas de João Grilo.

229 • Despedida final.

231 • GLOSSÁRIO



APRESENTAÇÃO

Seguimos o legado deixado por Francisco Albecir Brito da Silva e Manoel Ferreira de Souza, mais conhecido como Seu Nem. Seu Albecir, professor pioneiro no Rio Liberdade, foi um verdadeiro Mestre da educação escolar ribeirinha, contribuindo de forma significativa para o fortalecimento do ensino nas comunidades locais. Batalhou durante toda a sua vida para que os filhos e filhas dos seringueiros pudessem acessar o ensino formal em suas comunidades, sem ter a necessidade de deixar seu território e migrar para a cidade em busca de um direito que já lhes era garantido por lei. Seu Nem, arigó vindo de Riacho do Sangue, lá do Ceará, foi um verdadeiro Mestre das matas e da contação de histórias. Lutou durante toda sua vida mantendo viva a reza, a cura e a tradição. Ambos tinham o dom da palavra amiga e nos instruíam com seus bons conselhos.

Aconselhadas por eles, compreendemos que o processo de ensinar e aprender perpassa diferentes espaços do território. As crianças e os jovens aprendem brincando, observando, praticando, imitando seus pais e ouvindo suas histórias. Ensinar e aprender no contexto da tradição, atravessa os roçados, as atividades de mariscar no rio e igarapés, caçar nos centros da mata, se decorre no ofício de fazer redes de pesca, de curar com rezas, plantas e através do trabalho com

caboco. Ensinar e aprender perpassa sobretudo aqueles momentos de escuta atenta e do experienciar no mundo sob os olhos cuidadosos e amigos dos antigos.

Uma Luz na Floresta é um título que se pauta na filosofia deixada por Seu Albecir. O conhecimento, aquilo que aprendemos é a luz que ilumina nossos caminhos, é a poronga que mostra que direção devemos seguir nesses varadouros das matas da vida. São as histórias contadas que nos instruem a pensar e agir no mundo, de modo que futuro e passado estão interligados pela inquebrantável linha de tucum da tradição. Enredando boas histórias, procurando as palavras certas para tocar os corações e as mentes daqueles que nos ouvem, ou melhor, nos leem. Dizemos a vocês, jovens que estão nos lendo: Valorizem as pessoas que rezam, que curam com as folhas e os chás caseiros, que dominam os saberes para se construir as canoas, para navegar, pescar, caçar, plantar. Valorizem as raspadeiras e todos os tipos de professores, os das escolas formais e os das escolas da vida. Aproveitem cada segundo junto dos seus e desfrutem da melhor forma possível destes momentos.

Pai, mãe, avô, avó, tio e tia — cada um, ao seu modo, são mundos inteiros de ensinamentos e aprendizagens diversas que não conseguimos encontrar nem nas bibliotecas, nem nas escolas. Os acompanhem nos seus afazeres, ajudem, ouçam atentamente as histórias que lhes são contadas. Mesmo que inicialmente não vos pareça, elas contam sobre o que você é, sobre o que vocês são: o povo do rio Liberdade. A casa dessa tradição não tem linha de embaúba, nem seu caibro é de periquiteira da capoeira fina! As palhas que lhe cobrem o telhado foram tecidas com as mãos Santas dos antigos. Os honrem. E honrem toda a sabedoria que nos legaram.

Tatiane Silva Sousa



PREFÁCIO

As vozes que alumiam a floresta.

Por muitos e muitos anos, a Floresta Amazônica foi vista como um vazio demográfico - um vazio populacional. Um território continental com pouca ou nenhuma presença humana. Descobertas as suas potencialidades (econômicas-lucrativas), passou a ser colonizada. Encontrada em abundância por essas terras, a *Hevea brasiliensis* - ou a seringueira para os mais íntimos - provocou uma corrida rumo à Amazônia para produzir a borracha demandada pela indústria do carro que surgia nos Estados Unidos entre o fim do século 19 e o começo do 20.

Uma corrida que provocou um grave conflito com os habitantes originários do território: os povos indígenas, que por aqui já estavam há séculos. Décadas depois, indígenas e seringueiros se uniram. Viam-se não mais como adversários, mas vítimas de uma exploração capitalista com características de escravidão, onde apenas o patrão (seringalista) era o grande beneficiário.

A economia da borracha ruiu. O patrão foi embora. Abandonou o seringal. Lá dentro, na margem e no centro, ficaram os seringueiros. Mulheres e homens vindos do Nordeste em busca de melhores condições de vida, fugindo dos flagelos das secas no Sertão. No

meio da floresta se adaptaram - e sobreviveram. Tiveram seus filhos e netos. Estes já nasceram homens livres - livres do patrão e de seu aviamento. Libertos da escravidão, construíram seu próprio modo de vida com a floresta - que eles mantiveram e a mantêm de pé.

A liberdade que eles tanto sonhavam estava bem ali de frente para eles: o Rio Liberdade. Um rio de águas barrentas e turvas que se encontra com o Juruá, e ali, em Cruzeiro do Sul, seguem unidos até se misturarem com o Solimões, e depois formar o Amazonas.

Às margens do Liberdade, seringueiras e seringueiros ainda existem e resistem. Sobrevivem com a mesma ousadia e a coragem de seus pais e avós. De lá não querem sair. São filhos da floresta. A mãe da mata os protege. Da floresta tiram o sustento e a medicina para as doenças. Sabem o nome de cada árvore, de cada planta, de cada bicho. Conhecem toda a riqueza que elas carregam. Muitos nunca tiveram a oportunidade de ir a uma escola quando crianças, mas possuem o doutorado na sabedoria da floresta. Colocam qualquer doutor no bolso. São mestres sem saber que são - sem a necessidade de diplomas burocráticos.

Todo este conhecimento tradicional é passado de geração a geração, através da oralidade, da prática no cotidiano. E essa enciclopédia amazônica fica em risco a cada momento que estes sábios da floresta fazem as suas passagens para outros planos. Conectadas em seus smartphones, as novas gerações não estão muito interessadas em aprender e levar adiante toda essa riqueza cultural.

Por sorte, temos exceções. E este livro em suas mãos (ou na sua nuvem digital) é um exemplo disso. Aqui temos o resultado de um excepcional trabalho feito por duas pesquisadoras amazônicas: Val Martins e Tatiane Sousa. Val é filha do seringal, o Jurupari, às margens do Juruá. Vinda do Pará, Tatiane viveu alguns anos de sua vida entre as comunidades da Reserva Extrativista Riozinho da Liberdade.

Foi a convivência com estes sábios da floresta que as inspirou a colocar num livro tudo aquilo que aprenderam. E eles as instruíram nesse processo. Elas entendiam a importância e a necessidade de documentar toda essa riqueza. Uma necessidade urgente diante da escancarada invisibilidade na qual ainda se encontram os povos da

floresta. Apesar de a Amazônia estar no centro das atenções por sua importância na mitigação da crise climática que afeta o mundo, as populações que nela vivem continuam a ocupar o papel de figurantes dos figurantes.

Os colonizadores insistem em falar por nós. Achem que somos incapazes de tratar as questões que afetam o nosso território. Não compreendem que, mesmo antes de surgir um Campus Floresta em Cruzeiro do Sul, já tínhamos uma faculdade da floresta ancestral nas aldeias e nos seringais.

Eles insistem em não dar voz ao Francisco Albecir, à Dona Branca, à Dona Maria de Nazaré, ao Manoel Ferreira, ao Raimundão de Barros, à Marina Silva, ao senhor Antonio Piyãko e Dona Piti, aos txai Macêdo e Terri Aquino, a Chico Mendes e Wilson Pinheiro e tantos mestres nascidos na floresta.

Usando da própria oralidade, Val e Tatiane tiveram que decupar muitas horas de gravações e diálogos. Mantiveram a literalidade de suas falas. Aqui, o padrão culto do idioma é a língua do seringal. É uma linguística peculiar surgida da relação entre o homem e a floresta. Palavras que surgem a partir dos infinitos sons emitidos pela mata e pelos seres que nela habitam.

Uma Luz na Floresta é como uma poronga acesa em nossas cabeças a alumiar os nossos passos por estes varadouros. Uma boa oportunidade para encontrarmos os caminhos que nos reconectam com a nossa identidade enquanto povos da floresta, da nossa acreadade. De entendermos que o Aquiri foi construído não a partir da nossa relação com o berro do boi, mas da nossa ancestralidade com a Amazônia.

“O Brasil não terá uma alma completa enquanto não ouvir a voz da Amazônia, e essa voz tem sido muito fraca, muito transitória”, disse o escritor amazonense Márcio Souza, em entrevista ao Jornal Varadouro, na sua primeira edição de 1977. Quase 50 anos depois, eu digo que o próprio Acre - enquanto um território da Amazônia - precisa voltar a ouvir as vozes da floresta. A reavivar a sua alma amazônica. Ou assim fazemos, ou estamos fadados ao fracasso na capacidade de nos construirmos como um povo.

Que cada história que nos é contada aqui neste livro por nossas

seringueiras e seringueiros nos leve de volta ao centro do seringal para ouvirmos as vozes da floresta, para a reconstrução de nossa acreanidade.

Somente após essa reconexão teremos condições de seguirmos melhores e mais fortes por estes varadouros (talvez já sem a ajuda das porongas) rumo à liberdade.

Ou melhor, às margens do Liberdade!

Fabio Pontes

Jornalista e editor do Jornal Varadouro



INTRODUÇÃO

A ideia deste livro nasce no coração de Valcirlene Martins Miranda, filha e pesquisadora do seringal, sua ideia foi então abraçada por Francisco Albecir Brito da Silva e Tatiane Silva Sousa. Juntos, escreveram o projeto e submeteram no Edital da Lei Paulo Gustavo, financiado pela Fundação Elias Mansour/Acre, no final de 2023. “A lapiseira do seringueiro era a faca de seringa: memórias, ensino e aprendizagem na Reserva Extrativista Riozinho da Liberdade, Alto Juruá - Acre”, é o nome do projeto que deu vida a este livro. Seu nome vem da história que Seu Manoel Ferreira de Souza contou a Tatiane. Infelizmente, no tempo da seringa, os filhos e filhas dos seringueiros não tinham a oportunidade de estudar e eram obrigados a aprender a cortar seringa. Graças a Deus, com muita luta o movimento social dos seringueiros mudou esse cenário.

Logo após a notícia da aprovação, iniciamos as atividades. Valcirlene subiu o rio Liberdade e foi ao encontro de Albecir, na comunidade Periquito, iniciando as entrevistas que compõem este livro e que também são subsídios para seu projeto de mestrado na Universidade Federal do Acre (UFAC). Infelizmente, a vida tem seus percalços e nem tudo está sob nosso controle. Repentinamente, nosso querido amigo, Francisco Albecir, veio a falecer, no dia 12 de feve-

reiro de 2024. Este fato nos tirou do rumo! Ficamos desoladas e sem chão. Ele era nosso maior professor orientador, era quem nos guiava com ternura e carinho pelos varadouros de nossas pesquisas nos seringais. Desorientadas, viemos a suspender nossas atividades por tempo indeterminado por, simplesmente, não sabermos que rumo seguir.

O luto é individual e se processa de maneira particular no coração de cada um. Seu Albecir, antes de falecer deixou uma carta de despedida aos seus amigos. Foi somente após a leitura desta carta, meses após o seu falecimento, é que retomamos às atividades do projeto como uma forma de manter o vivo legado de nosso querido amigo. Infelizmente, e novamente, a vida nos tira o chão. Manoel Ferreira de Souza, amigo de longa data de Francisco Albecir e Tatiane Sousa, um dos principais colaboradores de nossas pesquisas, veio a falecer no mesmo ano, no dia 26 de dezembro de 2024. Infelizmente, é preciso aprender a deixar aqueles que amamos irem embora. E uma forma de honrá-los é seguir o seu legado, deixando viva sua memória e ensinamentos. Por isso, esse livro em primeiro lugar, é uma homenagem a estes dois Mestres do rio Liberdade. É nossa tentativa singela de honrá-los e seguirmos os seus legados.

Desta forma, os textos que constam aqui neste livro são fruto de um exercício de criatividade; partem de uma tentativa de costurar diferentes vozes sobre aspectos comuns aos modos de vida e histórias das comunidades Itajubá, Forquilha, Cavanhaque, Bom Futuro, Periquito e Morro da Pedra da Reserva Extrativista (RESEX) Riozinho da Liberdade - Alto Juruá, Acre. São histórias contadas às pesquisadoras Tatiane Sousa e Valcirlene Miranda durante seus trabalhos de pesquisa de mestrado¹, mas que pelo seu caráter da oralidade, da tradição, se repetem e se entremeiam, constituindo assim as características mais marcantes do modo de vida do seringal.

¹Tatiane Silva Sousa estudou no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará (PPGA/UFGA) entre os anos de 2021 e 2023. Valcirlene Martins Miranda estudou no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Federal do Acre (PPGHL/UFAC). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

As entrevistas realizadas por essas pesquisadoras, ainda que de modo isolado com cada autor e autora do seringal, se conversam e se complementam porque constituem a memória social dos seringueiros e seringueiras. Além destes materiais, também publicamos aqui textos autorais e inéditos do professor Francisco Albecir Brito da Silva.

Todo o processo de feitura deste material foi construído junto com as comunidades. Os temas abordados afloraram durante os anos em que Tatiane Sousa residiu junto com as comunidades tradicionais da RESEX. Algumas das temáticas estão presentes no livro “A Voz do Liberdade”, mas sobretudo, todas permeiam a história social das comunidades e por isto se fizeram importantes de serem destacadas. São essas temáticas também que dão vida aos projetos de mestrado de Tatiane Sousa e Valcirlene Martins. E de certo modo, Uma Luz Na Floresta, é como um volume II do Voz, abordando temas que todos os colaboradores e colaboradoras deste projeto julgam que não podem ser esquecidos. Seguindo o processo, após termos uma primeira versão pronta, fomos ao encontro dos autores e autoras para fazermos a avaliação e validação do material. Os textos referentes aqueles que ancestralizaram, “Os Antigos”, foram trabalhados e validados com seus herdeiros e herdeiras. Todo o livro, inclusive as ilustrações feitas por Angélica Nobre, foram aprovadas pelas pessoas que participaram deste projeto.

É importante mencionar ainda que as ações deste projeto não se limitaram ao livro, também foram realizadas duas oficinas voltadas à contação de histórias e ao fortalecimento da cultura seringueira, atividades realizadas com o apoio do Centro Eclético Passarinho Branco, Instituto Fronteiras e a Associação Feminina Força da Mulher Rural do Rio Liberdade (MULHER FLOR). Primeiro, trabalhamos a “Linha do tempo das Reservas Extrativistas do Vale do Juruá Acreano” durante a II Jornadas de mobilização das RESEX do Juruá. Evento que reuniu lideranças da RESEX Riozinho da Liberdade, Alto Juruá e Alto Tarauacá e contou com a presença ilustre de Antônio Luiz Batista de Macêdo, conhecido como txai Macêdo, liderança histórica que teve atuação fundamental na luta pela criação das Reservas Extrativistas. O encontro foi um momento rico

em que as lideranças e a juventude presente puderam refletir sobre sua história comum e sobre o legado de luta do movimento social dos seringueiros do Alto Juruá. Parte do que foi discutido neste dia consta em uma das sessões deste livro.

Posteriormente, realizamos ainda uma oficina na comunidade Morro da Pedra na RESEX Riozinho da Liberdade, voltada para comunicação nas redes sociais, onde os participantes contaram uma história a partir de seus modos de vida. Nesta atividade trabalhamos a valorização da culinária local, como a produção de farinha puba, beléu e açai. Os resultados deste trabalho coletivo foram publicados no instagram da comunidade Morro da Pedra, no instagram destinado a divulgar as ações de nosso projeto e no da Associação Força da Mulher Rural do Rio Liberdade (MULHER FLOR). A associação local, neste percurso, foi extremamente importante para o desenvolvimento de nossas atividades.

Reforçamos a vocês, queridos leitores e queridas leitoras, que esse livro representa muito mais do que uma reunião de textos; aqui, vocês encontrarão memórias e histórias de um povo que resiste, que luta, que sonha e que se compromete em deixar vivo seus legados. É uma obra tecida a muitas mãos por gerações que ensinam e que aprendem mutuamente. Ao longo do processo de sua construção, enfrentamos perdas irreparáveis, mas também encontramos forças inesperadas e fomos guiadas por uma certeza de que as histórias contadas nestas páginas não poderiam ser deixadas de lado, esquecidas. Albecir e Nem Soares seguem conosco, vivos em nossos corações, em nossas memórias e na força que nos impulsionou a continuar. Com este livro, reafirmamos a importância da oralidade, da escuta e da partilha como instrumento de preservação cultural. Que Uma Luz na Floresta seja, para quem lê hoje e para os que virão, uma poronga acesa na travessia do tempo e da memória.

Tatiane Silva Sousa
Valcirlene Martins Miranda



O TEMPO DA SERINGA
OU VIDA E MORTE
SERINGUEIRO









O TEMPO DA SERINGA OU VIDA E MORTE SERINGUEIRO²

Naquele dia, acordei cedo, tomei café e logo me arrumei para ir à escola. Era um dia importante, iríamos contar histórias sobre o passado. Essas histórias nos ajudam a entender melhor o presente, a entender quem somos e de onde viemos. Ao mesmo tempo, são histórias que funcionam como ferramentas para refletir sobre o futuro que queremos, e como faremos para chegar até ele.

Então, é claro, que nessa reunião só tinha gente da mais alta importância! Estavam lá Seu Albecir, Seu Nem Soares, Seu Sebastião, Dona Rosinha, Seu Antônio José, Seu Antônio Coló e Seu Chico Marques. E não poderia faltar os jovens, que estavam ali para

² Escrito por: Francisco Albecir Brito da Silva, Manoel Ferreira de Souza Soares (Nem Soares), Antônio Pereira da Silva (Antônio Coló), Sebastião Alves de Souza, Francisco Marques (Chico Marques), Maria Ozilda Santana da Costa (Rosinha), Antonio José do Nascimento Vieira, Tatiane Silva Sousa, Leonísia Moura Fernandes, Valcirlene Martins Miranda e Hilarítssa Moura Barbosa.

ouvir com muita atenção e aprender o máximo que pudessem com os antigos.

A conversa começou com a professora Tatiane perguntando: "Como era a vida do seringueiro?". Seu Albecir, tomou a palavra, e iniciou dizendo...

— A VIDA DO SERINGUEIRO
era uma vida cercada de mistério.

Eu comecei a cortar seringa com oito anos de idade e cortei até os 16 anos. Nasci e me criei aqui, no antigo seringal São Pedro. Tinha coisas boas, mas a maioria eram coisas ruins... Vida muito difícil. *Era um trabalho que eu considero análogo à escravidão*, isso porque o seringueiro não tinha liberdade. Ele produzia, mas toda sua produção era sujeita a um *patrão*, ele não podia vender essa produção fora daquele patrão.

A maioria dos patrões eram oportunistas, aproveitavam da ingenuidade do seringueiro por não saber fazer uma conta e com isso ele trazia o freguês na mão, da maneira que ele queria. *As pessoas pagavam conta sem dever* e compravam só a mercadoria básica, o básico do básico: era sal, a munição e um óleo diesel pra botar nas lamparinas para se alumiar. Isso era o básico do seringueiro. A estiva englobava isso e mais algumas coisas como açúcar. Coisas do dia a dia, o que nós chamamos hoje de feira.

Esse era o ponto negativo.

Chico Marques: Rapaz, o seringueiro tinha a vida meia russa. Não era muito fácil não. Só que você... Uma, você não podia perder aquela hora! Porque no roçado você pode ir a qualquer hora e na

seringa você tem que ser na hora certa, né?

Tatiane: Que se não for, não produz, né?

Chico Marques: Não, porque não dava certo. Não dava um dia cortando a estrada, saindo oito horas pra cortar a estrada, né? Que horas ia chegar com o leite?! Com a poronga?! Ali tinha que ser seis horas da manhã, quem cortava de dia, né? E quem cortava de noite, é meia noite, uma hora, duas horas, três horas. Eu conheci cara ali, chegava com a luz acesa. Saía com a poronga com a luz acesa e chegava com luz acesa já.

Tatiane: Ia de madrugada, chegava de noite! O cara então dava o rodo na estrada pra cortar, aí parava no fecho, tomava jacuba...

Chico Marques: Aí voltava de novo pra colher. Chegava e pegava no rumo de casa, saco de leite nas costas, um macaco, um veado mesmo, né? Pra casa!

Antônio Coló: E outra gente, tinha o patrão chefe e tinham os aviados... Eram esses que não tinham pena do couro de ninguém!

Ao ser tocado nesse assunto, Seu Albecir recordou:

— Com o aviado você fazia uma compra mensal. Você produzia e no final do mês, ia lá e fazia a compra do que necessitava. Já com o patrão chefe – o arrendatário geral – você fazia o que eles chamavam no linguajar do seringueiro de aviação. Você ia lá no início do ano, comprava tudo o que precisava para o ano e aí sua produção só era entregue no final desse ano. Já no caso do aviado não, você fazia uma compra mensal e entregava também a produção mensal. Se não desse pra entregar, tinha um quinzeneiro que passava nas colocações, pesando e levando a quantidade de produção que você tinha para o patrão.

Antônio Coló: Eu ia pra esses centros, trabalhava por esses centros todinhos, mas no final do ano entregava a borracha todinha. Aí

eu ia fazer minha aviação com o patrão chefe, aí trazia tudo, passava aquele ano todinho... Devendo e trabalhando pra pagar. No final do ano, no ajustar de contas, pagava e trazia de novo.

Antônio José: É, pessoal, a seringa era mais difícil porque *era um trabalho obrigatório e o cabra só trabalhava endividado, né?* Se você cortasse, tinha que colher! A gente se aviava, aquele valor pra gente passar o ano todinho pagando aquela aviação que a gente fazia. Tipo, a gente ia lá no patrão e comprava tudo em grosso, né? Aí podia entrar para o centro, arrochava a faca para cima! Enquanto não fazia aquela quantidade para pagar aquela conta, não saía do centro. A gente ia até debaixo de neblina tentando, vendo se conseguia aproveitar e, às vezes, a chuva descia e ninguém aproveitava nada.

A vida do seringueiro não era muito boa não. Por causa que tinha que se levantar muito cedo pra cortar, né? Tinha que roçar a estrada, tinha que raspar, tinha que empausar. O mateiro era nós mesmos. Nós mesmos procurávamos madeira para colocar recurso, né? O recurso que eu quero dizer era aumentar a estrada, pegar outras seringas virgens por perto da estrada, nós mesmos fazíamos esse processo. A gente ia caçando e saía achando as madeiras, prestando atenção e vendo se dava de pegar mais umas seringas.

Albecir: De fato, Seu Antônio José, o próprio seringueiro era quem roçava e limpava as estradas de seringa. Às vezes ele fazia sozinho e às vezes de maneira coletiva, ficavam trocando dias como eles fazem até hoje nos roçados. Ou seja, juntava uns cinco, seis, oito, dez e ia pra estrada do Fulano, no dia seguinte ia pra estrada de uma outra pessoa.

Em todas essas colocações não havia só um seringueiro, sempre eram dois, três, quatro, às vezes até cinco seringueiros. Aí se juntavam, iam pra uma e depois pra outra pra fazer o trabalho de limpeza da estrada. Isso é, aqueles que faziam o trabalho de limpeza. Tinha aqueles que não faziam, andavam assim mesmo, só um piquezinho com terçado na cintura, onde encontravam um balseirozinho, uma palha, tirava dali e era só aquele piquezinho. Tanto é que tinha um rapaz ali no Tristeza que dizia que quando ele perdesse a paciência ia jogar as estradas dele no mato, porque já estavam cerradas!

A risada foi geral.

Sebastião: Isso aí era que nem como eu fazia. A gente fazia assim: quando era o mês de cortar seringa, aí a gente se juntava. Vamos dizer, que nem tá hoje aqui, os meus meninos tão tudo aqui, aí tudo tinha suas parselhas de estrada. Nós se juntava e dizia:

— “Hoje nós vamos pra estrada de fulano, aí nós roçamos ela todinha aí”.

Às vezes passava de dois, três dias ou quatro dias, roçava ela todinha. Quando terminava de roçar aquela, a gente ia pra estrada do outro, até terminar tudinho, desse jeito. Com a ruma de gente, a gente reunida assim! Que nem hoje ainda trabalha no roçado do mesmo jeito, né?

Nem Soares: Olha o arco-íris! Ainda vai chover muito!

Rosinha: Hoje tá tudo mudado, eu não sei como, mas os tempos mudaram. Porque tem muito tempo que quando é o mês de inverno, tá é de verão, né?

Todos concordaram.

Rosinha: Mas ô, Tati, a vida do seringueiro eu conheci desde que eu nasci, que o meu pai cortava seringa. Muita gente achou ruim quando acabou a seringa, né? Porque muita gente gostava da seringa, só que *a vida do seringueiro era uma vida muito arriscada*, existia muitas feras, muitas onças, era muito arriscada a vida do seringueiro.

Chico Marques: Eu comecei a cortar seringa com 12 anos e cortei até meus trinta e poucos anos. Aí depois que eu parei, passei dois anos pra me casar. Passou dois anos, só namorando e aí eu casei. Aí continuei a cortar seringa de novo. Cortei uns dez anos mais ou menos! Teve um tempo que eu caçava pro patrão Chico Lindô. Ele tinha muito freguês, né? Aí eu matava um veado hoje, amanhã já não tinha mais um pedaço. Porque os fregueses quando saiu, ali é almoço pra tudinho, era muita gente.

Meu trabalho era na caçada todo dia! O patrão não vendia nada! Ele só tirava um quarto pro vizinho dele assim, ficava com três quartos. Aí, só dava um almoço. Porque todos os dias chegava gente. Saía mais era dia de sábado, aí a freguesia saía tudo pra beira. Pessoal fazia as quinzenas e aí já vinha. Tinha o quinzeneiro que todos os meses dava o rodo no centro com a balança e o caderno pegando, pesando as borrachas de seringa tudinho. Pesando tudinho, tudinho, tudinho e tomando nota. Ele reparava e sabia qual era o cara que tinha borracha e o que não tinha, né? Quem tinha muita, quem tinha pouca.

Meu pai trabalhou pro finado Mappes, com o velho Mappes mesmo, pai do finado Maurício. Era do mesmo jeito, caçando... Ele era caçador e era mateiro, ele andava na mata, por tudo no mundo! O patrão com quem eu trabalhei, o Chico Lindô, era aviado do Maurício. Aí o finado Maurício trazia mercadoria e ele já pegava e trazia pro barracão dele, aí o pessoal comprava, né? Comprava fiado, pegava só a nota quando era no fim do ano trazia a borracha de pagar. Chegava, pegava tudo o que precisava e terminava devendo de novo. Aí voltava pro centro de novo, começava a roçar as estradas e meter a faca pra cima até 31 de dezembro.

Sebastião: Nesse tempo, o patrão mandava aquele freguês fazer aquela farinha, ele comprava que era pra ele vender por freguês pra ele não se empalhar com nada, era só cortar e fazer borracha. Que nem o finado patrão Chico, ele comprava farinha assim, porque tinha freguês que era bom de seringa, mas o trabalho dele era só cortar seringa, ele não se empaiaava pra plantar roça, pra fazer farinha, nem nada, era só cortar .



— E AINDA TINHA O PAGAMENTO DA RENDA, né? Questionou a professora Tatiane.

Albecir: No meu tempo eu não pagava, mas tinha algumas pessoas que pagavam. Eu não pagava porque eu produzia mais o meu pai e meu pai era daquele seringueiro chamado mateiro, ele não só utilizava as estradas que já haviam, mas ele abria novas estradas. Quando você abria uma estrada, você não pagava renda por ela ali dois, três anos. E aquele que vivia sempre abrindo estradas, tanto pra ele quanto para os outros seringueiros, o patrão o isentava de pagar renda.

Existia o mateiro, não para todos os seringueiros, sabe? Mas para aqueles que os patrões tinham uma certa desconfiança que podia tá maltratando as estradas. Esse mateiro fazia sempre uma visita bimestral. Ou seja, de dois em dois meses, três meses, fazia uma visita, dava uma passada nas estradas e via como é que estava a divisão da seringa para o corte, para a produção. Já tinham aqueles seringueiros que eram reconhecidos, que faziam o trabalho direitinho, ninguém ia lá nas estradas dele, eles mesmos tocavam da maneira deles.

Tatiane: E se o mateiro visse que o cara colocou mais bandeira, mais arriação do que deveria numa seringueira, o que acontecia?

Chico Marques: O mateiro corria as estradas pra ver se o camarada tava fazendo porqueira ou imundície nas madeiras. Dividindo tudinho certinho, tipo fiscal mesmo. Ele ia correr as estradas tudinho. Chegava na colocação, aí dormia, aí ia correr aquelas estradas tudinho, reparar como é que tava o trabalho nas estradas. Porque aquilo ali dava multa! Do mesmo jeito que hoje. O Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) não bota multa no camarada por causa do roçado? É a mesma coisa!

Albecir: Primeiro, ele tinha uma norma para condenar essas bandeiras, você podia usar um terço da seringa, cortar um terço da

seringa. Ou seja, uma seringa que tivesse um diâmetro, ou a circunferência de uma seringa desses nove palmos, ela era dividida em três arriações de um palmo cada e ficavam seis. Davam nove e ficavam seis sem cortar. E aí, se o seringueiro que dividisse na metade, por exemplo, cortasse 50% da seringa, o mateiro ia e riscava e condenava aquela parte que ele tinha aumentado. Tinha que ser uma divisão no terço, como eles chamavam, pra não maltratar a seringa. Ou seja, pra poder haver a continuidade, a possibilidade de cortar anos após anos.

Tatiane: Mas os outros seringueiros pagavam renda?

Albecir: Pagavam renda, 33 quilos de borracha por estrada. E eu acho isso uma aberração. Porque assim, quando foi feito o levantamento da cadeia dominial das propriedades da região, *a gente viu que grande parte das áreas desses seringais não eram de propriedade dos patrões não*. Considerando também que a seringa é uma planta nativa, pagar renda por algo nativo, eu acho que era mais legítimo do seringueiro do que do próprio patrão. Sinceramente, eu acho uma aberração!

Sebastião: A desculpa que ele dava era que arrendava o seringal, aí arrumava freguesia para cortar, aí a gente ia cortar e tinha esse negócio de renda que a gente pagava o patrão, que essa renda era uma borracha que você fazia de graça! Na época, a gente não sabia de nada, achava que era certo, mas no caso que não era certo, como a gente não sabia de nada, não tinha conhecimento assim dos direitos da gente e nem nada, a gente pensava que era uma coisa normal.

Chico Marques: Como o Bastião disse, a borracha da renda era uma coisa que você dava de graça. Fazia uma borrachona medonha de grande e dava de graça pro patrão. Aí, quando foi do meio pro fim, entraram com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais e o Sindicato acabou o negócio da renda do patrão! Eu sei que foi do meio pro fim acabou esse negócio da renda, ninguém pagava mais renda!

Albecir: Muitos falam do patrão, lembram que ele estava ali próximo, dando assistência, fazendo de tudo pelo seringueiro e pela sua família, mas na realidade a gente sabe que algumas coisas foram feitas com outros objetivos, né? Muita coisa foi feita para o bem, eu concordo plenamente, não vou aqui tirar o mérito de quem fez algo para o bem. Agora, tudo aquilo tinha um objetivo e o objetivo era financeiro. Eu vejo aí em algumas defesas um pouco de paixão misturada com ingenuidade, sabe? Tem gente que ainda defende que no tempo da seringa o cara era um pai.

Tatiane: Ele dava a assistência pras pessoas continuarem...

Albecir: Produzindo pra ele! É aquilo que a gente relatou lá no Voz do Liberdade, não tinha essa assistência. Enquanto o filho do seringueiro estava sendo estimulado ou recrutado já com oito anos de idade, nove anos, a cortar seringa, o filho do patrão tava saindo daqui pra estudar. E estudar, muitas vezes, nas melhores escolas particulares, tá? Em Cruzeiro do Sul, Rio Branco, Manaus, em Fortaleza e quando voltavam de lá, aquele que queria realmente estudar, voltava com status de doutor. E o filho do seringueiro... Tinha virado mais um seringueiro! Era o novo pai de família, o novo seringueiro. Ou seja, sintetizando o entendimento: era uma espécie de escravidão mesmo.

O seringueiro bom para o patrão era aquele que produzia muita borracha e o seringueiro ruim era aquele que produzia pouco. Qual a quantidade que começavam a taxar o seringueiro de bom, regular ou ruim? Por exemplo, seringueiro bom era aquele que produzia 600 quilos de borracha pra cima, produção anual. E o seringueiro ruim era aquele que produzia abaixo de 300 quilos. E o seringueiro regular era aquele que produzia entre 300 e 600 quilos, esse era o seringueiro regular. Mas isso na visão do patrão, na minha visão eu acho que o bom seringueiro era aquele que tinha uma visão do que estava fazendo, que controlava a sua produção com seus gastos.

Eu conheci um seringueiro chamado Francisco de Pinho que produzia no máximo 200 quilos de borracha e não faltava o básico na casa dele, ou seja, ele controlava tudo o que ele produzia com

o que ele consumia. Você chegava na casa do Chico de Pinho, ele tinha de tudo, como seringueiro ele tinha de tudo. Não faltava munção, não faltava sal, não faltavam as coisinhas dele de maneira nenhuma. Ele produzia pouca borracha. Aqueles seringueiros, que eram ruins para o patrão, é porque eles produziam pouco e o patrão começava a ficar de cara amarrada, a não querer vender o que o freguês necessitava, porque considerava que a produção não estava dando pra cobrir as despesas do freguês.

Sebastião: É como o Seu Albecir disse, seringueiro ruim era aquele que não fazia quase nenhuma produção de borracha. Vamos dizer, tinha seringueiro que fazia mil, às vezes, mais de dois mil quilos de borracha sozinho! Só que precisava cortar muito. Aí tinha deles que fazia muito, mas aí tinha um negócio de uma caçapa, porque o caçapa era quando ele botava outra pessoa pra trabalhar com ele. O seringueiro mais uma outra pessoa, sabe. Aí, às vezes, fazia duas toneladas de borracha, era assim, de acordo com outra pessoa, mas sozinho mesmo tinha cabra que fazia 1.000 quilos de borracha, às vezes 1.500. Aí esse tinha crédito com o patrão, óh. O trabalho dele era só cortar. Aí o ruim era aqueles que faziam 300 quilos, vamos dizer de 500 quilos para baixo, isso era freguês ruim. Tinha freguês que não fazia nem 300 quilos de borracha, era 200 quilos. Aí esse era o ruim.

Se você fosse um seringueiro bom, o patrão era bom. Era quase que nem hoje... Que hoje se você for assim, vamos dizer, só vende a produção pra um comerciante, ele é bom também. Se nós precisarmos de dinheiro fiado, tem também do mesmo jeito. Que hoje também se você comprar e não pagar, o patrão também não é bom, né? Porque hoje não é que nem de primeiro, são muitos patrões, né? De primeiro não, era mais pouco.

Aí os bons, que o patrão já tinha conhecimento com aquele seringueiro bom, que fazia muitos quilos de borracha, era as toneladas de borracha, esse ele não deixava plantar nada mesmo não! Ele comprava pra revender pra ele, pra ele não se empaiair com nada. Aí aquele mais ruim, ele plantava e fazia farinha pro consumo de casa.

Aí tinha aquele que plantava para vender aquele pouquinho de

farinha, já pro patrão vender pro freguês, para aqueles bons, era assim. Vamos dizer, eu era um seringueiro ruim, mas eu não vendia farinha pro patrão, eu produzia só pro consumo de casa, então era bem pouquinho que eu plantava. Tinha vez, na época, que você plantava 1.000 covas de roça, dava pra você tirar o ano com 1.000 covas de roça, porque era só pra consumo de casa.

Tatiane: Eu ouvi dizer que se o seringueiro vendesse borracha pra um marreteiro, pra um regatão ou pra outro patrão, o patrão poderia colocar o seringueiro pra fora, podia expulsar da colocação e não dar indenização nenhuma, as coisas dele ficavam tudo pra trás, a criação, a casa, o roçado...

Chico Marques: De primeiro qualquer seringueiro que desviasse, que fizesse isso, o patrão botava pra fora!

Sebastião: Que nem meu pai que ia perdendo também a colocação por causa de um couro de gato que ele vendeu. Ele matou o gato, aí vendeu o couro para fora. O patrão soube e ia retirando ele da colocação dele por causa desse couro de gato. A gente não podia vender para fora não, *pra gente vender pra fora tinha que ser escondido!* Que nem eu mais o meu cunhado, uma vez nós achamos uma borracha no rio, que de primeiro, no tempo do reboque, sabe o que é reboque, não sabe? O cara fazia as rudias de borracha assim, era o reboque que chamava. Aí baixava daqui do Liberdade até na boca e baixava no Juruá até o porto do Mappes, lá onde o finado Maurício morava. Às vezes, acontecia de se quebrar, aí perdia a borracha. Às vezes se enganchava nos balseiros e depois a gente achava. Que nem mais o meu cunhado, a gente subindo o rio e achamos uma borracha enganchada no balseiro, aí pra nós vender essa borracha nós empaneiramos ela para vender como farinha, toda empaneirada!

Todo mundo cai na risada com a presepada de Seu Sebastião!

Sebastião: Colocamos dentro do paneiro e era escondido! Porque se o patrão soubesse a gente perdia a parelha de estrada. Nós vendemos pro Manel Chofer, era um regatão daqui do Liberdade,

me lembro como se fosse hoje, o nome dele era Manel Chofer.

Albecir: Eu ainda cheguei a ver, nunca aconteceu comigo, mas ainda cheguei a ver situações assim. Os patrões tinham cisma de determinados seringueiros, do comportamento de determinados seringueiros. Tinha uns seringueiros que ele chamava atenção, humilhava, pisava, fazia o que queria! Mas óh, vou falar pra vocês, *tinha seringueiro que não aceitava ser humilhado não!* Se alguém ultrapassasse o limite dele, ele cortava:

— “Parou! Parou! Não aceito esse tipo de coisa, tá?”.

Tinha seringueiro que se revoltava e botava limites.

Nem Soares: Pois eu mesmo!

Tatiane: O senhor, seu Nem?

Nem Soares: Tô te dizendo. Quando eu cortava lá no Kaxinawá, a gente não podia plantar, né? O patrão lá não queria que você plantasse nem um pé de cana pra chupar porque se não ia se empaiai pra cortar. A gente só comia farinha e carne de caça.

Tatiane: E a farinha comprava com o patrão?

Nem Soares: Comprava com o patrão com pena de galinha dentro!

A risada na escola foi geral!

Nem Soares: Tô dizendo pra vocês! Uma vez eu comprei uma farinha que amargava mais do que quinino, sabe? Farinha mofada do fundo da caixa lá do cabra. Resto do fundo da saca, não sei de que era. Ele mandou, eu mandei pra trás pelo mesmo comboio que o animal trouxe, levou pra trás, quis mais não. Aí no outro dia eu fui bater lá no barracão, eu fui... Eu cheguei desafortado, cheguei lá dizendo desaforo com o patrão. Pensei comigo: “Hoje eu recebo uma balada e dou outra!” Eu cheguei desafortado, disse pra ele assim:

— “Lá no centro não tem cachorro não, mande uma farinha daquela pra cachorro porque aquilo lá não era pra gente, não era pra

cristão comer não. Lá não tinha cachorro não!”

Ele disse:

— “Rapaz, o que é isso?”

— “É isso que eu tô lhe dizendo, você mandou farinha amargosa, aqui tem fel na sua farinha.” - Era farinha mofada que tinha no fundo da caixa, né? - “É pro senhor comer essa daí! Se quiser é pro senhor comer, pra mim não”.

Antônio Coló: Eu conheci um velho, Seu Nem, no Valparaíso na época... Chamava ele de Nego Chico. Um dia foi na casa do patrão, o patrão mandou uma farinha pra ele podre! Podre que não deu pra comer! Diz ele que foi cortar no outro dia, chegou com a borracha, abaixou o saco de leite aí jogou dentro de uma bacia, pra acabar pegou a farinha e jogou dentro! Fez um pão! Pegou, cortou, enrolou no príncipe, defumou, enrolou em cima, jogou em cima e levou pro patrão. Patrão chegou, cortou a borracha:

— “Rapaz, Nego Chico, você não tem vergonha de fazer uma borracha podre dessa?!” Aí o Nego Chico disse:

— “Diabo compra, diabo vende! Você não me vendeu ruim? Eu fiz a mesma ruindade e você vai comprar ela também!”.

Tatiane: Coragem, né?

Antônio Coló: É mermu!

Um dos jovens presentes comentou:

— “Os patrões boçal só queriam ter moral, né?”

Albecir: Mesmo quando os patrões já estavam nesse processo de perder espaço, perder força, eles ainda eram a maior liderança do lugar. O patrão era a justiça, ele era juiz, ele era advogado, ele era tudo! Ele julgava todas as questões. Se houvesse um atrito entre um seringueiro e outro em relação à questão de estrada, alguém procurava o patrão para fazer o julgamento de quem tinha razão .



— ERA A PONTA DO CARRANCISMO! -
Lembrou Seu Nem.

Rosinha: Pois sim, o meu pai contava que diz que de primeiro, a polícia era os patrões, o que a pessoa fizesse de errado os patrões mandavam amarrar e encostavam a peia. Não existia justiça não, a justiça era os patrões mesmo.

Tatiane: Ei, Seu Antônio, mas lá no Valparaíso se o senhor desviasse um quilo de borracha, ou então inventasse de fazer sua própria farinha, botar seu roçado, o quê que o patrão faria com o senhor?

Antônio Coló: Ah, o patrão botava fora!

Tatiane: Expulsava da colocação?!

Antônio Coló: Expulsava da colocação! Porque não queria trabalhar se a gente fosse produzir pra comer, a lei era essa! Nós era, faço que nem outro, no carrancismo!

Nem Soares: Derradeira lavagem do carrancismo!

Antônio Coló: Era, nossa situação era essa... Aí o cara fazia que nem diz o ditado, não tinha pra onde correr! Se corresse o bicho pegava, se ficasse o bicho comia!

Nem Soares: Só não faziam o que era antigamente, mandavam matar...

Antônio Coló: Açoitar!

Nem Soares: Açoitar, porque sabia que ia correr guerra!

Antônio Coló: Ia correr guerra!

Nem Soares: Porque o pessoal já tava mais arisco, né? Não tavam mais temendo as coisas do demônio! O carrancismo era assim...

Antônio Coló: A lei era essa! Se tirasse, botava pra fora! **Dizia logo:**

— “Desocupa a colocação!”

Botava pra fora, o cara saía com a rede... Faça que nem o outro, quando tinha era a rede, uma espingardinha e a mulher com os meninos. Tinha que caçar outro rumo! Botar pra outro rumo... Lá o cara ia atrás de outro patrão pra auxiliar ele. E se o cara fosse um bom seringueiro, às vezes ainda se virava, mas se fosse um seringueiro ruim...

Antônio José: Rapaz, o Seu Raimundo Albino sempre contava pra nós que nessa colocação aqui, o cara quando fazia o mal com o outro, matava o outro, né? Um cara que foi dono daqui, pegava, amarrava uma corrente grande de não sei quantos quilos na perna de um e o cabra ia arrastando até um quilômetro e meio pra ir pro roçado. Trabalhava lá o dia todinho arrastando a corrente, quando era na hora do almoço vinha arrastando a corrente e de tarde voltava de novo arrastando a corrente. Dizem que a prisão era assim aqui nessa colocação.

Tatiane: Mas vocês não alcançaram o carrancismo brabo, né?

Antônio Coló: Não, só ouvi histórias, né? Só ouvi falar que amarravam, açoitavam. Agora, a história que eu sei é só essa mesmo que nem eu tava contando. Os patrões queriam humilhar as pessoas, queriam humilhar os seringueiros! Jurava logo de botar pra fora da colocação e não podia desviar um quilo de borracha.

Então, hoje, por esse produto que nós estamos produzindo, nós estamos livres, nós vendemos pra quem quer, quem chegar primeiro leva! Antes era um trabalho sujeito. Então hoje, por esse motivo, nós estamos livres! Porque se nós tivermos um cacho de banana, nós vendemos pra quem quiser! Se tem uma cana, nós vendemos pra quem quiser! Se tem farinha, nós vendemos pra quem quer! Né?

Nesse ponto aí, nós estamos livres.

Albecir: Do carrancismo eu só ouvi falar, eu não vivenciei. Na minha época já tinha acabado, mas eu vi muito meu pai falar a respeito dessas questões. De pessoas que cometiam um crime e que quem julgava era o patrão. O patrão tinha uma equipe com pessoas chamadas de carrascos, acho que daí o nome carrancismo... Era um grupo do patrão que seguia suas orientações, aí a pessoa cometia um crime, o patrão mandava o cara ir pegar e lá o patrão o condenava. A pena máxima era 60 chibatadas, mas tinha outras penas com menos chibatadas, tá? Amarrava num toco no meio do sol e o carrasco ia lá bater, chicotear o cara. Quando o cara não estava resistindo, ele tirava, dava um banho tal e tal, um trato na pessoa e toco de novo! E mais chibatadas! Se o cara conseguisse sobreviver, ele estava livre da pena, ele tinha cumprido a pena dele, tá?

A outra história que vi muito contar é que ali na Foz do Forquilha. Tinha uma volta muito grande assim, passava bem pertinho. No tempo em que a borracha era tida como ouro negro, que teve aquela migração de nordestinos vindo pra nossa região pra cortar seringa, muitos vieram com o desejo de cortar seringa, ganhar dinheiro e voltar pro Ceará novamente. Aí muitos não voltaram por opção mesmo, porque resolveram constituir família e tal, ficar por aqui, e outros não voltaram porque o patrão mandou matar.

Ele cortava seringa, tirava saldo, quando ia prestar conta do que tinha feito, recebia o saldo direitinho e quando saía, alguém já tava tocaiando pra meter bala nele e trazer o dinheiro de volta, tá? Me contaram muito que ali no Forquilha tinha uma samaúma, matavam e jogavam no toco da samaúma e traziam o dinheiro de volta pro patrão. Outra coisa, aquele que contestava algo do patrão, que o patrão não gostasse, ou seja, que o patrão visse como uma ameaça, ele mandava matar! Lá no Farias diz que aconteceu uma morte só porque o patrão soube que o seringueiro tinha procurado namorar com a filha dele. Mandou matar!

Sebastião: Eu ouvi falar muito desses casos, meu pai contava esses causos mesmo. Aí ali, que nem vocês tavam falando, no Juru-

pari meu pai contava o caso do toco de uma samaúma que o pessoal fazia assim mesmo. Aí tinham os capangas mesmo. Aqueles seringueiros tirava o saldo, o patrão mandava o cabra ir lá pro caminho no toco da samaúma, quando ele ia pro centro já matava ele, que era para não pagar o saldo. Rapaz, era uma coisa muito horrível, né? Por isso que de primeiro esse Riozinho aqui era falado, o pessoal chamava Rio do Sangue! É por causa que era assim, foi feito um desastre aqui dentro!

Tatiane: O Padre Tastevin passou por aqui nesse rio no começo do século XX e escreveu um texto de três páginas e dizia que essa região era chamada Riozinho da Liberdade, mas que o nome mesmo deveria ser Riozinho da Escravidão. Ele ficou assombrado, assombrado com o que ele viu! Porque ele veio aqui justamente no tempo do carrancismo, né?

Chico Marques: Ah, já ouvi falar muito do tempo do carrancismo! Freguês tirava saldo, aquele freguês bom, né? Fazia muita borracha! Aí quando chegava a borracha, chegava lá no patrão pra ajeitar as contas tudinho, aí tirava tantos 1.000 de saldo. 1.000 não, que nesse tempo não era 1.000, era cruzeiro. Era 100 cruzeiros, essas coisas assim, 1.000 réis. Nem era cruzeiro, nem era real. Não tinha quem dissesse assim ganhei 1.000 cruzeiros nesse tempo, dinheiro era um absurdo. Aí tirava aquele saldo, né? Aí o patrão disse que dava... Já sabia, já tinha os capangas dele, né? O matador! Aí entregava o dinheiro, o coitado voltava, né? O cabra já tava esperando lá na frente! Vai passando lá e POW! Lá ficava e trazia o dinheiro pra trás de novo. Eu não alcancei esse tempo não, mas eu ouvia falar dessa arrumação. Era verdade isso aí, ó!

Diz que tinha os pontos já de botar os cabras naquelas samaúma. Naquelas sacupembas, samaúma medonha! Metia lá na sacupemba e lá ficava. Já tinha os pontos onde matava, esperava o cabra lá, ia passando... Tome bala! Diz que era assim, mas eu não alcancei não. É isso, de primeiro mesmo todo canto tinha canto de matarem o pessoal!

Albecir: E assim, mesmo logo depois do carrancismo, o Liberdade foi conhecido por um período como o Rio do Sangue. Ele era um rio muito violento, as pessoas eram muito violentas. Na época do patrão, tinha o dia da quinzena no final de mês. Aí aquele ajuntamento de gente ali no barracão, sempre aconteciam brigas e matavam gente. Começavam a beber e dali se desentendiam. As pessoas só andavam armadas, as facas deste tamanho aqui, ó! E aí não tinha conversa, a conversa era faca e chumbo! Era ignorância mesmo, tá entendendo?

Sebastião: É... o pessoal conta aí. Eu nunca vi não, mas o pessoal contava que tinha cabra que amarrava as camisas pra se matar na peixeira. Aquele que não era muito corajoso às vezes cortava a camisa do outro pra se escapulir! Aí tinha deles que se acabava na peixeira, se matava com a camisa amarrada.

Albecir: É bom lembrar que isso foi um processo que mudou a partir da presença da educação também, sabe? Que hoje você já consegue fazer grandes eventos, tanto futebolístico como eventos educacionais mesmo, de formação etc. e você vê as pessoas com mais respeito umas pelas outras. Foi um passado muito obscuro. Ou seja, hoje você vê uma grande diferença. E quem que promoveu essa diferença? Exatamente: a luz, foi o conhecimento. Foi o conhecimento que trouxe luz!

Rosinha: Isso aí é mesmo! O saber é uma coisa que tu morre e leva ele!

Albecir: Mas a vida do seringueiro também tinha coisa positiva, tá? Mesmo sem perceber, ele fazia bastante exercício físico, que colaborava com a saúde dele. Tanto é que o seringueiro em si raramente tinha uma doença cardiovascular porque o exercício é muito forte. Durante o dia todinho caminhando, subindo os burros na seringa, descendo, eram sempre pessoas de um corpo fisicamente muito bom. Eu acho que o seringueiro era um forte ambientalista sem perceber. Da sua seringa ele tirava a subsistência do ponto de

vista financeiro e também a questão alimentar. E assim, nós vivemos no melhor lugar do planeta Terra, essa é a minha avaliação.

Nem Soares: Eu considero um rio desse aqui um paraíso, um paraíso! Porque tudo que plantar dá, aí você tem o feijão, tem o arroz pra você plantar, tem melancia, tem o jerimum, tem o mamão, de tudo que você plantar dá!

Tatiane: A banana...

Nem Soares: A banana! Por que não é um paraíso? Só plantar. Né? É um paraíso!

Rosinha: Tem arroz de toda qualidade também. Tem aquele arroz chatão, tem do vermelho, tem do arroz agulhão e do arroz agulhinha, arroz branco. E feijão? Tem o assaré, que é bem bonito. Tem feijão pesado, tem o de sete semanas, esse é bem rápido e gostoso, mas eu nunca mais vi, tem o manteiguinha, tem o arigó, aquele vermelho, tem aquele feijão costela de vaca, um negócio assim... Tem o feijão branco, o peruano, tem vários...

Nem Soares: E é uma calma, né? Você tá dentro de uma calma medonha! Aquela calma... Anoitece, amanhece, aquele negócio, aquela calma. Você vê os passarinhos cantando, um grilo, um sapo, uma coisa... Você não tá perturbado com nada não, não tá assustado com ninguém.

Albecir: E como eu ia dizendo, teve muita mudança pra melhor, né? Quando estava terminando a borracha, a borracha deixando de ser a fonte de renda, foi aquele período que os fregueses, os seringueiros ficaram sem saber o que fazer. Aí eles migraram das colocações dos igarapés e formaram as comunidades no beiradão do rio, coincidiu com o momento que o poder público começou a se fazer presente, tá? O poder público estadual, também municipal, pouquíssimas coisas, mas começou a se fazer presente. E o estadual começou a se fazer presente pela educação. Ou seja, foi um

movimento que contribuiu com o processo educacional, porque os fregueses migraram de suas colocações mais distantes para o beiradão do rio, onde foi colocada a escola que o filho do seringueiro começou a estudar. Então foi um movimento que juntou a fome com a vontade de comer!



ANTIGOS

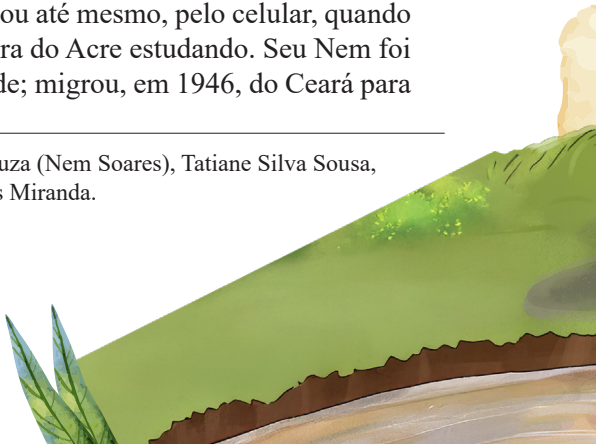




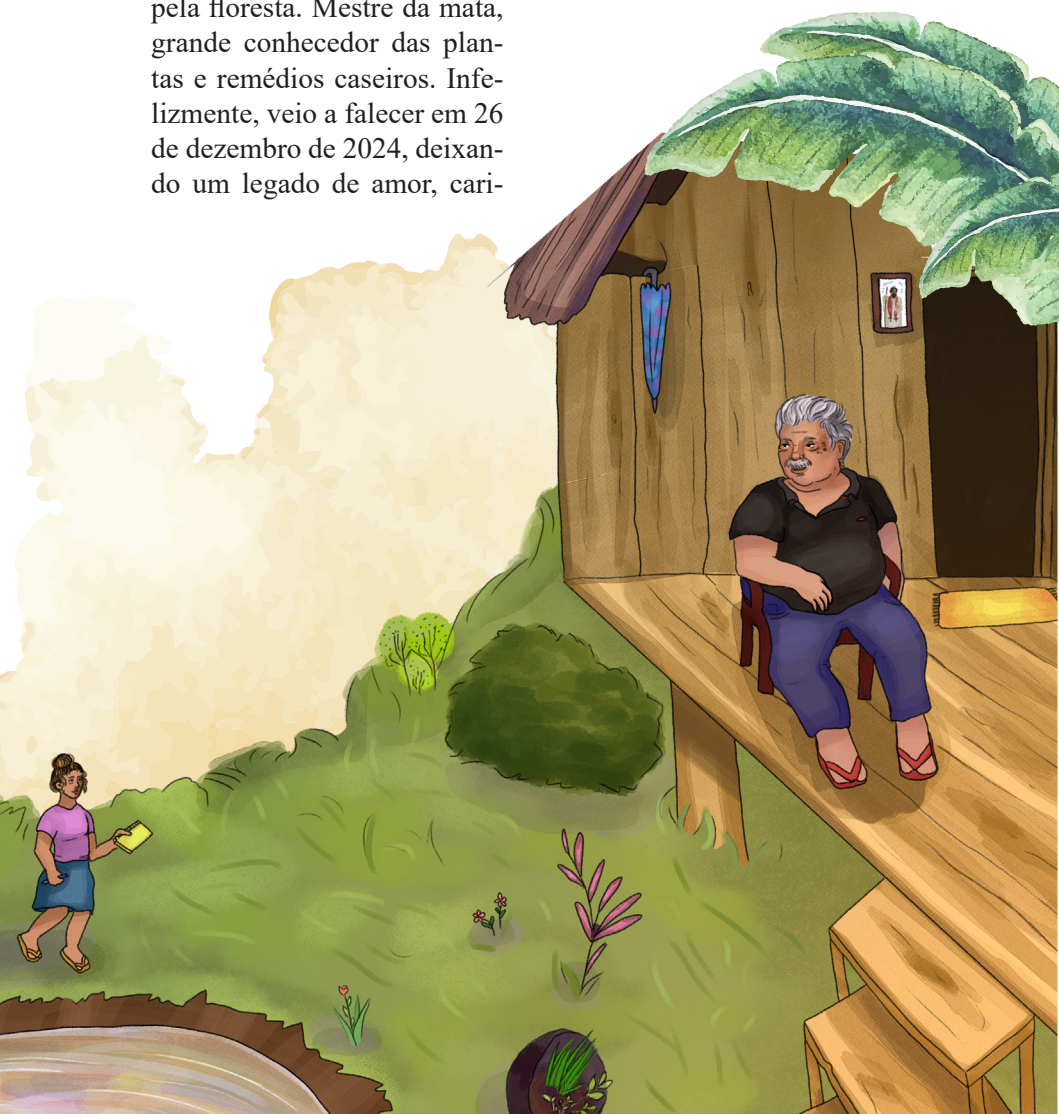
MANOEL FERREIRA DE SOUZA, ÁGUA DO MEU CORAÇÃO: MEMÓRIAS DE UM NORDESTINO NA AMAZÔNIA.³

Sentados na varanda de sua casa, às margens do igarapé Forquilha, estavam Seu Nem e a professora Tatiane. Amigos de longa data, sempre se encontravam para prostrar, fosse no rio Liberdade, na cidade de Cruzeiro do Sul, ou até mesmo, pelo celular, quando a professora Tatiane esteve fora do Acre estudando. Seu Nem foi o último arigó do rio Liberdade; migrou, em 1946, do Ceará para

³ Escrito por: Manoel Ferreira de Souza (Nem Soares), Tatiane Silva Sousa, Leonísia Moura e Valcirlene Martins Miranda.



cortar seringa no Vale do Juruá. Residiu inicialmente no seringal Kaxinawá, no rio Gregório. Passeando pelo rio Liberdade, acabou por se mudar para o igarapé Forquilha, onde fez família, amigos e viveu até os seus 94 anos. Reconhecido rezador do rio Liberdade, aprendeu o ofício em terreiros no Maranhão e com Seu Zé Neném. Tinha o dom da palavra amiga e sempre alegrava nossos corações. Preservou suas estradas de seringa mesmo após décadas de falência da empresa seringalista, demonstrando assim seu zelo e amor pela floresta. Mestre da mata, grande conhecedor das plantas e remédios caseiros. Infelizmente, veio a falecer em 26 de dezembro de 2024, deixando um legado de amor, cari-



nho e muitas saudades no coração de seus amigos e parentes. Vamos deixar então que nosso querido amigo conte essa história...

— **EM 1946 EU SAÍ DE LÁ DO NORDESTE, COMECEI A CORTAR SERINGA DOIS ANOS DEPOIS**, recorda Nem Soares de quando saiu do Ceará rumo ao Acre.

Saí de lá em 1946, em 1947 eu tava em Manaus e em 1948 eu tava aqui no Kaxinawá já. Embarcamos num porto chamado Ponta Pelada, que lá ainda não tinha o Mucuripe não. Hoje tem o Mucuripe, né? A hora que o navio chegou foi meia noite. O navio chegou e foi o embarque. Aí era que nem o cara bate tijolo assim num prédio, né? O cara pega aqui, joga pra ali, o outro pega e joga lá, né? Porque o barco encostava e não tinha cais, porque hoje tem o Mucuripe lá em Fortaleza, né? Tira o pé do cais e bota dentro do navio.

Não... Lá nessa época nós fomos embarcados assim, lá no Ponta Pelada. Aí o Marinheiro pegava a gente aqui e jogava, o outro pegava lá e “PAN!” lá dentro do navio! Era assim... Assim nós embarcamos lá e aí lá vamos. Nós saímos às quatro horas da madrugada, nós demos adeus à capital do Ceará e viemos pra Belém.

Assim que nós viemos de lá pra cá, pra cortar seringa mandado pelo governo. O governo mandou esse pessoal pra cá, botou nesse navio e vieram... Apuriatã. Aí, soltou nós aqui, como se fosse animais.

Foi uma chamada do Governo. Era um decreto do Governo pra gente vir cortar seringa. Como eu era menor de idade e não podia vir por conta própria, eu vim encostado a essa família até chegar aqui. Quando cheguei no escritório de Eirunepé aqui, no derradeiro escritório, aí foi desligado todo mundo, né? Em Manaus, eu desliguei por conta própria. Pensei: “Eu vou pra Roraima trabalhar em garimpo!”

Em Belém, eu ainda fui até o garimpo. Lá pra dentro! Fui em Belém pro garimpo de uma mulher chamada Maria Vaca Braba, era

a dona do garimpo. Mas lá me amedrontei logo porque quando cheguei lá, no outro dia, tinham arrancado dois caras que tavam cavando e a barreira aterrou. Aí morreram todos dois, né? Eu digo: “Eu? Cavar buraco pra me enterrar? Nunca! Vou voltar pra trás”.

E aí o pau comeu de dificuldade e nós nunca tinha visto! Eu nunca tinha passado necessidade na minha vida, eu nunca tinha visto miséria na minha vista, né? Eu só vivia no meio do bom... Aí quando cheguei aqui foi a maior dificuldade do mundo. Roçar estrada? Eu não sabia o que diabo era roçar estrada!

Eu não nego não, muitas vezes deu vontade de chorar na estrada de seringá, né? Com vontade de voltar. Eu tava com 14 pra 15 anos. Aquele negócio todo, aquela dificuldade medonha... Dizem que há o inferno, acho que é isso aqui. Eu ficava pensando: “Como é que o destino faz isso?”. Me lembrava de tudo que o pessoal falava pra mim, né? A minha irmã agarrada na mala chorando, pedindo pra mim não vir e eu: “Não, eu vou pra Amazônia e vou ganhar dinheiro! Eu vou ganhar dinheiro na Amazônia que aqui ninguém ganha dinheiro, eu vou é buscar dinheiro lá”. Negócio lá era de repente a gente enchia dois sacos de dinheiro e voltava pra trás, né? Era o ouro preto. A namorada do lado, né?

— “Não vai não, não vai não!”.

— “Tu me espera aí até 5 anos?”

— “Te espero!”

— “Então fica aí, água do meu coração, que eu tô voltando!”.

**— NUNCA QUE EU VOLTEI PRO
NORDESTE!**

O meu pessoal não queria que eu viesse não, mas o destino... E

aquela conversa entrou na minha cabeça e enfrentei. Foi um patrão quem me convenceu a vir, um carregador de gente. Nessa época, tinha gente que carregava. Um carregador de gente daqui, do Nordeste pra cá. Um cidadão que tinha apelido até de Pé de Sebo, porque ele era ensebado mesmo. Ele enganava os caras e trazia, né? Quando chegava aí negociava o cara e o cara vinha. Quando o cara cuidava que não, já tava negociado com outro. Mas, dessa vez, nós não viemos assim não, que nós viemos dentro de uma Companhia já. Mas o Pé de Sebo ainda andou lá, arrumando pra gente vir, né? Pra entrar na Companhia.

Eu sei que nós chegamos até aqui e aqui foi onde houve as necessidades! Eu trabalhei 3 anos no Gregório, aí passei pra cá pro Liberdade e fui enfrentar as dificuldades daqui também, né? Que aqui só não tinha peixe frito, mas miséria tinha muita! Era uma coisa só... Aonde eu falei que na época que o patrão tinha duas latas de leite pra assumir um bocado de freguês. Eu comprei meia e meu concunhado comprou meia.

**— NÓS CHEGAMOS NO SETE ESTRELAS,
SERINGAL QUE TEM ABAIXO DO KAXI-
NAWÁ...** Segue lembrando seu Nem de sua
chegada na Amazônia acreana.

E o barco não dava mais pra ir, fomos a pé. Nove horas de viagem! Aí, no outro dia, nós arrumamos as coisas, jogamos nas costas os bagulhozinhos. O patrão já tinha vindo na frente, ele veio em barco pequeno na frente e mandou um cidadão de lá vir que era pra ir mais nós, né? O cara veio e nós subimos pro Kaxinawá. Se mandemo no varadouro, cada qual com a carga nas costas, um bocado de cachaça, né? Os que bebiam era um bocado de cachaça, cada qual com uma arma nova, era uma animação medonha! Parece assim que ia pra uma coisa muito boa. Cada qual com sua espingarda nova, cartucho, como quem fosse pra guerra, entendeu?

Aí tiremo no rumo do Kaxinawá e chegamos na aldeia dos índios Katukinas. A aldeia dos Katukinas era do varadouro que ia pro Kaxinawá, né? Na metade. Lá se chamava Burra, os Katukinas moravam nessa aldeia chamada Burra. Chegamos nessa Burra era cinco horas da tarde.

O Assis era um dos meninos que era dono da aldeia, o pai dele tinha morrido e ele tinha ficado tomando de conta, mas era bem cabquinho novo. Mas ele tinha ficado tomando de conta da aldeia, o Assis. E era coisa que vinha pra nós comer, era banana assada, era caiçuma; e nós comia e bebia lá. E os caboco se meteram na pinga e o Assis disse:

— “Fazer festa”.

Eu disse:

— “Ah, o negócio aqui vai ser bonito mesmo!”

Aí vinha um arigó que ele trazia uma sanfona, e agora aí o pau comeu mesmo!

Aí a festa começou a rodar! Não tinha luz, lamparina, não tinha nada! O caboco acendeu um facho de sernambi, um pedaço de borracha deste tamanho assim, aí enfiou dentro de um caco cheio de areia, botou no chão no meio da aldeia. Clareou tudo! Vamos dançar ao redor do caco, né? Até o dia amanhecer! Amanheceu e o caboco disse:

— “Não, nós vamos mandar caboco caçar, matar caça e comer”.

Aí o cara que tinha ido buscar nós falou:

— “Não, nós vamos hoje mesmo”.

Enfim... O varadouro com lama no meio da perna! O varadouro era de boi andar, né? De carga, com borracha e mercadoria. Aí pegamos o varadouro com lama no meio das pernas...

Quando chegamos no tal Kaxinawá, era um campo grande. O barracão... Aí o pau comeu! Era tiro pra todo lado e pei! Pei! Pei! O patrão atirava lá, nós atirava cá até que nós chegamos, encheu o barracão.

Aí, quando foi no outro dia os cabocos chegaram tudo pra conhecer, né? O pessoal que tinha chegado. Era caboco e era tudo. Aí o chefe disse:

— “Ah! Hoje vamos pra maloca fazer festa!”.

Aí nós atravessamos pro outro lado ainda de dia, aí o pau comeu e a festa rodou! Aí a poeira tapou mesmo, se misturou mesmo cariú com caboco lá. Sei que foi 2 dias de festa...

Aí, eu digo:

— “Até aqui tá bom! Tá beleza!”.

Passou uma semana e quando foi na outra semana, o patrão foi e disse:

— “Agora vocês vão entrar pro centro pra trabalhar”.

— “Bora!”

Aí foi separando os caras, nós fomos nos separando, cada qual pra sua colocação. Eu pensei: “Rapaz, tá ruim!”. Companheiro tão se separando e ninguém sabe... Era duas horas, três horas de uma colocação pra outra, de um conhecido pra outro. Aí nós fomos pra uma que tem até pro lado aqui do Riozinho chamada Taquara. O mateiro veio deixar nós e disse:

— “É assim, vocês vão ficar aqui, aí vocês vão roçar as estradas”.

Deu uma voltinha com nós e foi embora! Acabou!

— NÓS TRABALHAMOS FEITO ESCRAVOS UMA PORÇÃO DE DIA PRA PAGAR ISSO AÍ!

Começa a relatar seu Nem sobre o ofício e a peleja de ser seringueiro e da proposta que o fez se aventurar por um curto período como marreteiro...

O patrão fez aviação de mercadoria pra gente trabalhar. Aquela mercadoria que nós fomos trabalhar pra roçar as estradas foi cara, quase que a gente não paga! Custou pra nós 900 mil réis. Quando nós acabamos de roçar a estrada, aprontar tudo, sem comprar os utensílios. De Eirunepé, que é onde entra a boca do Gregório até chegar o Kaxinawá, nós pagamos a passagem. O patrão cobrou as passagens e aí dentro dessa despesa ele jogou.

Aí depois que aprontamos todas as estradas, trabalhando sem

ganhar nada, né? Porque ninguém ganhava nada pra roçar estrada! Trabalhando sem ganhar nada... Trabalhando pra poder trabalhar pra poder ganhar. Aí vem o utensílio... Eu sei que era uma conta grande. E aí me deu tristeza. Eu não tinha costume de comprar nada, eu não tinha costume de dever nada a ninguém. Uma conta deste tamanho! Eu imaginava “eu vou morrer e nunca pago”. Aí começamos a cortar. Cortamos umas estradas ruim, ruim, ruim! Só era intaúba. Você taca a faca nela e você vê o leite que já vem, mas só é aquele instante ali e para, acabou, aí não dá mais.

Em um ano eu cortei 120 dias. Com 120 dias nas estradas boas, o seringueiro fazia mil, mil e poucos quilos. Eu fiz 460 quilos de borracha com 120 dias. Mas teve dia de eu defumar um litro de leite em 120 madeiras. Só intaúba mesmo. Aí quando foi no final do ano que pesou a borracha, aí nós viemos pro centro e eu só pensava... Cabeça deste tamanho de tanto pensar! Pensar na conta e não tinha produção, né? “Eu não sou porco, eu vim pra cá só pra comer?! Não, eu não sou porco não pra tá num canto só pra comer, eu quero é ganhar, eu vim pra ganhar”. Aí fiquei pensando... A cabeça grande.

Passei a noite sem dormir, só pensando. Quando cheguei do barracão...No outro dia, bem cedinho, falei:

— “Eu vou dizer uma coisa pra vocês, vocês combinaram comigo, vamos embora pro barracão, lá nós entrega as estradas pro cara. Aí o cara, se quiser, nós vamos botar em outras estradas boas. Nós vamos fazer o serviço, mas tem que dar estradas boas pra nós trabalhar”.

Aí os meninos combinaram:

— “Rumbora!”

— “Seu Mário, o senhor pode tomar de conta das suas estradas e dar pra outra pessoa, nós não vamos trabalhar lá mais não!”.

— “Rapaz, o que foi que aconteceu?”.

— “Nada! Nós não viemos pra cá só pra comer não. A estrada não presta, nós cortamos um horror de dia e não deu nada. Desse jeito nós nunca paga sua conta não, nós vamos embora!”.

— “Rapaz, faça isso não! Vocês cortaram muito, não faça isso não.”

— “Não, nós vamos embora! Eu não corto mais nenhum dia,

nem lá não vou mais”.

— “Rapaz, e se for pra fazer em outro serviço...”.

— “Se for boa a estrada...”.

Aí chegou o mateiro geral, que tinha o mateiro geral na firma. Aí foi e disse:

— “Rapaz, vou colocar vocês numa colocação boa se vocês quiserem ir. Agora, tá com 40 anos que foi trabalhado lá! Que trabalhou gente lá... Lá tá fechado, é na taboca!”. Dissemos:

— “Nós vamos!”.

Aí fomos! Roçamos na taboca. Foi seis meses de terçado direto mesmo pra abrir as estradas. Seis meses nós trabalhando! O mateiro abrindo as estradas e nós trabalhando. Era duas linhas de seringa, pra cá tinha uma linha de seringa, muitas colocações e outra pra esse lado e muitas colocações. Era na linha do Gregório que nós trabalhava, uma colocação chamada Maloqueiro. Agora, era boa de leite. Valeu a pena! Cortei o ano todinho, nós cortamos.

Quando foi no final do ano pegamos a borracha todinha e o guarda livro lá; que todo barracão tinha um guarda livro, né? Tirou as contas todinhas e o patrão bateu em cima do coisa e disse:

— “Você não deve nada mais aqui no barracão!”.

Tirei o saldo e ainda tinha 200 mil réis ainda. Aí eu me animei! Aí eu já tava tomando pinga. Aí eu digo:

— “Então esses 200 mil réis pode botar todo de quinado aqui”. Um vinho bem forte, um litrão desse tamanho, preto.

Aí ele arrastou uma caixa de quinado e jogou lá em cima de um tambor e eu chamei todo mundo que tava lá pra nós beber. Todo seringueiro que tava lá. Nesse dia foi uma bebedeira grande! Eu fiz isso e todos pediam, todos pediram. Quando terminava uma caixa, outro pedia outra. Passamos o dia todo mundo bebendo... Aí ele foi e disse:

— “Eu nunca tinha visto isso no barracão mas foi porque tu fez frente”.

Cara acostumado a pedir só um litrinho, uma garrafinha, uma coisa...

— “Mas tu pediu uma caixa aí todo mundo pediu uma caixa!”.

— AÍ MEU IRMÃO MORREU... MATARAM MEU IRMÃO E EU VIM EMBORA DESSA COLOCAÇÃO, VIM PARAR POR AQUI PELO RIOZINHO. Recorda seu Nem Soares sobre como veio parar no rio Liberdade.

Fiquei assim sem gosto, sem prazer de trabalhar lá. Aí vim embora, não pude fazer naa, né? Quando eu quis fazer o cara morreu também. Aí foi Deus que mandou, não era pra eu fazer o que não prestava e meu coração me pedia, né? Até que o cara morreu. Aí arriou minha cabeça pra baixo, virou o mundo pra baixo. Depois eu fui me aprumando, me aprumando devagar. Aí comecei a vir pra cá, andar pra umas festinhas por aqui, comecei a conhecer as meninas, né? Comecei a pensar: “Eu vou arranjar uma companheira que vou melhorar de situação, aprumar a minha vida”. Aí arranjei a companheira e... parei! E a gente parando é que continua a vida. Porque a gente só vive de cabeça pra baixo. Um dia é uma coisa, outro dia é outra, aquele negócio todo, né?

Eu deixei muita coisa boa pra trás, muita! Foram dadas muitas oportunidades, muitas coisas boas pra trás. Ainda hoje é assim, as pessoas gostam de mim, né? Não sei, aonde eu chegasse, a pessoa, o cara me escolhia, me chamava pra conversar e naquela conversa o cara queria já que eu fosse trabalhar com ele e era desse jeito.

Seu Valdemar, eu ainda trouxe o endereço dele de Manaus até aqui. Eu tava no porto sentado fora, assim num banco, eu tava sentado fora olhando a rua, o pessoal passando na rua e sentado. Fazia poucos dias que tinha chegado. Aí chegou o cidadão lá, ele andava atrás de gente pra trabalhar com ele, sabe? Aí eu tava sentado, ele passou, me olhou assim e aí entrou pra dentro que era muita gente, tava cheio de arigó que tinha vindo. Ele andou, virou e mexeu por lá e ficou, sentou-se perto de mim e começou a conversar. Aí conversando, ele perguntando, ele foi e disse:

— “Você quer ir trabalhar comigo?”.

— “Rapaz, não, eu não posso me desligar da companhia não. Tô

ligado nessa companhia, eu não posso”.

— “Mas se você quer trabalhar comigo aí eu vou falar com o chefe aí”.

— “Não”.

— “Mas você não quer passar ao menos uns dias mais eu lá no rio Negro?”

— “Rapaz... Eu nem sei”.

— “Pensa um pouco aí... Você é acostumado a lutar com animal? Você luta, já lutou com animal?”.

— “Ah, é meu esporte lá no Nordeste”.

— “Ah, eu tenho uns animais pra amansar lá, você quer ir?”.

Mas ele se interessou mesmo e eu digo:

— “Rapaz, eu nem sei...”.

— “Mas vamos lá ao menos conhecer”.

— “Então vamos. É longe?”.

— “Não, é perto. Dá oito horas de motor daqui pra lá, pra minha fazenda.”

— “Então bora!”

Foi lá, falei com o chefe e disse:

— “Rapaz, ninguém sabe o dia da saída porque isso aqui é por chamada, mas não demora não.”

— “Tá bom.”

Aí eu fui mais o homem pra lá, eu pensando: “Como é que a gente é doido desse jeito, conhecer o cara a primeira vez?! Sei lá pra onde esse homem vai me levar”. Aí seguimos, aí entramos... Mas ele era gente boa, a família dele, tinha umas meninas gente boa mesmo e quando cheguei lá ainda amansei dois cavalos pra ele. Aí bateu em cima de mim pra mim não sair mais, não vir mais simhora. Eu disse:

— “Rapaz, não, eu vou.”

— “Tem um menino em Manaus vou chamar ele pra conversar mais tu, ele é gente boa pra tu ficar aqui, que ele é dono disso aqui, a maioria é dele”.

Aí o rapaz veio e eu :

— “Não rapaz, eu tô nessa companhia, eu vou embora”.

E as meninas:

— “Não, fica aqui mais nós!”.

— “Não, vou ficar não”.

— “Não tá gostando não?”.

— “Tô, tô gostando daqui, mas não vou ficar não”.

Aí tinha uma aldeia de caboco amazonense puro, e eu me passei pra dentro dessa aldeia, quase que eu ficava lá mais o homem. Eu me passei! Lá nessa aldeia foi que o pessoal gostou de mim mesmo, né? Mas era caboco puro, tudo pintado! Sabe? Quando eu tinha uma folgazinha, eu tava lá no meio da aldeia mais os caboco amazonense mesmo, amazonense puro, puro mesmo. Aí pensei: “Rapaz, eu vou me embora desse negócio!”. Aonde eu chegava, o pessoal gostava muito de mim. Mas nunca fui enxerido não, nunca gostei de enxerimento, né? Mas assim, é tão bom né a gente gostar das pessoas?!

Quando eu cheguei aqui no Liberdade foi pra trabalhar para o Carlos Costa, aviado da Muquita. Eu vim e ele se deu muito comigo e tudo. Quando eu tava decidido a vir pra cá, né? Falei, só foi falar!

— “Pode vir!”.

Aí eu vim, cheguei, aí ele:

— “Rapaz, agora não tem colocação aberta, mas tu vai trabalhar com um cara”. Tinha um que a bananeira tinha caído em cima dele e ele tava doente.

Ele disse:

— “Tem um cara que não tá cortando, tu vai cortar de metade com ele”.

Aí eu cortei um ano todinho, de metade, com esse cara, e dividia a produção. Trabalhei de metade com ele. Mas foram sabidos, todos dois, tanto o patrão como o cara que eu tava cortando com ele, que ele devia muito e eu comecei a cortar. E nós fizemos muita borracha, eu paguei a conta dele. No final, quem pegou foi eu. Eu paguei a conta dele, o homem pegou toda a borracha, liquidou a conta dele e o que sobrou foi bem pouquinho o que eu ganhei. Não ganhei a metade não, porque ele foi fazer a partilha do produto depois que tinha pagado a conta do homem toda. Eu entrei pelo cano muitas vezes...

Eu fui trabalhar com o pai do Carlinhos, o Agostinho, né? Gente boa, cara bacana. Ele não me enganou não. De jeito nenhum! Rapaz, nesse meio passou uma cena comigo! Quando foi no final, que eu entreguei a borracha pra ele, toda borracha pra ele, digo:

— “Taí, Seu Chico, o senhor faz negócio lá com seu patrão” — que era o Maurício, né? — “Eu não tenho negócio com ele, o senhor faz negócio com seu patrão, aí recebe o dinheiro e passa pra mim”.

— “Tá beleza”.

Ele pegou a borracha e levou tudinho, levou lá, viu meu saldo: 400 e pouco. Comprava a ele também, que ele vendia as coisas, comprava alguma coisa que precisava, perfume essas coisas. Eu comprava corte pra calça, nesse tempo vinha o linho, né? Fazer calça. Tinha comprado umas calças de linho dele, sei que... meu saldo é esse. Aí ele chegou e disse:

— “Rapaz, tá aqui teu saldo”.

Mas o patrão não tinha dinheiro pra pagar o saldo. Aí ele disse:

— “Tá aqui, tua conta com teu saldo, tá aqui. Agora, Seu Maurício não tinha o dinheiro pra pagar, mas disse que depois, quando ele viesse buscar a borracha, ele ia trazer dinheiro pra pagar o saldo dos pessoal que tiraram saldo.”

Não foi só eu, foi um bocado. Tá beleza. Aí ele disse:

— “Ele disse se tu quisesse comprar uma mercadoria pra marretar, ele vende mercadoria pra marretar, o que quiser”.

Aí tive pensando... eu cresci o olho! Eu penso: “Vou pegar mercadoria, esse dinheiro em mercadoria, aí eu vou ganhar mais”. Até que disse:

— “Seu Chico, o senhor pode fazer o negócio lá com o homem, o senhor traz mercadoria pra mim, perfume, o senhor traz pra mim, pano pra roupa. Vai lá, compra tudo lá. O senhor compre mais perfume.”

Eu sabia que o perfume dava muito resultado aqui dentro. Tá, beleza. Ele foi, chegou lá comprou, né? Trouxe tudinho, direitinho. Quanto foi, quanto não foi, quanto não foi... Aí ele me ajudou a fazer, a tomar de quanto eu ia vender, quanto eu ia ganhar, né? Beleza. Peguei uma bolsa de carregar roupa, bolsa encauchada grande, né? Cheinha, cheinha mesmo! Joguei nas costas, digo: “agora vou vender lá no outro seringal, que era o Kaxinawá”. O patrão, ave Maria! O cara vendesse um princípio fora... era uma coisa! Aí eu fui com a bolsada! Cheguei na primeira colocação:

— “Rapaz, eu trago um bocado de coisa aqui, perfume e tudo”.

— “Rapaz, eu não vou comprar porque não tenho dinheiro, mas tivesse dinheiro eu ia comprar. Tu recebe em borracha?”.

— “Recebo, marrapaz, mas recebo mesmo”.

Aí o cara se passou-se, né?! Com um bocado de coisa no valor de 50 e poucos quilos de borracha... Uma péla de borracha. Aí, eu falei:

— “Tu vai deixar pra mim lá na Divisão, levar daqui não levo não, mas lá da Divisão. Depois que tiver lá em cima da terra da Divisão, pra lá pode deixar comigo.”.

— “Tá bom.”.

Eu sei que descí. E pra encurtar a conversa, eu vendi tudo fiado! Eu vendi à vista, três ou quatro vidros de extrato, tinha o lança perfume, tinha tudo! Tudo era coisa boa, né? Vendi tudo de repente. Entrei dentro da aldeia, vendi pros caboco e quando eu fui receber... Tchau, bacurau! Rapaz, o patrão... quando eu cheguei lá o patrão me chamou:

— “Rapaz, as coisas que você vendeu pra fulano, beltrano, tudo me deve. Enquanto eles não pagarem essa minha conta, eles não podem tirar um quilo de borracha pra ninguém.”.

Tinha mais nada a fazer, já tinha vendido, né? Fui pra dentro da aldeia, aí os caboco não pagaram de jeito nenhum. Aí o Antônio Luiz disse:

— “Rapaz, se tu tem me dito, tu vendeu sem me avisar, se tu tem me avisado eles iam pagar tudinho. Pagavam. Eu ia fazer eles pagar, mas tu não me avisou nada... Eu ia dizer quem era o caboco que pagava e que não pagava.”

Quem perdeu foi eu, fiquei só com o saco seco na estopa! Tudo eu passei aqui! Eu nunca mais quis saber de vender nada!

— A VIDA É ESSA MESMO: TRABALHAR, CORTAVA SERINGA, NÉ? Relembra seu Nem de como era a vida na estrada de seringa...

Cortava duas estradas, fazia a borrachazinha, vendia pro patrão, comprava aquele pouco de mercadoria e fomos levando a vida e vamos construindo família, né? Caçando, matando caça, comendo, né? Diversão não tinha nenhuma, diversão era só nós dois mesmo, né? Vivemos lá muito tempo e depois nós fomos pra outra colocação, lá pro São Sebastião. Depois eu resolvi baixar mais um pouco e abrir uma colocação virgem no Socó. Aí do Socó eu vim pra cá e aqui eu tô, há 30 anos, não sei quando vou sair, se é quando morrer, não sei...

Eu morei na cidade, eu nunca gostei de cidade não. Morei dentro de Fortaleza oito anos, dentro desses oito anos que fiquei em Fortaleza, nessa casa que meu pai me deu, que era nossa, nós vivia lá depois... Ele me deu a casa... Eu acho que não passei nem dois anos morando em Fortaleza. Eu chegava numa semana e na outra semana eu ia pra fazenda, meu negócio era na fazenda. Eu ia pra fazenda e pronto, eu só vinha quando ele ia me buscar! Ele:

— “Não, não posso passar sem você não! Você tem que tá lá!” e tal e tal e tal. Aí eu voltava mais ele. Passava a semana eu arrumado, queria, ia pro trabalho, trabalhando, né? Quando ele chegava, eu já tinha sumido e ele já sabia pra onde eu tava! Eu vou sair do paraíso pra morar no inferno?! Nunca!

SEU ZÉ NENÉM E A PRAIA DE MELANCIA⁴

Desde que comecei a andar pelas comunidades da Reserva Extrativista Riozinho da Liberdade em 2018, muitas pessoas me falaram sobre Seu Zé Neném. Figura icônica, arigó, cearense de Juazeiro do Norte, poderoso rezador, mestre da floresta, antigo transformado em mito do rio Liberdade. Naquela época, eu jamais imaginaria que viria a gerar uma de suas tataranetas...

Uma das primeiras histórias que ouvi a seu respeito foi a da Praia de Melancia. Se você é do Liberdade pode ser que já tenha ouvido também. Logo também me apresentaram Zé Neném como o homem que de 100 pragas rogou, 99 pegou. Quando uma não pegou, ele parou de rogar! Não é verdade, meu caro leitor do rio Liberdade? Bom, a primeira versão da Praia de Melancia contava assim...

No tempo da seringa, muitos anos atrás, um homem ia baixando no batelão de varejão no rio e avistou então uma praia de melancia. Com fome, parou para se deliciar com as melancias que já estavam



⁴Escrito por Tatiane Silva Sousa.

maduras. O que o homem desavisado não sabia era que a praia de melancia era de Seu Zé Neném. O velho avistando o homem pegando suas melancias, lhe rogou uma praga: O homem ia baixar o rio e o varejão ia quebrar. Quando ele colocasse os pés no seco a cobra ia picar, quando ele corresse pra água a arraia ia ferir.

E de fato, tudo isso veio a acontecer! Brinca! Assim, afirmam todos aqueles que me contaram essa versão do mito. Mas essa não é a única versão da história!

A outra versão foi Seu Nem Soares que me contou. Outro cearense, rezador, um dos antigos mais importantes e respeitados do rio Liberdade. Pois bem, Seu Nem Soares era amigo de Seu Zé Neném e me contou que, na verdade, o homem além de comer a melancia madura, cortou todas as verdes que ficaram na praia. O velho ficou chateado, não teria se importado se o homem tivesse apenas se alimentado. Se assim tivesse acontecido, Seu Zé Neném nada teria feito. Por que oras, quem negaria uma melancia a um cidadão com fome em pleno verão, justamente no tempo da melancia!? Não é mesmo!?



Mas espera aí, essa história ainda não terminou! Faltou o final da praga que foi rogada.

Depois que tudo aquilo acontecesse, o homem iria até Seu Zé Neném. O velho queria saber quem havia feito aquilo! Segundo Nem Soares, Zé Neném disse que queria ver a cara do cidadão. Seu Zé Neném era um homem muito sabido, foi ele quem ensinou Seu Nem Soares a rezar. Quando o velho ainda era vivo, há muito tempo atrás mesmo, ofereceram muito dinheiro a ele para que ensinasse tudo aquilo que sabia, mas ele se negou. Quis ensinar apenas ao Seu Nem, pois para aprender era preciso ter bom coração, outra pessoa poderia usar aquela ciência para fazer o mal às pessoas e Zé Neném sabia bem disso.

Pois bem, finalizando a história, como Zé Neném rezava e curava pra picada de cobra, levaram o homem até sua casa. Onde então foi curado por Seu Zé Neném, o homem que de 100 pragas que rogou, 99 pegou!



RAIMUNDA SANTANA, UMA MESTRA DA FLORESTA⁵

Estávamos todos reunidos para honrar a memória dos antigos. Sentados na varanda da casa, a garrafa de café estava posta. Alguns bebiam saudades, outros serviam alegria, recordando daquela que foi a maior curandeira do rio Liberdade, dona Raimunda Santana. Ela nasceu e se criou no rio Liberdade. Viveu parte de sua vida migrando de colocação em colocação no território que hoje conhecemos como Reserva Extrativista Riozinho da Liberdade. Junto de seu esposo, Raimundo Henrique da Costa, fundou com sua família a comunidade Morro da Pedra, onde seus descendentes vivem até hoje, cuidando do legado da floresta que seus antigos deixaram.

Desde criança, tinha o dom da cura. Aprendeu a rezar, benzer, conhecia todos os remédios da mata e aqueles que ainda hoje plantamos em nossos terreiros. Parteira fina, mãe de umbigo de mais de uma centena de meninos. Curava com as mãos, com as palavras e com o auxílio dos encantados da água.

Dona Branca, sua filha caçula, iniciou então nossa reunião recordando de nossa querida Mestre Raimunda Santana.

— A MINHA MÃE TRABALHAVA COM CABOCO.

Ela era espírita, né? Curava todo tipo de doença. Ela fazia o remédio caseiro, remédio em casa. Inclusive... Eu tava até falando outro dia sobre a questão do câncer, né? Que ela curava com a babosa.

E aí... Vários remédios que ela ensinava. Tirava espírito, cafanjé

⁵Escrito por: Maria Renilda Santana da Costa (Branca), Maria Ozilda Santana da Costa (Rosinha), Tatiane Silva Sousa, Lorival Monteiro, Valcirlene Martins Miranda e Hilaritssa Moura Barbosa .

das pessoas também, ela tirava. Ela começou a trabalhar como benzedeira desde quando era criança mesmo. Aí ela curava as pessoas, tinha as experiências dela lá, benzia, curava. Ela curava pra vento caído e mal do ar, que é o derrame. Curava mal de criança. E ela ensinava muitos remédios medicinais, plantas medicinais. Remédio com alho, com o tipi, vários tipos de plantas. Não sei se eu lembro todos.

Valcirlene: O Seu Lorival também contou que ela, tipo assim, tirava questão de macumba que a pessoa jogava...

Branca: Tirava sim.

Valcirlene: Ela trabalhava com os cabocos da linha da água. A senhora participou de alguma... Como é que falava? Algum trabalho dela, assim?

Branca: Eu participei de trabalho, mas assim, eu fui curada por ela também, né? Assim, as curas que ela fazia. Eu observava muito o trabalho dela. Quando ela estava fazendo as curas nas pessoas, a gente estava ali por perto. Tinha que ter alguém, por perto dela, era o filho ou o pai. Ou, digamos assim, ou meu pai ou nós filhos, né?

Valcirlene: Tinha muito preconceito, Dona Branca, na época?

Branca: Na época não tinha tanto preconceito. No caso, o pessoal procurava muito ela para fazer o trabalho. Tinha algumas pessoas que não acreditavam muito, né? No caso dos evangélicos, essas coisas. Assim, as pessoas não acreditavam muito, né? Mas não tinha tanto preconceito como hoje às vezes tem, né?

Valcirlene: A senhora acha que hoje tem mais do que antes?

Branca: Tem mais do que antes!

Valcirlene: O pessoal se valia mais, né?

Branca: Era. Antes, o pessoal se valia mais. Na questão da medicina que ela trabalhava, no caso, ensinava bastante chá, curava o povo ensinando remédio caseiro. Também, assim, da casa, ela tinha uma experiência sobre isso, né? O pessoal procurava muito. Tinha um tempo que a casa da minha mãe ficava cheia de gente. Trinta pessoas, quarenta pessoas na casa. Iam atrás de se curar. Pessoas que foram enganadas pelos médicos em Manaus. Vinha gente de Manaus lá pra casa dela!

Valcirlene: Minha nossa!

Branca: Teve uma mulher que veio do Rio de Janeiro, veio lá pra casa dela. Ela fez uma experiência dela lá, o medicamento, ficou boa. Eu não me lembro muito bem o nome da mulher. Não me lembro a época também...

Valcirlene: E ela não cobrava nada?

Branca: Não, não cobrava nada. Trabalho voluntário mesmo. No caso assim, ela tirava os espíritos se atuavam, né? Isso me marcou porque vinha muita gente. Uma outra coisa também, pessoas que tinham problema mental. Ela curava muito o problema mental. Eu não sei como, mas... Ia lá pra casa dela. As pessoas às vezes iam doido pra lá e voltavam boas. Bonzinho!

Ó... Tinha um caboco que chamava ele de Arlindo, que esse era muito marcante nas pessoas, porque as pessoas gostavam muito dele. Primeiro, quando chegava, as pessoas procuravam uma vez, às vezes voltavam novamente lá, já procuravam por esse caboco Arlindo. Quando incorporava, ela mudava a fala, mudava a afeição, ela ficava totalmente diferente mesmo. Até a visão dela mudava.

Valcirlene: E vocês não tinham medo, não?

Branca: Não, eu não tinha medo, porque ela sempre trabalhou só pelo bem, né? Ela não trabalhava assim... Digamos... Ela retirava macumba, mas não colocava macumba.

Valcirlene: Tirando as coisas ruins.

Branca: Só tirava.

Valcirlene: O Seu Lourival falou isso. E ela nunca ensinou nada disso pra vocês, não?

Branca: Não. Pra mim, porque eu nunca me interessei em aprender. A gente não tinha medo, mas não era assim o meu perfil lutar com esse tipo de trabalho... Incorporar caboco em mim, assim, eu não... Não era muito disso, né?

Valcirlene: Uhum. E ela aprendeu com quem, hein?

Branca: Ela aprendeu com uma mulher chamada Maria Mercê. Ela era do Igarapé Campinas, essa mulher. Agora, eu não sei com quem essa mulher aprendeu. Porque a vidente... A minha mãe sempre falava que a pessoa pra ser vidente, né? No caso, trabalhar com caboco já era uma... Como é que diz?

Um dom mesmo, de criança. E a minha mãe tinha esse dom desde criança. O que ela aprendeu foi só assim, ela já tinha o dom e essa mulher ajudou ela a colocar na prática o dom que ela tinha, né? Tinha que fazer as curas pra limpar bem o corpo, a parte corporal da pessoa, pra poder os cabocos se encostar. Não era também qualquer caboco, qualquer caboco que se encostava, né?

Tinha aqueles certo. Uma história que eu posso contar como testemunho mesmo, que eu quero compartilhar mesmo essa história da minha mãe, do meu pai. Que a gente adoecia, ninguém procurava médico na época, ela curava os filhos de casa, a gente é testemunho disso. Hoje eu tô aqui no médico, fazendo exames e tudo mais, se ela fosse viva, eu acredito que talvez eu não tivesse ido ao médico, teria ficado boa lá mesmo. Uma história meio...

E uma coisa que ficou muito marcante na minha vida foi o tempo que ela viveu, né. A presença dela na minha vida, quer dizer, a ausência dela na minha vida hoje pra mim é assim... Como uma coisa que a gente traz de lá, uma lembrança que não acaba, pensando cada

dor que eu sinto, seja uma dor de dente, seja uma dor de cabeça, seja uma febre, seja o que for, a lembrança vem nela! Muitas e muitas vezes até eu lembro: “Minha mãe me ajudava, né.” Ali é uma história marcante que ficou na vida, foi a convivência minha com a minha mãe, que eu quero compartilhar isso com as pessoas porque essa é marcante, uma história marcante mesmo que ficou ali.

E como testemunho, né. Eu posso usar ela como testemunho disso, dessa história, porque foi uma coisa que aconteceu. Eu sentia uma dor de barriga, minha mãe curava. Eu sentia dor de dente, minha mãe curava. Eu sentia dor de cabeça, ela curava, né. Sentia uma febre, fazia um chazinho pra passar. Então eu me sentia protegida com ela. E até na hora de ganhar meus meninos, minha mãe que pegava. Ela era parteira também. Então eu tenho esse testemunho.

O mundo podia acabar, mas ela estava ali, né. Eu me sentia muito protegida! Então eu tenho isso como testemunho e quero compartilhar essa história. De dizer, pra quem tem mãe, valorizar a sua mãe, porque a minha era muito valorizada pra mim. No momento que ela se foi ficou um vazio no meu coração, na minha vida. Então, na minha casa ficou um vazio. Porque ali, eu nunca tirei minha casa assim pra morar longe dela, era perto.

Quando ela via que eu não aparecia lá, cedinho ela já vinha lá saber o que eu queria, o que eu tinha, o que aconteceu. Então era aqueles cuidados que ela tinha pra cada um dos filhos, né. E se um dia a gente conseguir um posto de saúde, vai ser registrado em nome da minha mãe. Esse posto de saúde não vai ser masculino, ele vai ser feminino!

Valcirlene: Chega eu me arrepiei, ó! Porque ela também trabalhava com a saúde, curando.

Branca: Ela cuidava da saúde das pessoas. Então, eu tenho o sonho de construir um posto de saúde na minha comunidade. Pelo menos, eu queria conseguir um laboratório para furar dedo, fazer exame de malária, ter algum atendimento dessa forma. Mesmo que fosse de madeira lá, eu queria construído e colocar o nome dela para depois a gente poder retribuir. Eu tenho fé em Deus que eu vou fa-

zer isso! Fazer um prédio pequeno e colocar o nome lá. E chamar a atenção das autoridades, claro!

Os filhos, netos, bisnetos e tataranetos, toda a parentada de Raimunda Santana e Raimundo Henrique da Costa que estavam presentes, ficaram emocionados com o depoimento marcante de dona Branca. Neste momento da reunião, demos uma pausa para tomar fôlego. Alguns choraram de saudades, outros se abraçaram e sorriram ao recordar de nossa querida Mestra da Floresta. Após alguns instantes, nossa amiga Valcirlene puxou o assunto...

— E HISTÓRIAS DE BOTO, DE ENCANTE?

Neste momento, Seu Lorival bem lembrou!

Rapaz, finalmente tudo isso existe. A Santana trabalhava com esse pessoal. Tem um cara que morava ali... Acima da balsa morreu um cara, era primo legítimo da Soledad, minha esposa, ele morreu afogado ali e ele ainda me curou.

Valcirlene: Ele foi encantado?

Lorival: Foi encantado, segundo ele. Que ele ainda me fez cura, ele veio encantado, ainda veio por ali através da Santana velha. A Santana só trabalhava com caboco, gente que já morreu, trabalhava ali. Ela fazia um trabalho do bem, mas só fazia com essas coisas. A Santana... Isso eu ainda vi cabra chegar assim, que nem tu, na Santana. Que os cabocos bebem cachaça, né?

Valcirlene: Cachaça e fuma, né?

Lorival: Bebia uma garrafa de cachaça todinha.

Valcirlene: Mas como que era? Era a pessoa mesmo?

Lorival: Era ela que bebia, mas não era ela que tava bebendo,

quem tava bebendo era o caboco. Parecia que ela tava dormindo mas acordada. O negócio dele tá no espírito, só que na hora a alma dela, quando ela trabalhava com essas coisas, quando esse caboco tá pra chegar o espírito dela sai. Aí aquele outro que se localiza nela, aí não era ela quem tava bebendo, era o caboco que tava bebendo.

Valcirlene: E aí depois que... O senhor ainda participou de algum trabalho dela, da Dona Raimunda?

Lorival: Ave Maria! Ela me curou foi muito! Jogaram feitiço em mim, botaram lá acolá, no Jurupari. Se ela não me cura eu tinha morrido com um negócio de caranguejeira nas minhas costas, andando e queimando. E meus olhos faziam lapo, lapo, lapo, que eu já tava em tempo de ficar doido. Aí ela chamava os cabocos e era quase que nem conversando aqui, ela curava. Ela mudava... Cada um que chegava ela falava uma fala diferente. Ela mudava, ela ficava assim, ó. Aí gostava de tomar um cafezinho. O caboco saía de Manaus, gastava parece que era quinze ou era oito segundos de Manaus pra chegar alí, ó. Ela ficava... Batendo o pezinho... Aí quando ela se assustava, ele já tinha entrado nela! Aí aquele falava uma coisa, quando chamava o outro a fala já era diferente. E tinha mais, pra toda essa coisa tinha um chefe. Tinha, que eu me esqueço o nome dele...

Valcirlene: O Arlindo, né? Tinha o Seu Arlindo, dos cabocos dela.

Lorival: Isso! Era ele! Ah, essa eu sei contar! Foi o caboco Arlindo que me contou... Um dia ele tava numa praia tomando cachaça lá mais as companheiras, aí diz ele que tinha uma preta velha e se passaram na peia. E foi chegando os cabocos e o pau comeu! Foi preciso o chefe deles chegar, aí chegou nesse dia pra desapartar essa briga e disse: — “Bom, de hoje pra diante eu não vou beber mais cachaça, mas se algum de vocês beberem cachaça vai ser punido”. Aí dessa vez pra diante ninguém mais bebeu cachaça do pessoal que trabalhava com a Santana. Porque tem outras mulheres por aí... Que a Santana só trabalhava com gente boa, mas tem outras pessoas por aí, que nem tinha uma mulher acolá que trabalhava com um bom e

três ruim. Aí esses ruins é que botam feitiço, esses ruins é que faziam isso, faziam. Esses ruins é que se atuavam em mim, iam me matar doido, mordendo todo mundo, que não tinha quem me segurasse. E a Santana me curou! Queria dar esse depoimento pra ficar registrado que a Santana me curou.

Dona Rosinha então toma a palavra...

**— A MINHA MÃE ERA PARTEIRA, REZA-
DORA, VIDENTE E AGRICULTORA.**

Ela pegou mais de 160 meninos, ela anotava os meninos que ela ia pegando, ela anotava em um pedacinho de pau, 160 meninos minha mãe pegou. Enfim, minha mãe também era benzedeira, né?

Tatiane: E ela era vidente, né?

Rosinha: Era, ela cuidou de muita gente na época, era muita conhecida em muitos cantos, ela não é conhecida em muitos cantos de vista, né? Mas por nome ela foi muito bem falada, até em Brasília minha mãe foi muito bem falada. Ela curou muita gente mesmo! Vinha gente de Rio Branco, chegava de 50 pessoas na nossa casa, cansei de ver 50 pessoas na nossa casa e a casa não cabia. A casa era grande, mas não cabia. Aí iam pra casa dos vizinhos, pra casa de farinha, pro defumador, né? Ai lotava mesmo, gente em cima dos outros!

A risada foi geral!

Infelizmente minha mãe veio a falecer em 2016 com 82 anos. A gente passou muita situação difícil no tempo da seringa. Nós passamos crise de farinha duas vezes, que deu a crise geral! Agora, o que nós fazia quando não tinha farinha? A gente ia pra mata, juntava cocão, quando chegava... Agora aí é ruim! Nós juntava o cocão, fazia duas, três rumas de coco, fazia e nós ia descascar. Descascava todos, tirava os talos e aí minha mãe passava pro ralo mais o meu pai. Ia

ralar. Aí era cada qual com um ralo que meu pai fazia. Ralando coco! Ralava aquela massa, nós botava de molho, quando aquela água estava encarnada, a minha mãe derramava. Sei que ela colocava em nove águas, quando terminava meu pai espremia no pano, que ele comprava o pano já e minha mãe ia fazer o pão. Minha filha, quando a gente ia comer, a gente comia porque comia, travava tanto, meu Deus do céu!

Amargava, travava, sabe? Aí todo dia fazia pão. Nós ia pro roçado, nós pequenos, né? Nós ia pro roçado e meu pai ia pra estrada cortar seringa mais o meu irmão mais velho, Bebê. A minha mãe ia pra roça mais as minhas irmãs, Maricota e a Cilda. Eu e minha outra irmã, Gilda, ia arrancar canapum, apanhar aqueles canapum, nós juntava um litro, dois litros de canapum. Quando chegava, minha mãe chegava às nove horas do roçado, aí iam comer aquele canapum, que não tinha farinha, comia canapum com um monte de carne... Deu uma crise de farinha geral, em todo canto!

Que na época o patrão, o Seu Cézar levava farinha pra nós lá. Aí nós juntava aqueles dois litros de canapum, a mãe vinha mais as meninas e comia, voltava pro roçado de novo. E nós ia pro outro roçado que tinha canapum, ia juntar canapum. Quando era 11 horas a gente comia esse canapum. Aí quando era uma hora, duas horas, elas voltavam pro roçado de novo e nós ia pro outro de novo, juntar canapum de novo. Quando é de noite, vamos ralar massa pro outro dia fazer pão de massa de cocão.

E quando eu mais a Cilda não gostava, nós ia pro roçado, quebrava o milho e trazia. A mãe fazia nós ralar pra fazer o pão de milho, para fazer o pão pra nós comer com carne. Eu gosto, ainda hoje eu gosto... Às vezes eu canso de dizer para os meninos aqui, vocês estudem que é pra vocês serem alguma coisa na vida, porque a gente não tem nem mamãe e nem papai todo dia pra tá dando nada pra ninguém não. Quando meu pai morreu mais a minha mãe, eu sofri muito na minha vida... Ela marcou profundamente a vida de todos nós.

Como disse Dona Branca, quem tem pai e quem tem mãe, valorize. Eu digo a vocês, aproveitem a companhia dos seus, desfrutem com alegria de cada momento que ficará marcado em sua memória.

O TEMPO DA
LAPISEIRA





O TEMPO DA LAPISEIRA⁶

Naquele dia, o povo do Liberdade estava reunido para mais uma farinhada. Ia ter farinha amarela e farinha branca, de comer. Algumas pessoas lavavam as mandiocas, outras as polvilhavam com açafraão, outras ainda iriam cevar e também tirar a goma para fazer tapioca no forno. Entre uma atividade e outra, iam compartilhando suas experiências como alunos e professores...

— AGORA EU VOU TER QUE ME ARRUMAR E IR PRA ESCOLA, disse Narisson, enquanto estava partindo mais lenha pra deixar para aqueles que estavam se dedicando nas atividades de escaldar e torrar.

⁶ Escrito por: Francisco Albecir Brito da Silva, Maria Renilda Santana da Costa (Branca), Maria Flaviana Alves da Silva, Maria Ozilda Santana da Costa (Rosinha), Erivaldo da Costa Conceição, Manoel Ferreira de Souza (Nem Soares), Tatiane Silva Sousa, Leonísia Moura Fernandes e Valcirlene Martins Miranda.

Rosinha: No tempo de hoje é uma facilidade danada. Aqui de primeiro não existia escola, um curso, hoje tem curso pra todo lado, você não faz se você não quiser.

Erivaldo: Queria ver era no meu tempo, que a gente criança ia cortar seringa cedinho e tinha que correr na estrada pra ganhar tempo porque tinha que tá na escola no máximo uma e meia, duas horas. O professor já sabia que a gente tinha essas atividades assim e que os filhos dele também faziam, mas nós chegávamos em casa e aí eu ia cuidar do leite, a minha irmã ia cuidar de pegar a nossa roupa e a comida e a gente corria pelo caminho comendo e ia andando pra ganhar tempo. Era a escola lá no igarapé Sananga, afluente do Forquilha. A gente ia de lá da onde a gente morava e andava aproximadamente correndo mais de 20 minutos, 25 minutos.

Normalmente, no inverno, tinha muita lama mesmo, a gente atravessava um igarapé às vezes nadando e, quando a gente chegava lá em cima, a escola era do outro lado do igarapé. Na maioria das vezes, a gente aproveitava pra tomar um banho na travessia. Aí trocava de roupa e ficava até às cinco na escola, aí voltava de novo pra casa.

Albecir: Pois quando eu fui à escola eu já tinha 12 anos, mas eu já sabia ler e escrever. Eu caminhava duas horas e meia pra chegar na escola. Duas horas e meia pra ir, duas horas e meia pra voltar. Tanto é que, muitas vezes, já pro final de semana, ou já nos últimos anos, eu ia na quarta-feira e ficava lá na comunidade onde havia a escola e só vinha sábado de tarde pra casa porque era muito cansativo. Eu saía de madrugada pra chegar às sete e meia na escola e saía meio dia pra chegar à tardinha em casa. Então era muito cansativo. Só que tinha um lado bom, eu levava minha espingarda nos caminhos e a maioria dos dias eu chegava com alguma coisa pra comer. Já trazia o rancho, tá? Eu levava a faca, espingarda e tudo. Chegava perto da escola, eu guardava e ia estudar.

Rosinha: De primeiro, nós não tínhamos escola, muitas vezes os pais queriam ver seus filhos estudando e pagavam as pessoas pra ensinar seus filhos a lerem. A merenda antigamente era mandioca

com leite de coco e com verdura. E hoje tem gente que reclama. Minha nossa, hoje os filhos de vocês estão numa vida de rosas porque hoje tem merenda, tem escola. Antigamente não tinha escola, você fazia uma cobertura, ia enchendo de rolinho de pau e enfiava no chão, pregando as tábuas e faziam os bancos pros seus filhos estudarem no barro, né? Hoje não, hoje as crianças têm uma escola de boa qualidade e merenda, porque antigamente não tinha.

Nós estudamos com o Zé Bezerra, estudamos três meses. As minhas irmãs, Cilda e Maricota iam tirar coco, botava macaxeira no fogo, botava verdura dentro, cozinhava e botava na cabeça e ia deixar pra nós, era nossa merenda, porque não tinha merenda pra ninguém. E hoje eu vejo uma criança dizendo: “— Ah, não vou estudar porque não tem merenda”. Meu filho, pelo amor de Deus, aproveite essa oportunidade porque na minha época não tinha, né? Quando apareceu essa escola, o professor deu aula três vezes e foi embora, aí estudamos mais três meses com a Maria Luiza e pronto, os professores saíram, foram todos embora.

Branca: É verdade, minha irmã. Eu mesma passei por muitas dificuldades pra conseguir estudar também. Que eu cortei a seringa, depois da seringa, eu não sabia ler nem escrever e estudei no Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos, que foi do Alfa 100⁷, na época do Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA). Fui alfabetizada no MOVA. E depois eu estudei na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Estudei no EJA do primeiro e quinto ano. E eu estudava e dava aula ainda por cima!

Eu saía da escola cinco horas da tarde. Eu trabalhava no roçado, eu estudava e dava aula. Então, eu ia pro roçado de manhã, à tarde eu ia pra escola, quando era cinco horas eu saía correndo pra estar na minha sala de aula sete horas da noite pra alfabetizar meus alunos.

Valcirlene: A senhora ia como?

Branca: Ia caminhando, com a poronguinha na mão.

⁷Programa de alfabetização de adultos.

Valcirlene: Quando a senhora começou a dar aula, a senhora tinha que série? E a senhora estudava onde?

Branca: Eu estudava na escola São Francisco, ali abaixo do lado de casa. Eu tinha só a quarta série. Depois eu estudei no EJA, que fiz do primeiro ao quarto. E a partir daí, na época, a pessoa que tinha a quarta série podia trabalhar com a alfabetização de jovens e adultos, né? Que era do MOVA. E eu fui trabalhar com esse aí, porque eu também na época não tinha o Bolsa Família, não tinha renda nenhuma. Então eu fui trabalhar com esse daí pra poder manter os estudos dos meus meninos. 2011 eu tive no sexto ano, 2012 no sétimo ano. E desisti de estudar porque eu tinha que manter eles na escola. Não era fácil pra uma mãe de família. Aí, a partir daí, de 2012 pra frente exigiram o “Quero Ler”, e “Quero Ler” era só para quem tinha o ensino médio e eu não tinha pontuação. Aí foi onde eu parei, porque eu não tinha o ensino médio na época.

A nossa cola era o leite da seringa. Como a gente tinha cortado a seringa, sabia que a seringa é valorizada. Eu sou filha de seringueiro, cortei seringa e sou apaixonada ainda pela seringa até hoje. Aí a gente pegava o aluno e colocava pra cortar, pra trazer a nossa cola, pra colar os nossos cartazes.

Valcirlene: Conte mais aí como era isso, dona Branca.

Branca: Eu me lembro que quando eu estudava, eu tive o desejo de um dia passar o que eu tinha aprendido pra alguém. Aí, quando eu tava tendo esse programa de alfabetização do MOVA, como eu já sabia, eu tinha do primeiro e quinto ano, me convocaram pra trabalhar num centro com 12 alunos, ganhando 15 reais por aluno na época. E eu fui pra lá e consegui alfabetizar esses alunos. 2011 e 2012 eu estudava na Escola São Francisco. Só que eu trabalhava numa escolinha lá dentro do Monteiro, pra alfabetizar esses jovens que estavam lá. Não só os jovens, mas as pessoas que não tiveram a oportunidade de chegar até a escola pra estudar. E lá a gente criou uma escolinha. Foi feita uma escolinha toda no artesanal. Como eu sou, quer dizer, ambiental, né? Fui com os alunos, a gente tirou a

madeira, fizemos essa casinha, cobrimos e fizemos essa casa toda sem ter prego na casa, né? Fizemos ela toda do jeito de antigamente.

Valcirlene: Aí faziam como?

Branca: A gente cobriu ela de palha, foi feita de paxiúba, ela foi armada da forma que o meu pai fazia as casas, fazia a orelhazinha nos esteios, colocava a linha na cabeça dos esteios, amarrava com cipó e a gente fez um espaço. Não tinha um espaço pra dar aula, então a gente fez um espaço, colocamos lá. A iluminação era praticamente com a poronga. Era poronga na época. Aí, então, depois da poronga, a gente conseguiu um lampião, que a gente colocava lá pra trabalhar com o lampião, mas antes disso era com a poronga. Vindo pra casa, todo mundo tinha suas porongas pra ir pra casa, né, tudo mais.

E aí, eu trabalhei com meus alunos quatro operações de conta, que a gente trabalhava na alfabetização com eles, a gente usando o plantio que a gente plantava. E a gente usava o feijão, o milho, o arroz, a roça e outras plantas mais de produto, de madeira. Podia ser o pau que fosse. Ali perto, a gente usou um plantiozinho pra gente trabalhar matemática e trabalhar português com eles ao mesmo tempo. Era desse jeito.

- “Faltou giz?”

- “Faltou”.

- “Vamos lá no carvão, lá na nossa lenha que nós queimamos e vamos criar nossas palavras lá no quadro, vamos escrever elas, de alguma forma vamos escrever”.

- “Acabou a nossa cola? Vamos lá na seringueira, não vai ficar ninguém empiaado sem aula”.

- “Tá bom. Ah, mas não tem o desenho do que a gente vai fazer”.

- “Ah, não?”

- “Não”.

- Vamos lá na coisa, pega uma folha de qualquer pau aí traz, você conhece pau? Conhece. Então coloca lá. A folha do cedro”.

Ficou muito bom, porque até as árvores, eles ficaram conhecendo!

— AS ESCOLAS ERAM PEQUENOS CASEBRES,
ERA A CASA DA DONA ARANHA!

Recordou Seu Albecir.

Tatiane: Isso era no tempo da seringa?

Nem Soares: Naquelas épocas difíceis... Teve época mais difícil pra trás, os patrão reinava, né? Aquela história... Os patrão reinava, queria ser rei porque mandava em tudo, eles mandam, né? Só faziam o que eles queriam. Olha, eu vou contar uma aqui... O patrão... O filho do seringueiro quando ele tava com a idade de oito anos, seu patrão já dizia assim:

- “Já tá bom de ensinar ele a cortar seringa”.

E o filho do patrão quando tava bom de estudo ele mandava aqui pra Cruzeiro, daqui de Cruzeiro ele mandava pra Manaus, de Manaus mandava pra Fortaleza. Quando ele vinha era um homem formado, uma mulher formada, né? Bem sabido, todo mundo sabido! Mas o filho do seringueiro não tinha direito de nada disso, ele não tinha direito à uma escola, não tinha direito a nada não. A escola dele tinha de ser a faca de seringa que era o lápis dele, a caneta dele trabalhar. Nessa época que eu passei aqui dentro do Liberdade eu alcancei. No Gregório, que eu também tive no Gregório, né? Era desse jeito. Agora os filhos dos patrões iam estudar. Seu Albecir sabe dessa história também...

Rosinha: No tempo da seringa não existia escola aqui, essa escolinha do Zé Bezerra, justamente essa escola que tá lá pra cima, a Dom Pedro II, que era a mais próxima, era uma casinha assoalhada de paxiúba, cobertinha de palha, cercada de sapota. E as pessoas estudavam e não reclamavam. Hoje, graças a





É difícil assim porque a gente é pobre, mas as escolas são mais fáceis que antigamente. Porque hoje tem, antigamente não existia.

Albecir: Eu era muito interessado, sempre muito interessado pra estudar, muito, muito interessado. E no dia que eu não podia ir, eu chorava, tá? Vivi esse processo durante quatro anos, andando duas horas e meia para chegar na escola. Da primeira à quarta série. Era muita dificuldade, eu digo que me especializei em bater a poeira da bunda!

A risada foi geral

Tatiane: Era um tapiri?!

Albecir: Era um tapiri, tá? Era uma casinha só com uma cobertura, muitas vezes tinha delas que nem sequer cadeira não tinha! Era um banquinho feito pela própria comunidade.

Nem Soares: Era lá na boca do Forquilha que tinha essa escola, chamava o nome da escola lá era Escola do Toco.

Tatiane: Escola do toco?

Nem Soares: Sim!

Todos caem na risada novamente!

Tatiane: Por que?

Nem Soares: Porque os alunos estudavam assim sentados em cima do pedacinho de pau, né? Que rolava o pau assim e dava de sentar. O nome dessa escola foi até muito longe, até no tempo que Seu Vagner Sales foi prefeito ainda tinha o nome da escola do toco. Seu Vagner **Sales** que ia fazer uma escola boa, disse:

- “Eu vou transformar a escola do toco numa escola!”.

Que era uma coberta de palha mesmo, só... Aí foi que o governo mandou fazer uma lá no Pau D’Arco. Tiraram a escola daí, a escolazinha do toco, né? E botaram pro Pau D’Arco. Mas tiraram o nome da escola do toco. E era assim, mas eu me lembro bem que as

primeiras escolas que entraram no Liberdade foi um cidadão que ele era sargento.

Albecir: Aqui por exemplo, no ano que eu cheguei aqui, a comunidade fez uma casinha ali em cima, casinha de cinco por cinco e eu amarrava meus trabalhos, meus cartazes com barbante de um esteio pro outro pra ficar penduradinho.

Tatiane: Se viesse a chuva...

Albecir: Molhava!
Todo mundo rir!

Erivaldo: A escola que eu ia era na cozinha da casa do professor, era uma cozinha assim um pouco grande assim de paxiúba mesmo, né? Só não era melhor assim questão de cadeira, essas coisas, mas um espaço assim pro tamanho da turma dava legal, mas era na cozinha dele. E eram muitos alunos, só que tinha outros que era mais longe do que a gente, eles vinham muito menos do que a gente.

Tipo assim, a nossa família lá, era eu, a minha irmã que cortava seringá comigo, aí o meu irmão, o Louro, e o menor também ia, o Evaldo, de lá nós éramos quatro. Cinco, acho que a outra minha irmã também, era, ia também. Aí tinha outros e outros mais, acho que eram uns 25, por aí assim. Era muita gente. Só que tipo assim, passei o primeiro ano de alfabetização, todo mundo já era praticamente adulto. Tinha algum menorzinho. Foi a primeira escola assim da minha lembrança, né? Que teve lá. Se eu não me engano, o nosso professor tinha a quarta série.

— ATÉ O FINAL DOS ANOS 60 NÃO
TINHA ESCOLA NO RIO LIBERDADE,
ressaltou Seu Albecir

É lá na década de 70 que apareceu a primeira escola que eu estudei, a escola Professor Sidney Vilella Sid. Só havia uma escola no Liberdade. Logo uns anos depois, depois dos anos 70, final da década de 70, apareceu outra escola ali no seringal Esperança, então ficaram duas escolas. Só em 91 que foi fundado mais oito escolas, essas duas que havia, antes tinham sido extintas, e foram fundadas oito escolas. Nos seringais Passo da Pátria, Tristeza e Forquilha, seringal Jurupari, seringal Itajubá e lá no seringal Bom Futuro. Isso no início dos anos 90.

Quando foi criada a Reserva, em 2005, já havia essas oito escolas. E a partir da criação da Reserva, foi criada também, instituída, uma entidade associativa para representar os moradores da Reserva, inclusive, eu fui uma das pessoas, participei desse movimento, foram criadas mais cinco escolas, ou seja, requisitadas pelo próprio movimento social. Aí hoje, no Liberdade, na Reserva Extrativista Riozinho da Liberdade, só da parte da BR para cima, tem 13 escolas, fora as escolas que tem pra baixo, que essas não são estaduais, tem duas escolas, só uma estadual e a outra municipal, que pertence ao município de Tarauacá.

Tatiane: Ah, então eu acho que foram essas escolas que eu encontrei nos relatórios pra criação da Reserva Extrativista, essas escolas que o senhor tá falando aí. Eu lembro até que tava escrito lá que era uma demanda, que tivesse uma escola em cada seringal, que tivesse mais professores... Porque, pelo que eu entendi, vocês foram contratados pelo estado, mas aí o estado não deu estrutura nenhuma, condição nenhuma, só mandou vocês irem dar aula...

Albecir: Sim, sim, sim! Não deu não, não deu estrutura nenhuma. A partir de quando nós começamos a trabalhar e criamos o vín-

culo com a Secretaria de Educação, que começamos a exigir alguma coisa. Eu tive um período como liderança e a gente conseguiu reivindicar, inclusive reivindicar a construção dessas escolas. Cinco aconteceram por conta das nossas reivindicações.

Tatiane: Então todas essas escolas só existem por conta da luta de vocês? É quando o senhor começa a trabalhar como professor que o senhor começa a ser colocado nessa condição de liderança pela comunidade?

Albecir: Na realidade o professor, querendo ou não, ele já é uma liderança dentro da comunidade porque, quando eu cheguei aqui, eu encontrei duas pessoas que eram alfabetizadas. Seu Raimundo Julião estava começando a se alfabetizar, o restante das pessoas... você não encontrava alguém que soubesse ler e escrever. Eu tive que alfabetizar rapagões de 18, 20 anos, moças de 15, 20 anos, tá?

Inclusive esses filhos do compadre Sebastião, Neném, Zeni, Doca, Leidimar, Rosimister, todo mundo foi o Albecir quem alfabetizou. Todos, tá? Esses do Seu Julião também, esses do Caboco também, no ano que cheguei aqui. Não tinha uma escola de crianças, eu tinha uma escola mista de crianças e adultos porque eu não achava justo deixar eles sem escola. Então, a partir daí, foi que começou essa articulação e a gente começou a falar da importância da gente morar próximo um do outro, facilidade de reunir, facilidade da criança ir pra escola, não tinha transporte escolar, tá? A criança precisava estar na escola e tal e a gente fez esse trabalho de articulação com eles. E aí, foram se sensibilizando aos poucos, se sensibilizando e fomos formando uma comunidade.

Tatiane: Então é por causa das escolas que vocês começam a morar mais próximo?

Albecir: Foi, os fregueses migraram de suas colocações mais distantes para o beiradão do rio, onde foi colocada a escola que o filho do seringueiro começou a estudar. Então foi um movimento que juntou a fome com a vontade de comer. Às vezes eu fico triste,

Tatiane, quando eu vejo um jovem aqui na área rural de difícil acesso, levar a vida na juquira, no queimado. Porque eu não tenho nada contra, eu acho que todo o trabalho é digno, mas se ele levar a vida na juquira, no queimado e ter um entendimento muito obscuro da realidade e não querer estudar, porque, como eu falei agora há pouco, eu andava duas horas e meia pra escola.

Hoje, com todas as deficiências que o processo educacional do Liberdade tem, houve muitos avanços. Quais são esses avanços? O aluno hoje tem transporte. O transporte pega o aluno em casa e deixa na escola, pega na escola e deixa em casa. Então isso é um avanço. Outro avanço é que, na minha época, não havia merenda nas escolas. O aluno levava sua própria merenda. Quantas vezes eu levava dentro de uma latinha carne assada, peixe assado pra merendar na escola? E hoje tem esses avanços. Há merenda na escola, raramente falta merenda na escola. Quer dizer, o aluno é trazido de casa pra escola, tem o professor qualificado, tem a merenda e eu não entendo quando ele não quer estudar.

— A ÚNICA COISA QUE EU TENHO INVEJA
NA MINHA VIDA É DO SABER,
pontuou Dona Rosinha.

Eu não tenho inveja de quem trabalha porque se eu quiser trabalhar, eu trabalho. Eu não tenho inveja de quem possui as coisas, porque eu se eu quiser, trabalhando eu consigo, a única coisa que eu tenho inveja na minha vida é do saber. Porque o saber é uma coisa que tu morre e leva ele, não deixa pra ninguém. Às vezes você tem vontade, tem uma pessoa sua longe e você quer escrever, fazer um bilhete pra ela e você não sabe, é preciso tá pedindo um e outro pra fazer.

Tatiane: A senhora acha que facilita pra conseguir um emprego, uma coisa assim?

Rosinha: Facilita, porque se eu tivesse o meu saber, hoje eu tava ganhando o meu salário sem depender de ninguém. Hoje, a gente não sabe de nada, às vezes tem uma família tão carente e, às vezes, não sabe assinar nem um “A”, nem nada e passa tanta necessidade. A pessoa tendo o seu saber, você arranja um emprego em qualquer canto. De primeiro, pra você arrancar um emprego, tanto faz você saber ler ou não, e hoje não, é diferente. Hoje, pra você arrumar um emprego mesmo é preciso que você saiba.

Tatiane: Precisa ter pelo menos o ensino médio.

Rosinha: É, o ensino médio, porque até numa loja dessas, se você tiver o seu saber, você arranja um trabalho fácil. Até pra enrolar um objeto, botar em um saco, você tem que ter saber na sua vida, se você não tiver, você não trabalha. E a minha inveja é essa, só do saber, porque eu não tenho inveja de nada. Não tenho inveja que a pessoa ande bem vestida, não tenho inveja que a pessoa ande bem arrumada, não tenho inveja que as pessoas tenham as suas amizades, porque hoje tem inveja até nas amizades das pessoas, né? Eu não tenho inveja de nada, a inveja que eu tenho é só do saber mesmo. Que nem meu pai e minha mãe diziam: “— O saber da gente é uma coisa boa, se a gente morrer leva ele com a gente e não deixa ele pra ninguém”. A única coisa que eu tenho inveja na minha vida é essa.

Tatiane: Mas quem quer, deixa um pouco, né?

Rosinha: É, quem quer, deixa um pouco. Às vezes, eu canso de dizer para os meninos aqui, vocês estudem que é pra vocês serem alguma coisa na vida. Eu digo: “— Vocês estudem, tenham o estudo de vocês, pra vocês arranjam um emprego pra vocês”.

Albecir: Ah, quem quer, deixa mesmo! O meu pai, por exemplo, me ensinou da maneira dele, da maneira mais rústica possível. Não tinha nenhuma preparação para alfabetizar, mas da maneira que ele me ensinou, eu conseguia introjetar.

Valcirene: Como é essa maneira rústica de ensinar?

Albecir: Então, rústico, porque é fora de qualquer método de ensino. Você gera uma coisa particular, próprio daquela pessoa que não tinha passado... mal era alfabetizada, mas tava tentando repassar o seu pouco conhecimento à outra pessoa, então foi assim que eu aprendi.

Erivaldo: A educação, sem dúvida, é uma das coisas mais importantes, né? Porque a gente vê que é a base, o conhecimento é a base de quase de tudo, né? Todas as pessoas que hoje se deram bem na vida e que conseguiram alguma coisa, a base de tudo é o conhecimento...

Albecir: A educação é um processo encantador. Na nossa vez, teve oportunidade pra gente, professores, estudar mais. Eu cursei Matemática na Universidade Federal do Acre (UFAC) e, depois, continuei aqui mesmo dando aula até 2010. Aí, em 2011, eu saí de sala de aula. Em 2012, fiz o concurso pra diretor, passei, tive um mandato de 2012 a 2015, fiz um novo concurso pra poder concorrer a outro mandato e fiquei até 2018.

Tatiane: E hoje em dia? Eu também já fui professora aqui no Liberdade, né? Mas quero ouvir do senhor, como é a educação aqui dentro, hoje em dia?

Albecir: Eu vejo a educação sempre como um processo muito complexo que altera pra melhor e também sofre alterações que eu considero retrocesso. E hoje, falando da educação do Liberdade, falando da educação especificamente do Periquito hoje, nós estamos com um problema muito grande na educação, ou seja, nós demos um passo atrás.

Quais foram esses retrocessos que eu considero? Primeiro, nós estamos trabalhando do primeiro ao quinto ano uma turma multis-

série com um único professor. Isso eu acho um absurdo! Eu já disse em algumas ocasiões de debate que é um trabalho humanamente impossível pra pessoa fazer bem feito, tá? Há algumas pessoas que falam que é possível, mas eu com a minha modesta parte, com uma pequena experiência, eu não vejo.

Então considero isso um retrocesso. E antes, nós não estávamos assim, a gente fazia pelo menos uma divisão em duas turmas e hoje estamos com uma turma somente. O outro atraso que eu vejo, que causou uma sequela muito grande que eu não sei nem quando nós vamos resolver, foi essa questão desses esses dois anos sem aula por conta da pandemia.

A educação à distância aqui não funcionou, nós não temos meios de comunicação. Trabalhos? Não funcionou. A educação não evoluiu. Então, ficamos dois anos sem estudar realmente. E aí, o que eu vejo? Alunos foram progredindo, avançados de ano sem nenhum conhecimento e, agora, nós estamos com o problema na mão e nos rebolando, tentando achar um caminho para resolver esse problema. Não é só na Joaquim Nogueira⁸, mas em todas as outras escolas. Eu vejo a Joaquim Nogueira até com uma condição melhor.

Primeiro, a alfabetizadora é uma pessoa extremamente experiente nessa parte didática pedagógica no que se refere à alfabetização. Aí tem uma pessoa que nem eu, que já vivi muito essa questão do processo de alfabetização, apesar de não ser pedagogo, mas eu me sinto pedagogo, de certa forma, e temos outros professores aí muito experientes, que têm condições de fazer com que melhore, com que reduza essa sequela que ficou na educação do Liberdade.

Agora eu me preocupo com outros, outras turmas da Joaquim Nogueira em anexo que tá recebendo um professor que tá iniciando, é o seu primeiro ano de trabalho e se deparar diante de uma situação dessa... Eu acho que o educador, ele precisa e ele tem essa capacidade de se reinventar e de refletir sobre, mas quem já tem experiência é

⁸ Após o falecimento de Francisco Albecir, a escola passou a se chamar Escola Francisco Albecir Brito da Silva, em homenagem à sua trajetória e ao legado que deixou na comunidade.

diferente de quem tá iniciando. Eu acho que realmente essa sequela não se resolve em dois, três anos. Vamos levar aí eu acho que quase décadas.

— ANTES ERA ASAS DA FLORESTANIA E AGORA É CAMINHOS DA EDUCAÇÃO NO CAMPO. Recordou a professora Tatiane, e perguntou em seguida: Teve muitas mudanças na educação?

Albecir: Então, houve a mudança de nomenclatura na mudança de governo. Agora, pegando o Asas da Florestania propriamente dito, ele era um programa pensado pra realidade rural. Eu sempre digo que o Asas da Florestania foi pensado nos mínimos detalhes, buscando realmente promover o ensino rural com uma qualidade no mínimo razoável, porque era um programa com a metodologia muito boa, onde você tinha as atividades de introjeção do conhecimento, mas também tinha atividade de aplicabilidade. Ou seja, o Asas da Florestania tinha como metodologia lá os grupos, tá? Socialização...

Então, quer dizer, havia um rodízio do aluno passar por aqueles grupos de avaliação, de síntese, de socialização e aquilo ia preparando o aluno pra esse processo de sociabilidade dentro da sociedade. Ou seja, ele não tinha uma função específica. Sem contar que havia o memorial, que é, nada mais nada menos, do que a onça da redação! Que o estudante tanto tem medo, né? A redação, ele só sabe que tinha lá o nome de memorial.

E o que eu vejo com essa mudança pro Caminho da Escola no Campo, que essa metodologia desapareceu, é simplesmente para cumprir a educação no campo, mas que não tem memorial, que não tem grupo de socialização, não tem grupo de avaliação, não tem uma metodologia específica, é ensinar conteúdo. É o que eu vejo.

Tatiane: Só o conteúdo mesmo?

Albecir: É só o conteúdo e pronto. Então eu vejo que foi mais

um retrocesso no processo educacional.

Flaviana, professora da Resex, estava atenta ouvindo tudo e entra na conversa.

Flaviana: Eu acho que é um programa que é bom. Não vou dizer que é um programa totalmente ruim. Mas comparando ele com o Asas, o Asas eu acredito que era melhor... As próprias pessoas mesmo, coordenadores da Secretaria, eram pessoas que tinham conhecimento da realidade daqui. Então os planejamentos, o calendário, tudo era de acordo com a nossa realidade, coisa que já nesse programa não acontece.

As coisas são, não sei como eles avaliam, mas certamente não é a nossa realidade que eles avaliam para fazer, para criar essas metodologias, para criar o calendário, todas essas coisas. Não é na nossa realidade. Porque como a Secretaria depende em tudo de Rio Branco, então eu penso que é devido a isso. As coisas já vêm tudo planejada, tudo feita de lá. E aí quando chega aqui eles só aplicam, não vão adaptar à realidade daqui. Deve ser por conta disso

Valcirlene: Biana, qual tua área de formação?

Flaviana: Eu sou professora formada em História, mas no programa a gente não trabalha só com uma matéria específica da formação da gente. São divididos por áreas. No programa, eu trabalho na área de humanas, aí trabalha Geografia, História e Religião no fundamental. No médio tem outras disciplinas também. No médio a gente trabalha Geografia, Filosofia, Sociologia e Religião.

Valcirlene: Fala um pouquinho de como é esse processo de alfabetização aqui dentro da Reserva. Como é trabalhar com os alunos?

Flaviana: Ah, Val, é um desafio! Porque a gente trabalha com cinco séries, do primeiro ao quinto. A gente é professora de todas as disciplinas e a gente tem que saber... na verdade, você focar. Você não consegue trabalhar todas as disciplinas. Você foca mesmo na al-

fabetização em si. Na disciplina de Matemática, Português... São as disciplinas que a gente mais foca, as outras disciplinas... O primeiro ao quinto no caso, é só mesmo para eles terem conhecimento do que são essas disciplinas, que elas existem, mas não tem como um professor sozinho trabalhar todas as disciplinas, todas essas séries, do primeiro ao quinto.

Às vezes tem aluno que tem muita dificuldade, que a primeira referência que eles têm é a escola para alfabetizar. Agora já mais um pouco, porque tem pais que já são alfabetizados e eles já vêm de casa trazendo alguma coisa. E tem também outros programas, que antes de entrar no primeiro ano já tem um programa pela prefeitura, mas antes não. Quando ele chegava na escola, ainda tinha que ensinar ele a pegar no lápis, porque não tinha, assim, esse interesse da família. E às vezes, os que se interessam, não tem como ensinar porque não sabem nem assinar o próprio nome.

Então é muito difícil, mas com o passar do tempo... a maioria dos pais já são alfabetizados, alguns já têm até o ensino médio. E aí eles já vêm de casa com um pouquinho de conhecimento, já é um pouco mais fácil.

Tatiane: Seu Albecir, por que a educação é tão importante na vida do seringueiro, do povo do rio Liberdade?

Albecir: Ai Tatiane, é muito gostoso falar de educação! A educação chega como uma luz. A partir de quando o seringueiro, o agricultor, o filho do agricultor, dos seringueiros, começam a frequentar as instituições de ensino, ele passa a ter contato com pessoas com visão de mundo diferente, que são os professores.

Além de ele viver esse processo de sociabilidade mais próximo do seu colega, ele tá tendo contato diariamente com pessoas com visão de mundo diferente. E quando esse processo consegue encantar o aluno pra ele avançar dentro do processo, então ele abre novos horizontes. Ele começa a ver o mundo com outros olhares, ele se enxerga dentro daquele espaço social e enxerga as suas potencialidades ali dentro. Ele sabe que há espaço pra ele, há espaço pra ele crescer, há espaço pra ele avançar. E ele sabe que a única porta que

vai abrir novos horizontes, vai melhorar o cabedal de conhecimentos dele, é exatamente a educação. Porque muitas vezes ele vem de uma família tradicional, que o pai ou a mãe nunca sentou no banco de escola e que usa um linguajar totalmente coloquial da comunidade e, quando ele vai à escola, ele se depara com realidades diferentes.

Um outro detalhe é que muitas vezes o aluno já chega na escola, principalmente aqui no Liberdade, na área rural de difícil acesso, porque já chega com uma mentalidade do que é a educação, qual a importância da educação. Às vezes, a própria família, o próprio pai, a própria mãe: “— Meu filho, estude, porque eu hoje vivo assim porque não estudei e você vai ter a oportunidade. Vá à escola, estude e obedeça a seus professores.” E esse aluno que chega com esse entendimento é sempre um aluno de primeira qualidade, um aluno estrela.

Flaviana: Quando eu era criança o seu Albecir era o único professor que tinha aqui no Liberdade, onde eu nasci e me criei. Na verdade eu não me criei, assim, porque com sete anos nós fomos morar na cidade, mas eu nasci aqui no Liberdade.

O meu primeiro contato assim com a leitura foi através do seu Albecir mesmo. Eu não tinha idade ainda para frequentar a escola, mas eu ficava encostada. Porque antes a gente tinha que ter uma idade. Agora com cinco, seis anos já vai para a escola. Antes, não, a gente tinha que ter pelo menos sete anos para poder entrar no primeiro ano, ter os primeiros contatos com a leitura, com o aprendizado. Mas aí então eu não podia frequentar por conta da idade, mas eu ficava encostada, ouvindo e fazendo, tentando aprender alguma coisa.

Valcirlene: Biana, e como tu acha que é ser professora aqui na Resex?

Flaviana: Senta aí que lá vem história!
Todos riem.

Flaviana: É um desafio atrás do outro! Tem a questão da distância... A questão da distância é mais pelos recursos para a gente trabalhar, porque se a gente for falar dos alunos daqui, como eu já tinha

te falado antes, eu acho até melhor de trabalhar do que os alunos da cidade. Por conta que a gente sabe que essa fase da adolescência tem seus problemas em qualquer lugar. Mas, normalmente, as pessoas daqui, por conta da própria situação em que vivem, trabalham na roça, uma grande maioria tem um grande interesse em melhorar a vida. E os que conseguem ver isso através do estudo é muito melhor para a gente que é professor trabalhar. Enquanto que na cidade, às vezes, tem que ficar adulando para o aluno, tentando. Usa mil e uma metodologias para ver se consegue passar alguma coisa para ele e, mesmo assim, a gente não consegue.

Essa aí é uma das vantagens, mas tem muitas dificuldades. Essa questão de recurso, de ser assistido pela Secretaria de Educação. Porque a gente sabe que mesmo tendo um diretor, mas um diretor só para todas essas escolas não tem como! E também até essa questão do Governo do Estado mesmo que deixa muita coisa a desejar.

A gente andando nessas escolas a gente consegue ver isso. Tipo, falta energia, uma coisa que para a gente dar aula, hoje, é uma das coisas mais necessárias. Essa questão de usar outros recursos a gente não tem. Ventilador, água, todas essas coisas. A água é quente. São muitas dificuldades. E a gente sabe que tudo isso é falta de interesse do Governo de colocar. Porque, se eles quisessem colocar, até seria melhor, porque quantas e quantas pessoas ficariam aqui mesmo, tendo várias oportunidades, se fosse bem assistido pelo Governo do Estado.

Tatiane: A educação abre portas pra outras oportunidades também, né?

Albecir: Sim, sim, sim!

Flaviana: E como abre, viu!

Branca: Falando nisso, Tati, quando eu era professora, eu ainda fui apresentar aula lá em Rio Branco. Eu fui sorteada, contemplada pra apresentar aula lá em Rio Branco, no auditório, onde os coordenadores dos nossos coordenadores estavam lá apresentando a aula.

E eu fui lá e, assim, no início eu tive uma preocupação porque eram os coordenadores dos nossos coordenadores, mas eu não tinha como errar, porque o que eu tinha ali em prática, a coisa que eu fazia do dia a dia, eu não tinha como errar a minha aula, o que eu fazia com meus alunos, eu não tinha como errar porque era aquilo que eu tinha em prática. Comecei toda a história de lá atrás e a minha metodologia lá, quando eu fui apresentar a minha aula, era a sala de aula, o que eu tava com eles na sala de aula. Separando, avaliando as hipóteses deles, trabalhando artesanato, trabalhando as plantinhas, trabalhando tudo com eles. Eu não tive como errar.

Valcirlene: Eles pediram pra senhora falar como era que a senhora dava aula? A sua metodologia?

Branca: Isso. Fiz uma aula lá, apresentei tudo o que passava, as escolinhas que a gente tinha feito, tudo de madeira. Foi o Alfa 100 mesmo, que a coordenadora que foi lá tirou a foto, tirou tudo da escola e passou tudo o que a gente tinha feito, e eu comecei a apresentar em cima das fotos, das imagens, do que eu tinha me perdido na mata, as dificuldades que eu passava a enfrentar. Que eu me perdi uma vez com a Emili, bem novinha, ela estava com 18 dias de nascida. Fui pra mata, peguei um temporal, saí da canoa pro caminho, me perdi na mata, passei um temporal todinho, fui sair duas e meia da tarde com essa menina roxinha de chuva.

Valcirlene: Meu pai amado! A senhora de resguardo ainda, né? Porque 18 dias ainda tá de resguardo.

Branca: Era, de resguardo. Passei uma grande dificuldade, mas, graças a Deus, mostrei, assim, aquela força, aquela força que eu tinha de mostrar o talento de mulheres, querendo dizer o que que nós éramos capazes mesmo de enfrentar e tudo. Apresentar a nossa dificuldade.

Não tenho vergonha de dizer que sou agricultora, filha de seringueiro, não tenho vergonha de dizer que eu cortei seringa, não tenho vergonha de dizer que levei minha merenda pra escola dentro

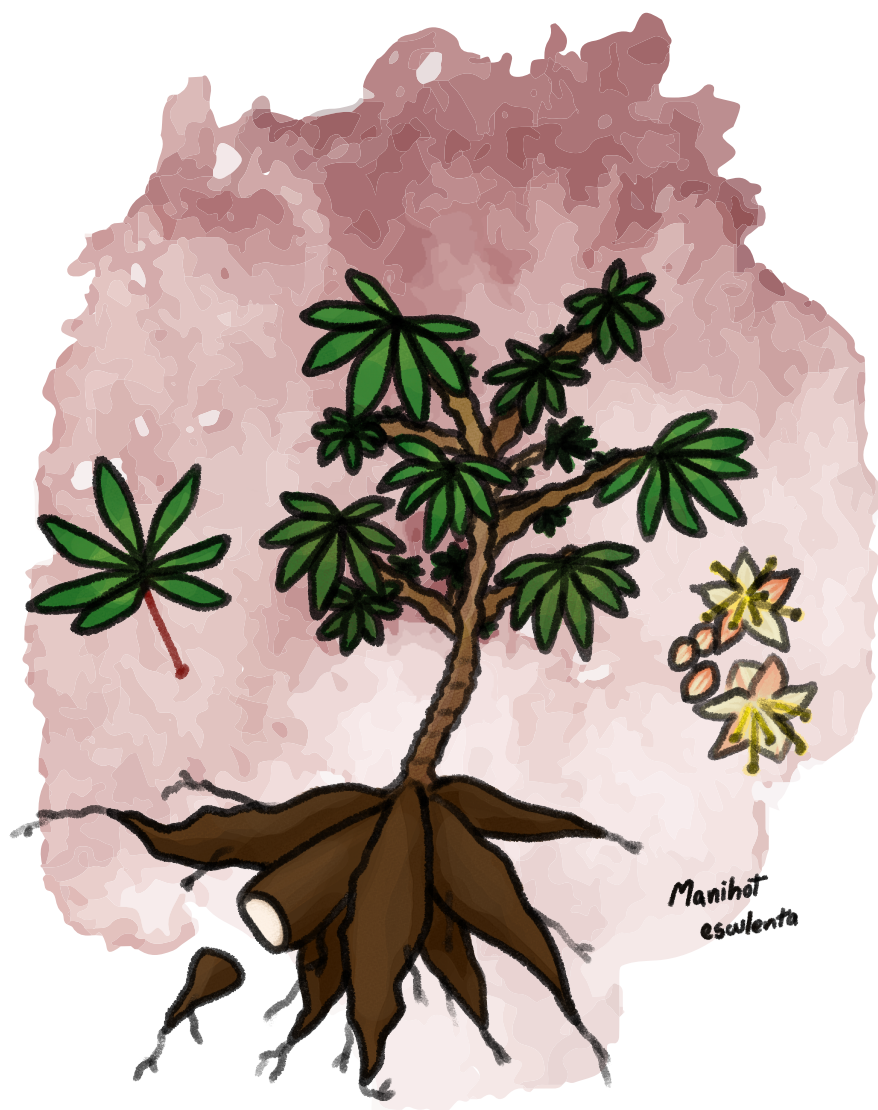
de uma lata de leitezinho, de leite que vinha antigamente, né? Não tenho vergonha de dizer que comi macaxeira com leite do cocão, que era o nosso tempero, o nosso óleo. E, assim, essas coisas que eu passei, tudo que eu passei...

Valcirlene: E, dona Branca, há alguma coisa, algo que a senhora gostaria de ter realizado que acabou não conseguindo devido aos desafios, às dificuldades que a senhora enfrentou?

Branca: Tenho, os meus estudos. Que eu queria ter conseguido hoje ter uma faculdade ah, eu tinha... Eu não quero mais voltar, por isso que eu falei, eu não quero mais voltar a ter essas coisas, assim, de eu ter medo, de eu não enfrentar as coisas por conta de eu pensar nas dificuldades, ter medo de enfrentar os desafios, né? E esse meu medo fez com que eu não terminasse meus estudos, pensar negativo. Aí eu tinha muita vontade de ter terminado os meus estudos, ter chegado até lá. Hoje, eu tenho a sétima série, mas eu queria ter o meu ensino médio completo, eu queria ter tido a minha faculdade...

Eu tenho um sonho ainda de estudar, mesmo na idade que eu tenho. Eu tenho 52 anos, mas eu tenho um sonho a realizar: terminar meu ensino médio. Mas eu tenho um sonho de levar a faculdade até a nossa comunidade. Quer dizer, pegar os nossos jovens, as nossas crianças aí, que eles possam ter aula de faculdade, né? E envolver a nossa comunidade. Tenho um sonho também de levar curso de informática para a nossa escola também.

Narisson: Então, gente, tá muito bom ouvir vocês, mas eu já tô indo pra escola. A luta foi muito grande e a gente tem que valorizar!



OS 7 IRMÃOS⁹

Nós somos sete irmãos. Todos nascemos pelas mãos das parceiras finas de nossa comunidade. Somos filhos de umbigo de nossa bisavó, Raimunda Santana. Apenas dois de nós nasceram pelas mãos de nossa tia avó, Maria Renilda Santana da Costa, mais conhecida como Branca. Nossa bisavó foi quem aparou a maioria dos jovens e adultos do Morro da Pedra e outras comunidades próximas daqui. Somos jovens da floresta, extrativistas, trabalhamos na agricultura familiar.

Nossos roçados e matas são um mundo de agrobiodiversidade, temos diversas qualidades e variedades de plantios. No roçado de roça, plantamos conforme o tipo de barro ou areia. Tem mulatinha, curimem, santa rita, manelão, caboquinha, maria faz ruma e muito mais, só de mandioca! Ainda tem as qualidades de feijão, que é plantado na praia do rio e no roçado de terra firme. Arigó, branco, verde, preto, feijão de praia, e muito mais! Tem batata doce que é rosa e que é branca, tem inhame roxo e branco, e muito mais! Aqui tudo o que se planta, dá! Sabendo o tempo certo, o que a gente aprendeu com nossos pais e eles aprenderam com nossos avós.

Além de aprender em casa com nossos pais e avós sobre esse mundo que é nosso roçado e as florestas, também aprendemos nas escolas. Nossos pais, infelizmente, não tiveram a oportunidade de concluir seus estudos e nossos avós sequer estudaram, porque de primeiro não existia escola no seringal. Felizmente, hoje nós temos escolas na comunidade, contudo, enfrentamos desafios todos os dias.

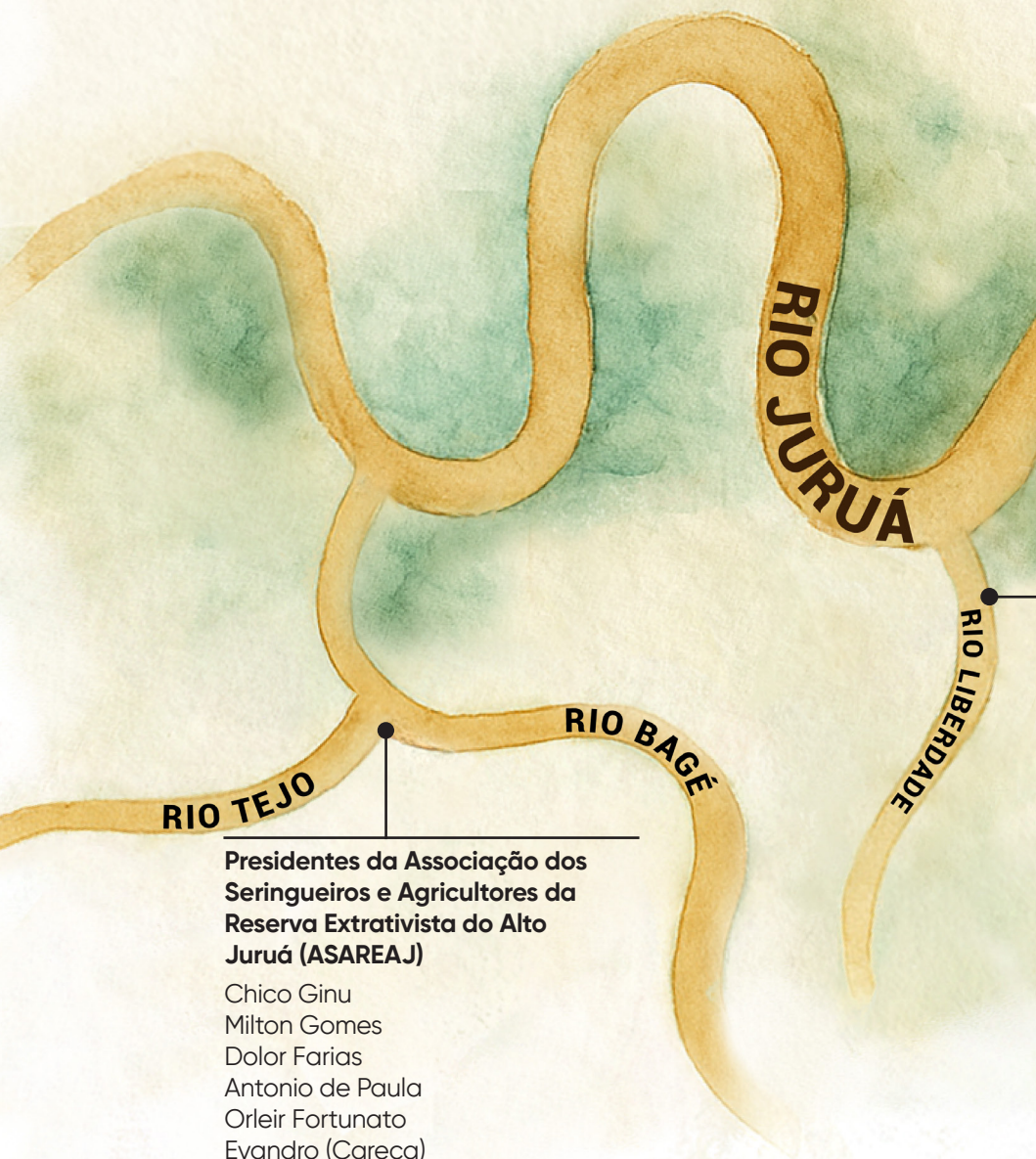
Todos nós já concluímos o ensino médio, falta só o caçula, Garisson. Nossa irmã Maria Tati, também já ingressou na faculdade e faz pedagogia. A Tati e o Arisson, também participam de cursos voltados ao fortalecimento cultural ministrado pela Organização Não Governamental (ONG) SOS Amazônia. Acreditamos que é importante contar como foi nossa realidade como aluno.

⁹Escrito por: Antonio Arisson Costa Vieira, Antonio Jarlesson Costa Vieira, Antonio Narisson Costa Vieira, Garisson Costa Vieira, Maria Antonia Costa Vieira, Maria Tatiana Costa Vieira, Maria Tati Costa Vieira e Tatiane Silva Sousa.

Primeiro, que nem sempre teve escola na nossa comunidade. E depois quando teve escola, era só até o quinto ano. De primeiro, a escola que tinha até o ensino médio mais perto daqui, era a Magia do Saber, que é lá na BR 364 e bem distante de casa. Depois, veio a escola São Francisco, mais perto daqui e isso facilitou muito a nossa vida, mas ainda assim, teve tempo de termos dificuldade com o transporte escolar. A embarcação que nos levava até lá, não pegava todos alunos e alguns de nós aqui na comunidade precisava caminhar cerca de uma hora no ramal, no sol a pino até a escola. Era desafio em cima de desafio, porque alguns de nós ainda ficamos alguns anos sem estudar esperando ter um número mínimo de alunos para poder ser formada uma turma e assim a secretaria de educação enviar um professor para nos dar aula.

Às vezes faltava material escolar e nisso tudo, ainda tem o tempo da natureza e o tempo que a secretaria estabelece nas escolas. Às vezes o ano letivo demorava pra começar e tínhamos aulas em tempo integral, ou seja, um ou dois dias da semana era aula o dia todo, e às vezes ainda tinha aula no sábado pela manhã. O que criava certo desafio em combinar os dois lados de nossas rotinas como aprendizes. Mas graças a Deus, tivemos bons professores em nosso caminho, como por exemplo, a professora Val, que sabia ensinar muito bem!

Mesmo diante de todas essas adversidades, somos muito guerreiros e batalhamos pelo nosso saber, porque nossa bisavó já dizia que “o saber que a gente tem, a gente morre e leva ele”. Nossa família e nosso povo sempre foi muito batalhador. A tia Branca, com muita luta, conseguiu a Escola Estadual Rural Raimundo Henrique da Costa, que atualmente oferta ensino de primeiro ao quinto ano, onde as crianças da nossa comunidade estudam. A escola leva o nome de nosso bisavô porque ele foi o fundador de nossa comunidade. Nasceu e se criou aqui, foi um homem muito sabido e zeloso com a floresta. Dizem, que ele não deixava ninguém tombar sequer um pé de buriti! A história foi assim, com muito suor, o movimento social conseguiu escolas para todo o rio Liberdade. E ainda hoje, cada um de nós, como num trabalho de formiguinha, vai construindo um futuro cada vez melhor para o nosso povo.



RIO TEJO

RIO BAGÉ

RIO JURUÁ

RIO LIBERDADE

**Presidentes da Associação dos
Seringueiros e Agricultores da
Reserva Extrativista do Alto
Juruá (ASAREAJ)**

Chico Ginu
Milton Gomes
Dolor Farias
Antonio de Paula
Orleir Fortunato
Evandro (Careca)
Domingos
Valmar Calixta
Orleir Moreira

**Presidentes da Associação
dos Seringueiros e Agricultores do
Riozinho da Liberdade (ASARIL)**

Lorival Monteiro
Jesus

**Presidentes da Associação Agroextra-
tivista da Reserva Extrativista do Rio
Liberdade (ASAREAL)**

Francisco Albecir
Ramalho
Marial Renilda (Branca)
Manoel
Francisca (Pretinha)

**Presidentas da Associação Feminina
Força da Mulher Rural do Rio Liberdade
(MULHER FLOR)**

Maricélia
Maria Renilda (Branca)

**Presidente da Associação Agroextrativista
Unidos Venceremos do Rio Liberdade
(UNIDOS VENCEREMOS)**

Ramalho

RIO TARAUACÁ

**Presidentes da
Associação dos
Seringueiros e
Agricultores da
Reserva Extrativista
Alto Trauacá (ASAREAT)**

Valdor Romão
Orleir Araújo
João Braz
Daniel Lima



TEMPO DOS PATRÕES

Final do século XIX

Até década de 1980

- **MIGRAÇÃO DOS NORDESTINOS PARA O ACRE**

- Ilusão da riqueza
- 1903: O território do Acre foi anexado ao Brasil
- Velhos
- Indígenas
- Patrão seringalista

- **FORÇAS DO CORONELISMO**

- Pagamento da renda
- Trabalhavam obrigados

- **AVIAMENTO**

- Coação
- Dívida
- Polícia
- Enganação
- Roubo na tara no peso da borracha
- Exploração
- Sequestro de mulheres
- Venda de mulheres
- Amizades e inimizades
- Parteiras
- Sem assistência
- Sem cidadania
- Assassinato de seringueiros que tiravam saldo
- Falta de recursos
- **TRABALHO ESCRAVO**
- Contação de histórias
- Festas

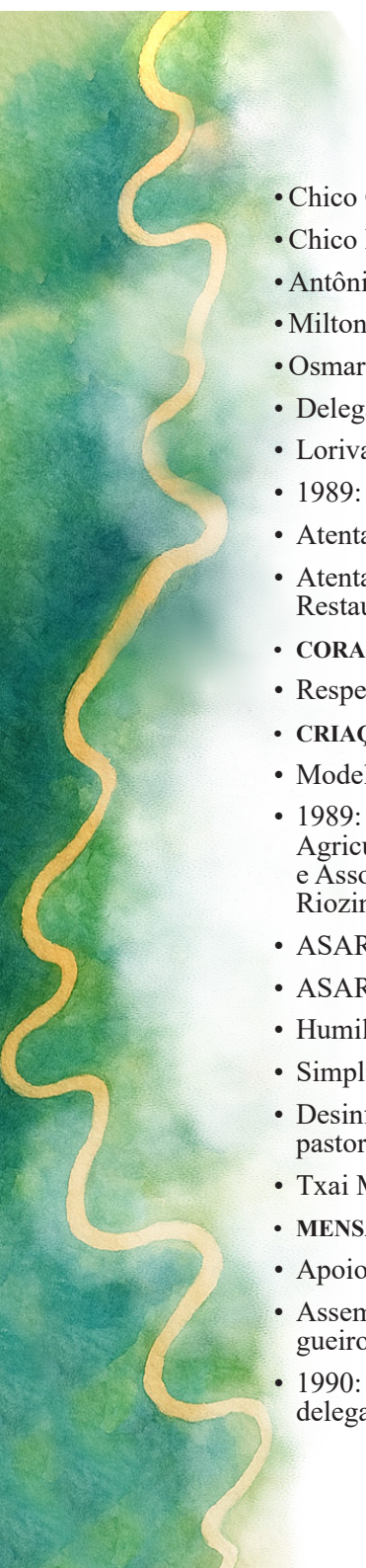


TEMPO DOS DIREITOS

Décadas de 1980 – 1990:

Revolução

- Fé
- **ESPERANÇA**
- Luta pelos direitos
- **LUTA CONTRA OS PATRÕES**
- Liberdade do povo
- Libertar do sofrimento
- Memórias
- Antepassados
- Os antigos
- Saudades
- **FOI DEUS!**
- Sindicato dos Trabalhadores Rurais
- STR
- Em 1981 já haviam delegados sindicais nos seringais do Juruá
- 1985: Criação do conceito de Reserva Extrativista no I Encontro Nacional de Seringueiros e Fundação do Conselho Nacional de Seringueiros
- **CNS**
- Ímpeto de vida
- **ALIANÇA DOS POVOS DA FLORESTA**
- 12 lideranças indígenas e 17 delegados sindicais
- Conflitos sangrentos
- **AUTO REPRESENTATIVIDADE DO POVO**
- Saber fazer as coisas
- 1998: Chegada de Txai Macedo
- Txai Terri

- 
- Chico Ginu
 - Chico Mendes
 - Antônio de Paula
 - Milton Gomes
 - Osmarino Amâncio
 - Delegados sindicais
 - Lorival Monteiro
 - 1989: Atentados contra a vida de Txai Macedo
 - Atentados contra a vida de Chico Ginu
 - Atentados na Igreja São Raimundo Nonato na Restauração
 - **CORAGEM!**
 - Respeito a vida e ao seu trabalho
 - **CRIAÇÃO DA RESERVA EXTRATIVISTA = LIBERDADE**
 - Modelo de vida
 - 1989: Criação da Associação dos Seringueiros e Agricultores da Reserva Extrativista do Alto Juruá e Associações dos Seringueiros e Agricultores do Riozinho da Liberdade
 - ASAREAJ
 - ASARIL
 - Humildade
 - Simplicidade
 - Desinformação propagada por patrões, marreteiros e pastores
 - Txai Macedo era o cão, o falso profeta
 - **MENSAGENS NAS RÁDIOS CONVOCAM A LUTA**
 - Apoio das Universidades
 - Assembleias gerais do Conselho Nacional de Seringueiros, Aliança dos Povos da Floresta e ASAREAJ
 - 1990: Prisão de Txai Macedo, Chico Ginu e do delegado sindical João Rodrigues

- 
- “Solta o homi!”
 - Atuação de Mauro Almeida, Manuela Carneiro da Cunha, Eliane Cantarino O’Dwyer
 - **ASSASSINATO DE CHICO MENDES**
 - Projeto do BNDES
 - **CRIAÇÃO DAS COOPERATIVAS NOS SERINGAIS**
 - Os nomes dos barcos que subiam com mercadorias para as cooperativas dos seringueiros eram os nomes das lideranças assassinadas
 - Projeto Vida & Saúde
 - Poesia
 - Música
 - Cantar
 - **“TIVEMOS QUE PARIR A LEI”**
 - Apoio do Ministério Público Federal
 - **1990: CRIAÇÃO DA RESEX ALTO JURUÁ**
 - A primeira RESEX do mundo

DÉCADA DE 2000

- **PROCESSO DE LUTA CONTINUA**
- Atentados
- Desinformação
- Valdor Romão, seringalista do rio Tarauacá que fornecia mercadoria
- Mappes, seringalistas do rio Liberdade
- **HOMEM DO ODA e SIDENIR (Presidentes do STR de Tarauacá)**
- **CHICO VELHO (Presidente do STR do Jordão)**

- 
- **CHICO SANTOS** foi o idealizador da criação da RESEX Alto Tarauacá
 - **LEGADO DE LUTA**
 - **DÓ** (Presidente do STR e vereador)
 - **COMPANHEIROS MORRERAM LUTANDO**
 - Chaga Braz
 - 2000: Criação da Resex Alto Tarauacá e da Associação dos Seringueiros e Agricultores da Reserva Extrativista Alto Tarauacá
 - **ASAREAT**
 - Criação do Conselho Deliberativos das RESEX's
 - Criação do Plano de Uso e Plano de Manejo
 - **LUTA DE LORIVAL MONTEIRO**
 - 2002: Criação do Programa ARPA (Áreas Protegidas da Amazônia)
 - 2005: Criação da Resex Riozinho da Liberdade e da Associação Agroextrativista da Reserva Extrativista do Rio Liberdade
 - **ASAREAL**
 - 2021: Criação da Associação Feminina Força da Mulher Rural do Rio Liberdade
 - **MULHER FLOR**
 - 2022: Criação da Associação Agroextrativista Unidos Venceremos do Rio Liberdade
 - Permanência dos extrativistas na RESEX
 - **ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA**
 - Futuras gerações

A decorative wavy line in shades of green and yellow runs vertically along the left side of the page, starting from the top and ending near the bottom. It has a fluid, organic shape, resembling a river or a stylized wave.

OS FRUTOS DA LUTA “NÓS”

- **LIBERDADE DE EXPRESSÃO**
- A continuidade da luta pelas lideranças atuais
- Não podemos nos acomodar
- Desafios atuais
- Malícia da burocracia
- **DIREITO** à educação, saúde, moradia, CIDADANIA
- Energia elétrica
- Comunicação
- **DIREITO À TERRA**
- Respeitabilidade
- Direito à água potável
- **AFIRMAÇÃO DA CULTURA**



A LINHA DO TEMPO DAS
RESERVAS EXTRATIVISTAS
DO VALE DO JURUÁ
ACREANO





A LINHA DO TEMPO DAS RESERVAS EXTRATIVISTAS DO VALE DO JURUÁ ACREANO^{10 11}

Estávamos reunidos no dia seis de abril de 2025 no Centro Diocesano, em Cruzeiro do Sul no Acre. Estavam presentes lideranças e jovens das Reservas Extrativistas do Alto Juruá, Riozinho da Liberdade e Alto Tarauacá, todas as RESEX's do Vale do Juruá

¹⁰Escrito por Antônio Luiz Batista de Macêdo (Txai Macêdo), Tatiane Silva Sousa, Francisco Araújo da Cunha, Orleir Moreira da Cunha, Jair de Olinda Nobre, Daniel da Costa Lima, Maria de Nazaré Nogueira Maia, Maria Renilda Santana da Costa (Branca), Antonio da Costa Ramalho, Valcirlene Martins Miranda, Leonísia Moura Fernandes e Lucas Silva dos Santos.

¹¹Esse texto foi produzido a partir da oficina “A Linha do Tempo das Reservas Extrativistas (RESEX's)”, a qual ocorreu durante a II Jornada de Mobilização das RESEX's do Vale do Juruá, evento que vem se consolidando como um espaço de diálogo e a ação conjunta de lideranças das três RESEX's Vale do Juruá acreano, a saber: RESEX do Alto Juruá, do Riozinho da Liberdade e do Alto Tarauacá. O objetivo desta atividade foi o de levar as lideranças presentes, anciãos, mulheres, homens, jovens e adultos, a refletirem sobre sua história e histórico de luta em comum.

acreano reunidas então na “II Jornadas de Mobilização das Resex do Juruá”, evento que vem se consolidando como um importante espaço de diálogo entre comunidades extrativistas, como um espaço de discussão política, mas política pensada como mobilização de esforços conjuntos para alcançar objetivos comuns a todos. Nesse dia, refletimos sobre a história comum desses três territórios que estão interligados por diversas razões, dentre elas, seu histórico de luta e acontecimentos que marcaram a memória social dos povos desses territórios.

— PRIMEIRO EU VOU FAZER UMA INTRODUÇÃO.

Esse nome, “Projeto Lapiseira”, surgiu a partir de uma história contada por Seu Manoel Ferreira de Souza, mais conhecido como Nem Soares. Ele foi o último arigó do rio Liberdade, tendo migrado do Riacho do Sangue em 1946. Infelizmente, ele faleceu no dia 26 de dezembro do ano passado.

Esse nome, Lapiseira, vem do que ele me contou: que a “lapiseira do seringueiro era a faca de seringa”. Essa fala inspirou o nome do projeto. O verdadeiro significado do Projeto Lapiseira é isso: a memória é a ferramenta do seringueiro. A faca que risca a árvore e marca a história. Memórias que ensinam, memórias que tecem a aprendizagem.

O projeto acabou por seguir o legado de duas pessoas: Francisco Albecir Brito da Silva e Manoel Ferreira de Souza. O legado de Seu Albecir está ligado à importância do acesso ao ensino. Já o de Seu Nem está na tradição oral, na contação de histórias. Ele era um rezador respeitado no rio Liberdade.

Quero fazer uma pergunta pra vocês. Olhem para aquela foto tirada na varanda do Seu Antônio Coló e da Dona Chicô, lá no Itajubá. O que vocês pensam quando olham essa imagem?



Jair: Quando olho essa imagem, penso nos nossos avós. Aquela figura do seringueiro que senta e gosta de contar histórias. Lembro do meu pai cortando seringa. Morávamos numa casinha igualzinha àquela, no meio da floresta.

Antes nem era comunidade, era colocação. Essa imagem remete diretamente a essa lembrança: do pai, do seu seringueiro.

Orleir: Eu olho pra essa imagem e penso em mim. Em 30, 40 anos. Será que ainda vamos ter o privilégio de sentar numa varanda, ver os filhos e netos crescidos, em nosso território? Território este pelo qual tanto se lutou. Eu penso: será que, no futuro, vamos conseguir traçar nossa própria linha do tempo? Lembro de um menino que saiu do Tejo para estudar ensino médio na sede do município, porque lá não tinha escola. Hoje, ele é presidente de uma associação, representando a história do nosso município. Hoje não tenho orgulho de estar no Conselho Nacional das Populações Extrativistas, o CNS. Eu sou feliz por isso. O orgulho atrapalha. A felicidade é que

impulsiona.

Quando olho essa imagem, lembro do meu avô, um poeta. Aqui estão os netos dele. E vejo como a modernidade, com toda sua tecnologia, tem invadido nossos lares e destruído nossos diálogos. Meu avô, mesmo com pouco tempo, sempre sentava no arredor, ou num banco, e ali nos ensinava. Eu cuidei dele, levava comida, dava banho. E penso se terei esse privilégio: de sentar e refletir sobre a minha própria história. O que fiz, o que valeu a pena, o que mudou a vida de alguém.

Txai Macêdo: Essa postura desse senhor me lembra Seu Telvino Farias. Quando eu entrevistava seringueiros, ele era assim: só falava depois de muita educação, e aí, se se sentisse à vontade, tocava violão, tocava muito bem. Ele parecia uma estátua viva, sem vaidade, sem expectativa, mas com uma sabedoria imensa. Um trono de vivência com a natureza. Isso me lembra também meu pai; meu melhor professor. Com ele aprendi a cantar, e mesmo cantando mal, hoje canto com coragem. Esses homens são reis de conhecimento. São os verdadeiros professores.

Tatiane: Então vamos lá as perguntas...

— POR QUE FORAM CRIADAS AS RESEX's?
COMO ACONTECEU ESSE PROCESSO E
QUEM PARTICIPOU?

Maria de Nazaré: A nossa reserva foi criada por uma necessidade, por causa de um parceiro nosso. Um amigo que, na época, para uns era amigo, para outros inimigo, mas que hoje está aqui com a gente. O Txai Macêdo, que chegou na foz do Tejo, passei a conhecer a partir desse tempo. Ele começou a andar nas comunidades, procurar os seringueiros, as mulheres seringueiras. É, acho que marcou muito a vida dele também, a dona Nazaré, a dona Lisbete Adelino,

que essas mulheres eram nossas companheiras mesmo, né? Aí, esse Macêdo, só Deus mesmo o protegeu.

Eu lembro, não sei se ele lembra mais, eu lembro de três vezes que tentaram matar ele, atirar nele, e ele não desistiu. Ele permaneceu enfrentando, junto com outros amigos da reserva mesmo. E antes as pessoas nem conheciam ele, só que tudo era dominado por um patrão. Aí ele trazia aquela conversa boa, aquela conversa bonita, né? E as pessoas ficaram acreditando nele. E hoje ele é a melhor pessoa para contar aqui a história da nossa reserva.

Eu era, na época, eu tinha 18... 19 anos, eu estava completando 19 anos, fui a primeira pessoa que foi escolhida para viajar aí para fora. Primeiro a gente foi para Rio Branco, através dele, dos projetos dele, para a gente fazer o curso de auxiliar de enfermagem. Que na época não tinha enfermeiro, não tinha auxiliar de enfermagem, não tinha doutor, não tinha médico, não tinha nada.

Para as mulheres parirem... Eram as vizinhas que pegavam, né? Aí, através dele, pelo esforço dele, foi que a gente se organizou, fez aquela assembleia, criou a nossa associação e até hoje, estamos vivas. Ele vai falar mais bonito do que eu, porque ele foi o cabeça, como eu disse, né? Aquele Chico Ginu também era um dos companheiros que andava com ele, também foi muito agredido lá, agredido. Foi uma luta, e essa luta ainda hoje, todos nós que moramos na reserva agradecemos, porque através deles que a gente foi libertado dos patrões, que você não podia comprar se quer um bombom em outro canto, porque tinha que levar tudo pro patrão.

Tatiane: Vivia sujeito, né?

Maria de Nazaré: Era, era. A palavra que chamava, sujeito, era obrigado, né? Aí, e por aí... Mais importantes que, através da reserva, nós fomos libertados. Eu chamo a palavra “libertado”, porque você hoje é livre, você faz do seu dinheiro o que quer, não somos mais obrigados a comprar do patrão.

Branca: Como contar a história da Resex, é um momento de reflexão. Através das entrevistas, como se contou no Voz do Liber-

dade. Fazer entrevistas com aquelas pessoas antigas, contar suas histórias e passar uma foto daquela. Mesmo que você não explique, mas quando você coloca um projeto desse, mostrando a foto das pessoas, colocando algumas entrevistas como está no Voz do Liberdade, é uma contação de história da nossa Resex. Porque faz você lembrar a memória.

Lembrar dos nossos avós, dos nossos antepassados, a história, digamos, colocar meu pai como exemplo, como meu pai era seringueiro. Então, um projeto como esse, que está escrito, que ele pode ser usado em qualquer lugar, a nossa história vai ser conhecida em todo lugar, em outra reserva, com outras pessoas. Quer dizer, a nossa realidade está sendo compartilhada, as histórias dos nossos antepassados estão sendo compartilhadas.

Porque a Resex foi criada? Aí é um questionamento que eu acho que vem muito dos nossos antepassados também e das pessoas que tiveram uma luta pela criação da nossa reserva. Eu não sei muito bem o porquê do pensamento deles, mas eu acredito que alguém que pensasse na futura geração, pensasse nos nossos netos, nos nossos filhos. Digamos, se o meu pai foi pra luta, porque ele pensou em mim, ele pensou nos meus filhos.

Criar uma Reserva Extrativista foi muito bem pensado, pensando que o futuro da RESEX são os jovens, as crianças que hoje estão nascendo, os que estão crescendo e que vão permanecer. Lutar pelo direito da permanência dos nossos filhos e dos nossos netos na reserva. Eu acredito que ela pode ter sido criada nesse sentido.

Francisco Araújo: Bom dia a todos! Se a gente fosse contar realmente o processo, ele é muito longo. E nós, que somos novos, a gente se atreve a entrar num conteúdo desse através das análises feitas pela aquisição do conhecimento que a gente já pegou de algumas outras pessoas... E a história das RESEX's traz, elas nos remetem a um pensamento desde o início da criação do nosso Estado, né?

A gente vê lá em 1903, quando foi assinado, no dia 17 de novembro, o acordo do Acre entre o Brasil e a Bolívia pra questão da regularização do território acreano como território brasileiro. A gente já, mesmo antes desse acordo, já vê o espírito de luta que esse

povo dessa região tinha, né? A disputa que eles tinham travado já nesse território. Então, assim, como Orleir falou, a gente vê essa situação aqui, mas nos remete a uma série de outros questionamentos. O nosso estado é um estado que por si só já traz essa ideologia de lutas de... De coragem, né, Txai Macêdo? E sempre na história a gente percebe que tem algumas pessoas que são “doidas”, aqui entre aspas, que têm coragem de encarar a realidade de bater de frente com certos grupos dominantes. E no nosso estado não é diferente.

Quando a gente limita essa visão para áreas menores, como a ideia da criação das RESEX's, a gente vê que por exemplo, falando da nossa área que a gente vive, que tem aí o Orleir como presidente da Associação dos Seringueiros e Agricultores da Reserva Extrativista do Alto Juruá, a ASAREAJ, que rege os trabalhadores ali daquela região, a gente sabe que nós fomos o primeiro modelo de território dessa natureza criado em prol desse modelo de vida dessas pessoas que hoje estão lá. Então, assim, foram muitas lutas. Eu estou em frente aqui. Se a gente for analisar a história com mais detalhes, essas pessoas das quais nós somos descendentes, né, Orleir, nossos antepassados que chegaram... A história é muito rica, muito linda.

Eu fico imaginando eles vindo lá do Nordeste, e eles vinham sem suas companheiras... Eu estudando pude encontrar relatos de alguns de nossos veteranos de que as festas na época eram só entre os homens, dançavam homens com homens! Pois é, gente. E era assim que funcionava, entendeu? A saudade era algo constante na vida daquelas pessoas, né, pelo fato de eles terem que migrar de um território bem distante, na ilusão. Até muitos vinham na ilusão da riqueza que era chamada de ouro negro na época. O Governo também colocou sua mãozinha lá pra dar aquela ideia de que era bom. Muitos acreditavam nisso. Quando chegaram, eram deixados na beira de barrancos, dos rios, só com a possibilidade de cortar a seringa. E já tinham uma dívida pra pagar por aqueles que lhes trouxeram até a região. Então, você já chegava com uma dívida pra pagar, através da força de trabalho que você ia desenvolver naquela região.

E comprava até mulheres, tinha que comprar. Inclusive, há relatos de que minha avó foi comprada por 50 quilos de borracha. Já pensou!? Então assim gente, é uma história muito rica. E assim, sem

contar o tanto que enganava essas pessoas, porque eles eram brabos, chamados de brabos, leigos à questão do conhecimento científico e o padrão ali, no peso da borracha, entre o peso e o valor pago, existia uma diferença enorme que ele já usava pela inocência do seringueiro. Então assim gente, é uma questão de exploração tão grande que alguém viu isso e queria libertar essas pessoas daquilo. Então, a gente agradece, txai Macêdo! Eu fico muito feliz em poder compartilhar esses momentos ao lado de uma pessoa como o senhor. Muito me honra isso e fico feliz em poder expressar essa minha gratidão que eu tenho em nome do meu pai, em nome do meu povo, pelo senhor.

E gente, ao longo da conversa a gente vai debater mais detalhes, mas é isso: as RESEX's foram criadas com a ideia de libertar aquelas pessoas de tamanhos sofrimentos que eles tinham e os atores dessa criação, um desses, um dos pioneiros, foi esse homem, junto com aqueles seringueiros, que acreditaram naquele ideal que ele trouxe. Perceberam no seu diálogo, no seu posicionamento, a verdade que ele queria, o desejo dele e acreditaram nisso. Então, é muito importante a gente retratar e expressar também esse reconhecimento por um desses atores que é tão importante, que é esse rapaz. Arrocha, txai Macêdo!

Txai Macêdo: Txai, você é um dos meus principais orgulhos, porque o avô dele... Foi o avô e o tio, né?

Tatiane: Como era o nome deles?

Txai Macêdo: Era Manoel Estevão e Valdomiro Estevão, e ele é filho do Sebastião Estevão, que é irmão desses outros dois, não é isso? Então, foram meus primeiros entrevistados na bacia do rio Bajé, que é um braço formador do rio Tejo. Então, haviam muitos moradores ali, mas a minha primeira opção era entrevistar dois velhos indígenas, porque esses dois velhos indígenas, eles tanto eram mais antigos que os outros ali, quanto eles tinham histórias, travessuras, como por exemplo de ter tido a mãe deles vendida por 50 quilos de borracha.

E aí Txai, vou te dizer uma coisa: eu não sou melhor que ne-

nhum de vocês. Eu agradeço cada palavra que vocês falam ao meu respeito, mas a minha obrigação, ao nascer seringueiro e crescer na estrada, sabe? Era de fazer o que eu fiz! E eu gostaria até de poder fazer muito mais. Então, mesmo assim, eu não sou dono de nada. Nunca mudei a chinela havaiana que eu cheguei lá pisando nela, mas também não gosto muito de sapato, não gosto também de calça comprida. Eu sou assim. Eu nasci na colocação Bagaceira, no seringal Transval, no rio Muru, no município de Tarauacá. Por mais que eu me esforçasse para ser diferente, eu não ia conseguir. Eu sou seringueiro e como seringueiro vim me tornar indigenista, sertanista, que tem uma larga experiência de vida nos seringais e que aprende ainda hoje com essa população: seringueira, agricultora, indígena.

— O QUE MOVEU QUEM ESTAVA LUTANDO?
QUAIS FORAM AS INSTITUIÇÕES QUE
ATUARAM NESSE PROCESSO?

Indagou Tatiane e continuou dizendo: Estou percebendo assim, a partir das falas, que a gente está no tempo do patrão, no tempo da enganação, exploração, no tempo de luta contra os patrões e luta pelos direitos.

Txai Macêdo: Então, eu vinha de um processo de luta. Primeiro, eu já disse, eu nasci seringueiro numa colocação de seringa, cresci na estrada. Então, acompanhei o meu pai desde os oito anos de idade nas estradas de seringa, cortando seringa. As crianças são chamadas de toqueiros, porque vão tirar as tigelas lá embaixo ou vão subir no mutá pra pegar a tigela e entregar pro pai. E eu fazia isso, e comecei a ingressar na atividade seringueira. Mas não me esqueci, já que meu pai era meu professor, de me ater ao entendimento do que era a estrada de seringa, o que era a colocação, que é uma unidade de produção.

A estrada de seringa é um conjunto de árvores selecionadas pra

se tornar uma estrada que é feita pelo seringueiro que contratava um mateiro florestal pra lhe orientar nesse processo. E eu sabia disso. Então... Aí, uma, duas, três, até 18 estradas de seringa formavam uma colocação, que é uma unidade de produção do seringal.

E o que é um seringal? Um conjunto de colocações que coloca diversas famílias, diversas facas pra cortar, né, como diz o ditado das coisas. Mas como é que isso funcionava? Qual era o sistema ali? Era um sistema de aviamento entre o patrão e o seringueiro e o sistema de coação ao mesmo tempo. Como disseram nossos colegas, o cara era obrigado a comprar daquele patrão somente e a vender sua produção só para aquele patrão, senão ele era expulso da colocação. Às vezes era colocada até a polícia em cima dele, muitas vezes eu vi isso acontecer, tive que interceder nisso. Não sei se por loucura ou por coragem, mas eu tive que fazer. Então, ainda tinha um adicional nisso, que era a renda estabelecida, a renda das estradas de seringa, que nós tivemos que abolir através das nossas lutas. A renda, cobrava do seringueiro... Algum seringueiro lembra da renda aqui?

Que era de 70 a 76, 100 quilos de borracha, por parelha de estrada, que o seringueiro era obrigado a produzir por conta própria para dar a um patrão seringalista. Isso era um abuso! Porque esse seringueiro produtor nunca teve assistência nenhuma de educação, de saúde, de cidadania, de coisa alguma. Então, ele só vivia o abuso que o patronato estabelecia contra ele, enquanto o patronato se divertia com os cabarés de Manaus, enquanto o patronato no tempo do colonialismo reunia as forças coronelistas para sequestrar as prostitutas de Manaus e trazer para vender a preço de borracha, para que nós hoje sejamos os filhos, netos, bisnetos, tataranetos, escanchanetos dessas mulheres que viviam prostituídas em Manaus e que foram sequestradas, trazidas para cá, pelo policiamento usado pelo coronelismo.

E aí, então, Tati, e todos vocês, as outras mulheres que se somavam a essas que foram sequestradas em Manaus, eram as índias que eram sequestradas na floresta, que também eram vendidas a preço de borracha, como foi o caso da mãe do seu Manoel Estevão e do seu Valdomiro Estevão. Todas aquelas coisas: o peso da borracha, o roubo da tara da balança, sabe? O preço da mercadoria, a coação

estabelecida, me forçou a aprender a ter uma posição. Quando o seringueiro, por melhor que ele fosse, por mais organizado que ele quisesse ser, se esforçava para produzir muito, ele mesmo assim era enganado pelo patrão. E quando tiravam saldo, eram, inclusive, assassinados para não receber o saldo que conseguiram oferecer. Então, seria uma tristeza se um homem como eu, como Orleir, como todos os outros homens que aqui estão, não tivesse no ímpeto de sua vida a coragem de lutar.

Foi isso que nos moveu: foi lutar em benefício da liberdade, da autonomia, do poder de expressão, da melhor remuneração pela sua produção, do respeito à sua produção, à sua família. Isso nos levou a questionar muito a nossa forma de viver nos seringais. E foi exatamente isso que levou os Sindicatos dos Trabalhadores Rurais a criar o Conselho Nacional dos Seringueiros. E foi o Conselho Nacional dos Seringueiros que nos levou a buscar a criação das Reservas Extrativistas, que, por iluminação divina, conseguimos fazer esse trabalho aqui na região do Vale do Juruá, onde eu nasci e cresci, e onde a gente encontra uma população que não é somente leiga, é posicionada!

Tatiane: O senhor lembra mais ou menos quando foi isso?

Txai Macêdo: Lembro, eu lembro. O Conselho foi criado pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais, em 17 de outubro de 1985. E aí eu vim pra cá pra entrar nessa proposta de criação de Reservas Extrativistas, já vindo do movimento indígena e indigenista. Em maio de 1988, aí, maio, junho de 88, eu fiz a primeira visita dos seringais da bacia do rio Tejo. E, com base naquela primeira visita, fiz um relatório. Eu não me envergonho de dizer que, se você for ler hoje, talvez você vá conseguir fazer daquele relatório todinho umas dez frases mais esclarecidas. Eu também não estudei em escola nenhuma, a não ser a escola da vida, com as experiências do povo, sabe? Mas então entramos em maio em uma situação muito difícil, eu não tinha dinheiro. Eu era o presidente da Comissão Pró-Indígenas, que eu havia criado junto com o Terri Vale de Aquino, que é um antropólogo, e eu sou sertanista; e nem eu nem ele tínhamos dinheiro. Eu

lembro que, quando eu vim pra cá pra fazer essa vontade do Chico Mendes acontecer, a Verinha, que era esposa do Terri na época, ficou com pena de mim. Olhou pra mim, era uma menina assim pequena, e aí disse assim: -

— “Macêdo, tu é doido?”

Falei:

— “Não, Vera, eu não sou, não.”

— “Mas tu tem dinheiro?”

Falei:

— “Não!”. “Como é que tu vai viver nessa luta lá?”.

Eu falei:

— “Eu não sei, eu nunca vi ninguém morrer de fome na casa de um seringueiro.” Então, eu ia pra casa dos seringueiros. Aí a Vera meteu a mão no bolso e me deu três notas de dez reais, foi o dinheiro que eu trouxe de Rio Branco pra cá. Eu coloquei o Chico Ginu dentro do Conselho na época e aí me pagaram como assessor. Na verdade, nós recebemos por três meses. Quando nós começamos a fazer as coisas, gerou uma certa ciúmeira. Nós colocamos uma frota de cento e oitenta embarcações aqui no porto das comunidades da região. Nós colocamos uma rede de comunicação com base na rádio funil. Nós colocamos um programa de saúde: “Vida e Saúde” para a população, e entregamos esse programa ao senhor Antônio de Paula para desenvolver esse trabalho, que ele era agente de saúde.

FOI AQUELE MOVIMENTO DE CRIAÇÃO DAS CANTINAS, AQUELE PROJETO DO BNDES, QUANDO OS SERINGUEIROS COMPRARAM MERCADORIAS E DESARTICULARAM A AÇÃO DOS PATRÕES! Tatiane bem recordou.

Txai Macêdo: Exatamente. E nós colocamos 12 armazéns no interior da floresta pra atender os seringueiros.

E foi por isso que o seu Antônio de Paula entrou no movimento. O seu Antônio de Paula era guarda-livro de seringais e os seringueiros não tinham ainda o hábito de administrar essas coisas, mercadorias; eles só produziam borracha. Então, tudo isso ia se dar muito mal, se não tivesse alguém pra orientar. Aí eu fui ao sindicato e pedi ao sindicato que indicasse alguém que soubesse fazer esse trabalho com os seringueiros, de contabilidade. Essa contabilidade, na prática, é chamada de guarda-livro de seringal.

Tatiane: A gente já está chegando lá no tempo dos direitos, já na criação da cooperativa, da chegada do Programa Vida e Saúde... Mas antes disso, teve aquele enfrentamento direto com os patrões... O senhor pode contar pra gente?

Txai Macêdo: Nós nunca imaginamos que fossem acontecer aquelas coisas com a gente. Muito embora a gente já soubesse que lá pela bacia do Alto Purus, outros parceiros já tinham sido assassinados, como o Chico Mendes. Mas quando eu vim para cá, o Chico ainda era vivo. Então, por tudo que aconteceu lá, a gente achava que não ia acontecer aqui também não. Mas foi engano nosso! Quando nós entramos na região, tanto pela questão indígena em si, pelo reconhecimento das terras indígenas, que foi por onde eu entrei primeiro, quanto pela criação das Reservas Extrativistas, houve muito conflito, muito conflito, e deles sangrentos, inclusive.

Lá na Restauração, por exemplo, eu fui quase morto dentro de uma igreja. A primeira reunião tinha sido feita no terreiro da casa do patrão seringalista lá, que era o Zé Silva. E aí, me arrependi de ter feito ali, porque poderia significar provocação. Então fui fazer outra reunião dentro da Igreja de São Raimundo Nonato. Tinha umas trezentas e poucas pessoas nessa reunião. E aí, eu achava que ia dar tudo certo, porque foi bonita, rapaz. No começo, o Dolô Farias fez um apoio, leu o “Pai Nosso do Seringueiro”. Aí, a Rena, a minha mulher na época, leu uma poesia e botou a música do Vital Farias: “Era uma lenda amazônica, a mais bonita floresta...”. E aí, eu falei assim: “Isso vai ser beleza”. Mas foi engano!

Quando Chico Ginu acabou de falar... Porque nós estávamos





naquela reunião já lançando a Associação dos Seringueiros e Agricultores da Reserva Extrativista do Alto Juruá. Foi às dez horas da manhã do dia 7 de março de 1989, certo? Quando o Chico Ginu me passou o microfone, que eu pedi para as pessoas levantarem a mão... Eu tinha pedido a São Raimundo Nonato... Que aquele cantinho da igreja, quem é da Restauração sabe disso, né? Que ele ajudasse a gente ali na reunião. Apesar de ser um santo de massa que estava ali, a espiritualidade do povo estava presente... “São Raimundo Nonato, ajuda nós nessa reunião.”

Então, quando eu peguei o microfone, aí eu vi um homem entrando de lá para cá, arredando o povo de um lado para o outro. O homem mudava de cor toda hora. Era o seu Zé Silva.

E aí, o Seu Zé Silva, quando chegou onde eu estava, falou:

— “Você já disse para os seringueiros não pagar mais a renda.”

Eu já tinha dito mesmo, sabe?

— “Se você quiser que os seringueiros não paguem a minha conta...”.

Então, eu falei:

— “Espera aí, Zé Silva. Você não quer ter um pouquinho de paciência, sentar ali como todo mundo está sentado? Ouvir a reunião? E depois, se você tiver alguma opinião contrária, a gente resolve junto.”

Ele me deu um tapa! Aí, quando ele me deu um tapa, o Seu Milton, o homem da Conceição, patriarca do povo Kuntanawa, estava do meu lado. Foi em cima dele também! Aí, ele deu um tapa no Seu Milton também! Ele nunca deu um tapa no homem pra ele não cair, mas nem eu, nem o Seu Milton caímos não. Aí, ele mete a mão no bolso e arrasta uma tesoura de barbeiro, daquelas compridas, e começa a me jogar a tesoura pra cima, sabe?

Eu tinha uma mala de couro cheia de dinheiro que eu tinha levado, do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), para os seringueiros trabalharem na abertura de varadouros históricos, construção de armazéns, construção de barcos, esta-

leiro para barco, essas coisas. E eu só me lembrava daquela mala de dinheiro naquele momento. Até esqueci do São Raimundo Nonato, que eu tinha pedido ajuda, sabe? Porque aquela mala era de sola, então ela não ia deixar a tesoura barata. E ela estava cheia, cheia mesmo de dinheiro! Então, não dava tempo.

Tinha um policial na reunião, que era Puyanawa, o Maurício Puyanawa, Maurício Cordeiro de Lima. E eu nem me lembrava do Maurício... Aquela arma do Maurício disparou... Eu nem lembrava que ele estava presente ali. Disparou no braço do patrão. E aí, então, começou a cair sangue ali. O patrão correu pra trás, foi no barracão, pegou quatro espingardas. Quatro homens diferentes: ele, mais três e o Mâncio Neto. Eram quatro com espingardas. Eu vendo essa espingarda ser trocada os cartuchos, muitas vezes, naquele momento, eles e nós atrás da igreja, e eles arroteavam a igreja. Eles trocavam o cartucho e atiravam em mim e no Chico Ginu. Mas as armas não deram fogo, não. Graças a Deus! Então, teve vários conflitos.

Um outro conflito, assim, muito forte, que aconteceu, foi na sede de Marechal Thaumaturgo. Naquele momento, eu estava subindo o rio com doze equipes técnicas, contratadas para realizar o cadastramento da população de moradores da Reserva Extrativista do Alto Juruá, para que a gente pudesse provar pro mundo que existiam mil e poucas famílias naquele lugar, sabe? E que estavam sendo cadastradas pra poder acessar, no futuro, junto ao Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICM-Bio), que veio a ser criado logo em seguida, o Título de Concessão Real de Uso (CDRU) da sua ocupação naquele local. Mas faltou caderno, caneta e cigarro na viagem. E eu estava com doze equipes. Aí encostamos em Marechal Thaumaturgo, que naquela época eu chamava de “Trauma Tudo.” Porque era um trauma encostar ali, cara. Era um enfrentamento total, sabe? E aí fomos no comércio do Manoel Gramichó. Então, fui comprar cigarro, fui comprar caneta, fui comprar um caderno. E quando eu vou saindo da porta do comércio, tinha um delegado sindical do Rio Amônia. Aí, me disse:

— “Seu Macêdo, o pessoal não quer entrar em acordo, implantar do lado do rio e criar os portos do outro lado.”

Eu falei:

— “Você já fez uma reunião? Já conversou com ele?”

Nós estávamos naquela conversa quando eu recebi um tapa muito feio. Meu óculos quebrou, arrebentou. A minha cara foi quebrada aqui, o nariz e tudo. E eu caí. Eu só me dei conta que eu tinha levado um tapa quando bati com as costas no chão. E eu tinha uma faca na cintura que era do Siã Kaxinawá, inclusive. Puxei aquela faca de cabo de osso, danei a faca nele. Mas eu não o alcancei não. Aí, eu também nem sei se eu queria alcançar, mas não alcancei. Aí, eu vi quando aquele homem levantou a camisa, era um madeireiro no rio Amônia, lá da terra indígena dos Ashaninka. E era um revoltado comigo porque a gente impediu o roubo de madeira da terra indígena. Perguntem aos Ashaninka que eles sabem disso. Quase morreram junto comigo muitas vezes por conta disso.

Então, aquele homem puxou um revólver 38 da cintura, carregado de balas, tinham seis balas. E ele tinha pegado esse revólver emprestado de um soldado da Polícia Militar (PM). Olha só, o revólver era do soldado da PM. E ele malhou! Das seis balas, chegou a malhar três balas em cima de mim, mas não conseguiu disparar nenhuma, não.

E aí me perguntaram:

— “Seu Macêdo, o senhor tem caboje? O senhor é bruxo? O senhor sabe rezar contra essas coisas?”

Eu disse:

— “Eu não sei de nada, gente. Eu só sei rezar no cabo de um violão, cantando hinos da ayahuasca. Mas eu não faço essas coisas como meu projeto, não, senhora. Esse é o projeto de Deus. É um projeto divino! E se você tiver fé, coragem, isso pela crença de que esse homem existe, de que essa força é verdadeira, é ele quem faz tudo acontecer. Você só é um instrumento. Se Deus não estiver na frente, não dê o primeiro passo. Foi Deus. Foi sempre Ele.”

Então, houve muitos conflitos, sim. Eu cheguei, uma vez, subindo o rio Juruá, dali da Foz do Tejo para o Acuriá, onde morava o Seu Dadá, na Foz do Acuriá. Eu estou subindo o rio e aí, eu, dois filhos

meus pequenos, o Nonato e o Marenilson, a minha mulher, a Rena, e o irmão dela, que era motorista. A minha mulher era Puyanawa e o motorista do barco era irmão. Era uma canoa. Nós estávamos subindo, e alguém já ouviu falar da moradia dos Pacas, no estirão do Tejo, lá pra cima? Acima da Foz do Tejo. Então, quando eu vou passando, aqui do lado direito, a canoa está subindo o rio, tinha quatro homens com quatro espingardas apontadas para a nossa canoa. O que é que eu podia fazer? A única coisa que eu podia fazer ali era consultar a Deus o que fazer, certo? Então, eu tomei a decisão de encostar a canoa.

E aí, quando eu pedi para encostar a canoa, o motorista tremeu na base e falou o seguinte:

— “Macêdo, tu é doido? Vão matar nós tudinho!”

Eu disse:

— “Eles vão matar de qualquer jeito, então encosta a canoa.”

A minha mulher quase me derrubou na água, dizendo que eu era doido. Ela me pegava pela camisa, assim:

— “Tu vai matar nós!”

Não tinha outro jeito. Não tema na base. Resolva a questão! É sempre assim. E nós não precisamos ser violentos, temos que ter autodeterminação. Porque se Deus estiver na frente, nada de mal te acontece! Então encostamos a canoa, eu fui arredando um cano de espingarda para um lado, outro cano para o outro, arredando o cano de espingarda até chegar em cima do barranco. E, quando eu cheguei em cima do barranco, o Djalma Teles! O Djalma Teles, já morreu. Porque quem faz o mal, vai primeiro, certo? Era ele que tinha organizado esses homens, trabalhadores ribeirinhos, pra me matar naquela passagem ali. E ele... Quando foi correndo, eu o peguei pelo colarinho da camisa, puxei pro meio daqueles homens armados e fiz ele esclarecer o jogo sujo dele ali, sabe?

E os homens ficaram tristes de ter apontado as armas para mim. Porque eles passaram a entender que eu estava ali, eu não estava em nome da vaidade. Eu estava ali em nome da libertação, dos direitos

deles. O Djalma Teles era marreteiro naquela época. Mas, para a nossa glória, as filhas dele depois passaram a ser professoras dentro do nosso movimento, não foi? A Conceição e aquela outra. E graças a Deus tudo foi resolvido. Então gente, se eu vou falar dessas diversas situações que a gente teve no dia a dia das lutas pela criação das Reservas Extrativistas, são muitas coisas, é rodeado de problemas. Coisas tristes como, por exemplo, você chegar cantando, como eu gosto de dizer, no terreiro de uma comunidade que nunca teve assistência médica nenhuma e uma mãe de família aflita, vir correndo com sua filhinha nos braços, morrendo, provocando verme pela boca e atirar aquela filha...

A esperança dessas pessoas era tão grande que uma pessoa como eu, ao chegar com essa coragem nos seringais, representava para eles uma tábua de salvação. De atirar aquela filha, de atirar aquela filha nos meus braços que só terminou de morrer. Eu não tinha outra coisa a fazer. Só deixar a criança nos braços e ela acabou de morrer. Então, essas situações, se não motivar a gente, é porque a gente não é capaz de nada, sabe? São essas situações que me moviam para fazer as coisas acontecerem em cada curva de rio e em cada passo que eu dava. São essas situações que trazem vocês hoje aqui, a ser a liderança que você já é, certo?

Se não fosse isso, se não fossem essas situações, eu não teria a felicidade de poder estar vendo o neto, o sobrinho, o filho dos trabalhadores escravos que eu encontrei e que pude ajudá-los a se libertar, formado. Formado! Com condições de pegar um microfone, de falar as coisas, de empreender a luta, de representar o seu povo. Isso para mim é saldo! Eu nunca pensei em trocar de chinela por conta disso que eu faço não. Mas eu sempre sonhei com essa possibilidade de um dia ver o povo se auto representar, em condições de fazer as coisas com a qualidade que eu não soube fazer. Eu empreendi a bandeira da coragem, mas não precisava ter só a coragem. Precisa saber imprimir a qualidade no jeito de fazer as coisas. Para mim, foi um pouco isso.

Tatiane: Seu Macêdo, muito obrigada por você estar compartilhando suas histórias com a gente, dando essa aula. É uma aula de

história aqui!

Txai Macêdo: É, é forte. Fazer o quê, né? Nós, graças a Deus, estamos vivos para poder contar para os outros companheiros, que são a continuidade do nosso trabalho, do nosso movimento. E nós, com aquela felicidade, não somos donos de nada.

— **E A ALIANÇA DOS POVOS DA FLORESTA?**

Perguntou Tatiane. Eu sei que foi um muito importante, porque é muito lembrado pelas lideranças.

Txai Macêdo: Sim, é muito importante.

Tatiane: O senhor pode contar como é que aconteceu aqui no Vale do Juruá?

Txai Macêdo: Posso sim! Com muito prazer de falar sobre isso. Porque assim como vocês observaram na fala anterior, a dificuldade era mil, mil! Já eram reconhecidos territórios indígenas, que tinha uma lei e o Estatuto do Índio, O Decreto nº 1.775 de 1996. E de repente, com todo esse amparo de lei, reconhecer um território indígena era uma questão de agressão contra o patrão e gerava conflitos enormes. Agora, reconhecer um outro tipo de território em favor do seringueiro, de uma população tradicional que ocupa aquilo ali, sabe? Secularmente sem aparato de lei nenhuma, era mais difícil ainda!

Então, a inteligência nos comanda a pensar o seguinte: como nós vamos conseguir fazer isso, se uma andorinha só não faz verão? Vamos reunir as forças que a gente já tem, que a gente já conhece. Então, reuni 12 lideranças indígenas de todos os povos aqui da região, 17 delegados sindicais dos sindicatos daqui da nossa região e liderei esse movimento para orientar os sindicatos, orientar as lideranças indígenas... Mas as lideranças indígenas que já estavam há mais de

dez anos comigo e Terri Aquino, já tinham uma visão mais esclarecida do que isso significava. Então, agora, elas eram importantes para orientar os seringueiros. Em toda reunião que a gente fazia, em toda assembleia, essas lideranças estavam presentes.

Nós fazíamos assembleia geral, ordinária e extraordinária pelo Conselho Nacional dos Seringueiros. E depois passamos a fazer assembleia geral da Associação de Seringueiros e Agricultores da Reserva Extrativista do Alto Juruá (ASAREAJ). Criamos a ASAREAJ... Aí, com essa participação das lideranças indígenas, dos delegados sindicais, nós conseguimos sensibilizar muitos setores da sociedade, inclusive o Ministério Público Federal, o IBAMA, todos aqueles órgãos. As universidades, como a Universidade de Campinas (UNICAMP), a Universidade de São Paulo (USP), a Universidade Federal do Acre (UFAC) e a Universidade de Brasília (UNB). Aí nós conseguimos... Aí eu fui preso! Subia aqui com a frota de embarcação, nós íamos fazer assembleia geral na foz Rio Bagé, lá onde o Nonatinho morava, nós íamos fazer ali, que era o primeiro local onde fazíamos assembleia geral, né? E eu fui preso em Marechal Thaumaturgo.

Tatiane: E Seu Macêdo, nessa prisão era o senhor e o Ginu, né? Foi o senhor e o Ginu que foram presos ou foi só o senhor?

Txai Macêdo: Não, era eu, Chico Ginu e o Zé Rodrigues, que era do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), que era nosso assessor aqui na região, sabe.

Leonísia: Qual era o crime que o senhor estava cometendo?

Txai Macêdo: Não tinha crime não, mas eles criaram o seguinte, quando os nossos barcos estavam subindo o rio, os nossos barcos eram iluminados, então a gente soltava uma mensagem dizendo o seguinte: “Atenção navegantes do rio Juruá...”, como o meu pai já dizia, eu falava isso na mensagem, saia na rádio Verdes Floresta, “... O seguro morreu de velho, o desconfiado ainda hoje é vivo, portanto, a frota da Aliança dos Povos da Floresta vai largar do por-

to de Cruzeiro do Sul na hora e tal dia, podemos nos encontrar em qualquer curva desse rio, todo cuidado é pouco”.

Um dos nossos barcos que estava sendo dirigido naquela noite pelo Pedro José Saraiva de Freitas, que era o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais aqui de Cruzeiro do Sul, bateu um outro barco que vinha descendo no escuro, no rio Juruá, nas imediações do Seringal Grajaú, quem é do Alto Juruá sabe disso. E aí, segundo eles, uma criança desapareceu no naufrágio daquele barco, que bateu com o barco Wilson Pinheiro, que foi o nosso barco que estava subindo o rio. Nós íamos com o Wilson Pinheiro, a gente ia com o Chico Mendes... Quando eu comprava um barco aqui, não era em meu nome que eu botava não, era em nome daquelas lideranças assassinadas, porque eles não nasceram por acaso. Então era o barco Chico Mendes, o barco Wilson Pinheiro, o barco Napoleão Puyanawa.

Então, aí quando eu chego em Thaumaturgo, a responsabilidade de quem conduz o movimento é sempre lembrada que nada é alheio, tem que ser cumprida as regras do jogo. Então, eu encostei em Thaumaturgo para registrar na sub delegacia de polícia de lá, a ocorrência que o barco se chocou com o outro. Eu vinha até dormindo no barco Chico Mendes. Eu fui acordado e estava dormindo com a minha mulherzinha na rede, naquele barco Chico Mendes. Já era de noite... E aí as pessoas me acordaram dizendo que o barco tinha batido no outro. Não era verdade, não sumiu criança nenhuma, mas precisavam criar alguma coisa para se livrar de mim! Então fui preso. Eu, Chico Ginu, Zé Rodrigues, dentro do mesmo cubículo!

Valcirlene: Isso foi em que ano?

Txai Macêdo: Isso foi no início de 1990. Aí, ali em Thaumaturgo, para descer um avião naquela época ou era fretado por mim ou era fretado pelo Sebastião Corrêa, que era madeireiro, ou era fretado pelo Orleir Cameli, senão, não descia avião nenhum lá. E naquele dia que eu estava preso mais meus companheiros, desceram 35 aviões naquele lugar. E todos eles tinham um papel na mão: “Solta o Homem!” E esse era um recado de todas as populações do mundo inteiro, não era daqui. E eu fui solto, os outros também. E seguimos

a nossa viagem, porque nós íamos fazer uma assembleia na Foz do Rio Bajé. E recebemos no dia seguinte, o decreto de criação da primeira Reserva Extrativista do planeta Terra, que foi criada no dia 23 de janeiro de 1990, a primeira Reserva Extrativista no Brasil, aqui no Alto Juruá, que origina por si só, a criação do Programa Nacional de Reservas Extrativistas no Brasil.

— **QUANDO SE INAUGURA O TEMPO DOS DIREITOS?** Questionou Tatiane.

Txai Macêdo: Olha, se a gente levar em consideração que aqui-lo era uma revolução disfarçada, que eu não chamava de revolução, eu chamava de Movimento dos Povos da Floresta, que era encabeçada pela Aliança dos Povos da Floresta, da qual eu era o coordenador nacional e internacional dessa aliança. O Ministério Público classificou de Revolução Macedônia do Juruá. Isso está em livro, sabe? Mas não é que o Ministério Público queria lutar contra nós, não. Porque eles, inclusive, trabalharam muito a nosso favor. Eu não sei por que eles botaram esse nome. Mas para mim seria no dia da criação da reserva, o marco da conquista de uma grande revolução dos povos da floresta nessa região. Grande! Que cada cacique, aqueles que muitos já se foram, sabe, tem responsabilidade com isso. Cada delegado sindical, daqueles que muitos já faleceram, tem responsabilidade com isso. E tudo isso me obriga a pedir a Deus, clementemente, um pouco mais de vida para contar mais coisas para vocês.

Para que vocês possam tocar a vida do movimento que tem hoje em dia, que a vocês cabe enquanto responsabilidade levar em frente com sabedoria. Porque atrás vem gente, atrás vem gente! E a gente precisa estar lutando não só por nós, é por aqueles que vão nos suceder no futuro também! Então é preciso... Eu gostaria muito de estar nesse momento aqui com o Chico Mendes vivo, trabalhando junto comigo, de frente a frente. Porque ele tinha jogo de cintura, como eu apresento. Com o Raimundo Barros, que é primo do Chico Mendes,

com o Osmarino Amâncio, que graças a Deus ainda está vivo. O Osmarino tá vivo, o Raimundo Barros está vivo ainda, só levaram o Chico. Para que vocês pudessem ter, inclusive, mais atores como eu, contando histórias. Não só daqui da nossa região, mas por exemplo, em outros lugares onde eles têm trabalhado também. Mas vocês conhecem muita gente do Tejo, do Bagé, muitos companheiros que assim como eu e cada um de vocês, têm os mesmos valores que lutaram juntos.

Olha, não é fácil receber um cabeludo como eu era, cheio de cacho de tudo que é lado, que agora eu tô velho, mas eu tô velho, não é? Então... Com a fita vermelha amarrada no cabelo, falando em nome de liberdade, fazendo revolução, sem nenhuma arma na mão, sem dinheiro no bolso, sem roçado pra comer. Essa população é que merece carinho de todos vocês, sabe? Porque foi essa população que teve a coragem de nos abraçar, de acreditar nas nossas palavras e de vencer na luta, de vencer! É essas populações das quais vocês são representantes aqui. Foi muito prazer conhecer aquelas pessoas, sabe? De ser abraçado por elas, de receber o prato de comida na cozinha delas, de beber da água do pote delas. E de ter o respeito que ainda tenho hoje por todos eles, porque o carinho que eu recebo em cada comunidade dessa é muito grande.

É preciso ter paneiro forte pra carregar. E é preciso ser muito humilde. Ninguém aqui pensa em ser grande, em ser vislumbre. É importante que não. É importante ser humilde, porque o universo, ele é cheio de chaves que abrem portas e portas. E a escola não ensina isso pra gente, se a gente quiser aprender isso tem que ser na espiritualidade! Então, a primeira chave que eu uso e eu entrego a cada um de vocês, é a chave da humildade, da porta da humildade. Quando a gente usa a chave da humildade, todo mundo nos recebe. Todo mundo nos trata bem. Todo mundo quer nos ouvir. Todo mundo faz junto com a gente o que é preciso ser feito. E se a gente usa a segunda chave, que é a chave da simplicidade... Olha, eu cheguei assim lá. Eu estou assim ainda hoje. Isso não é desprezo meu sobre mim. Não é relaxamento. É o meu jeito de ser, certo? Então, a chave da simplicidade, ela dá sustentabilidade a tudo aquilo que nós conseguimos fazer quando abrimos a porta da humildade, certo?

Quando abrimos a porta da humildade. Nós não precisamos ser humilhados, mas temos que ser humildes. Humildes! Não é pequeno ser humilde. É saber ser humilde. É muito importante! Para nós, principalmente que trabalha com gente, que trabalha com uma diversidade de raciocínios, que trabalha com a fauna, que trabalha com a flora, que navega nas águas, que toma bênção a Deus. É preciso ser humilde, é preciso ser simples. O poder não é nosso. O poder é de Deus! A gente tem que saber utilizar o poder. Nós também não somos donos da vida. A vida é divina. Na vida, nós temos a oportunidade de viver, de sentir, de aprender, de fazer coisas. E até de promover lutas como essas para que o povo consiga alcançar o que a vida lhe prometeu ser. A liberdade é importante, o direito de ir e vir, de se expressar. Nós temos muitos direitos que nós alcançamos pelo saber. Muito obrigado a todos.

— **EU ERA O CÃO!** Falou txai Macêdo rindo. Eu pareço com gente? Tem alguém aqui que tem dúvida de que eu seja gente? Alguém coloca em dúvida a minha relação com Deus? Não, né? Mas eu era o cão!

Todos caíram na risada!

Eu tenho certeza de que o pessoal da Alto Juruá ouviu muito isso, né? Os pastores evangélicos, os padres, como o padre Pedro, por exemplo, os patrões seringalistas, os marreteiros, eles preferiam dizer aos seringueiros, aos barranqueiros do Juruá, que na Bíblia estava escrito que iam aparecer falsos profetas, diziam:

— “Portanto, vocês têm que ter muito cuidado de não entrar nessa associação da Reserva Extrativista que o Macêdo está fazendo, de não darem atenção a esse Conselho Nacional de Seringueiros que esse Macêdo está falando dele, porque esse Macêdo é o cão! Ele bota fogo pelo nariz, fogo pela boca, fogo pelos ouvidos e queima a

mulher dele!”

Então, se vocês um dia chegarem em um lugar desse e forem tratados assim, se lembrem que eu fui tratado dessa maneira. E naquele dia que eu subi afastando o cano das espingardas para chegar em cima do barranco e pegar pelo colarinho o seu Djalma Teles, depois desse ato, eu continuei subindo o rio, morto de fome, com vontade de tomar um cafezinho.

Porque eu levanto na minha casa três horas da madrugada para fazer o café. E naquele dia eu não tinha café. Então, eu queria chegar em um lugar e tomar uma xícara de café. Então, eu encostei na casa do seu Dadá na foz do rio Acuriá. E quando eu encostei ali, o seu Dadá estava sentado assim no pé da parede, e eu dizia:

— “Bom dia, mestre!” E ele não levantava a cabeça. E eu:

— “Bom dia, Mestre!”

E ele não levantava a cabeça. Até que, umas quatro ou cinco vezes, teimando, né, vieram duas moças, filhas dele na janela da casa e eu com o hinário na mão, começaram a cantar hino evangélico. A expectativa delas é que elas iam fazer o cão escafeder, virar enxofre, sumir dali, sabe? E eu resisti, ouvindo os hinos. E aí eu falei para o meu filho... Que eu tinha um violão lindo, que ganhei de presente da Tânia Burb, da Inglaterra.

E então, eu falei para o meu filho:

— “Vá alí e pegue o meu violão.”

Ele foi e eu comecei a acompanhar os hinos que elas estavam cantando. E foi uma questão de sorte, que eu não sei muito não de violão. E quando eu comecei a acompanhar, elas pararam de cantar. Aí, ficaram olhando para mim, assim... Aí eu comecei a tocar um hino do Mestre Irineu Serra, que diz assim, ó:

*“Cada um tem um cabedal
De acordo ao que Deus lhe dá
Para viver neste mundo
É preciso procurar
Para viver neste mundo
É preciso procurar*

*Laranjeira carregada de laranja boa
Assim é alguma pessoa
Laranjeira carregada de laranja boa
Assim é alguma pessoa
Laranjeira carregada de laranja boa
Assim é alguma pessoa*

*Vou vivendo e vou dizendo
De acordo que vai chegar
O ouro que tem na terra
É a luz que brilha mais
O ouro que tem na terra
É a luz que brilha mais*

*Laranjeira carregada de laranja boa
Assim é alguma pessoa”*

Aí, as meninas pegaram, olharam para o pai e falaram:

— “Tá vendo, papai? Como o homem não é aquilo que andam dizendo?”

Aí foi que o Seu Dadá levantou a cabeça e falou:

— “Suba, seu menino. Faz um café pra ele, matem uma galinha e façam um almoço.” E aí tudo mudou. A conversa rolou, viramos amigos. Isso pude passar em diversas casas desse interior da nossa região, por conta dessa má fama criada por esses patrões, por esses políticos, pelos pastores, padres e marreteiros. Obrigado!

Tatiane: Muito obrigada pelas suas palavras, Txai Macêdo!

— **A RIOZINHO E A ALTO TARAUCÁ SÃO
UMA CONSEQUÊNCIA DA LUTA.** Considerou,
Tatiane.

E continuou: E aí, o que vocês estão achando? Eu senti que como a gente colocou nessa linha do tempo a criação da Alto Juruá, a gente deveria colocar também da Alto Tarauacá e da Riozinho. Alto Tarauacá é criada em 2000, né? Porque, assim do que eu percebo, é que a Riozinho e a Alto Tarauacá são uma consequência da luta também pela Alto Juruá. Quem conhece um pouco dessa história da Alto Tarauacá que poderia contar? Já ouviram de alguém?

Jair: Então, não tenho tanto o que falar que nem o Txai Macêdo, que tá aí desde a construção da primeira RESEX. E quando a RESEX estava sendo criada, era quando eu tava nascendo, né? Então, assim, o pouco que eu sei é as histórias que contam. O que eu sei é que a minha família está envolvida nesse processo de criação da RESEX, nesse processo de luta, de ter sofrido violência, tentativa de domicílio pelos patrões, né? Na época, pelos patrões lá...

Tatiane: Qual é o nome do delegado sindical lá, das lideranças?

Jair: Tem o meu tio, que era presidente do sindicato, foi vereador, conhecido como Dó. Ele foi um dos pioneiros nessa luta de criação de reserva. E lutava, né? Pelos seringueiros, pelos agricultores da época. Tem o pai do nosso amigo Daniel aí, também que ele é uma das figuras mais conhecidas lá do seringal. Finado Chico Santos, já faleceu. Então, os nossos avós, os nossos pais, eles estavam dentro desse processo aí de criação.

Tatiane: O seu Dó, ele foi delegado sindical ou presidente do

STR?

Jair: Presidente do STR. Também foi eleito vereador na época, lutando pelas causas sociais. Tem meu outro tio também, que foi presidente do sindicato e sempre defendeu a questão da luta também. Que é conhecido como Homem do Oda. Foi presidente da STR... Pois é... Não tem como contar a história do contexto todo porque eu não vivi isso, né?

Tatiane: Mas você já está colhendo fruto dessa semente que foi plantada.

Jair: Exatamente! Eu lembro que eu fiz parte da criação do Conselho Deliberativo, de todas aquelas pautas lá: o Plano de Manejo, o Acordo de Gestão. Sempre estive participando, mas foi bem depois, né. Desde criança quando tinha reuniões nas comunidades, eu já gostava, era muito aquela criança que gostava de perguntar, né? Eu acredito que os meninos que estão comigo aqui, todos eles têm, as famílias deles estavam, né? Lá na RESEX, na época... Fizeram parte da construção das reuniões, os nossos avós são bem conhecidos lá também. Teve o Seu Chagas Braz, um dos mais antigos lá dentro da RESEX.

Tatiane: Daniel, conta aí a história da tua família, meu querido.

Daniel: Pessoal, bom dia. A minha vivência no território foi muito pouca porque, na época, eu saí da companhia dos meus pais muito novo. Mas sempre ele me contava as histórias de luta dele, de como ele fazia para sustentar a família, que era grande, nossa família. Eu entrei no movimento mais pela memória mesmo do meu pai. Quando ele faleceu, ele faleceu dentro de uma estrada de seringa, quando ele soube que a borracha ia ser cortada novamente... Ele foi abrir a estrada de seringa dele e morreu no toco de uma seringueira. E assim, isso me motivou, entendeu? Me deixou assim... Lutar, porque ele já vinha lutando.

O meu pai foi um homem bem conhecido na região. Quem per-

guntar pelo Chico Santos, todo mundo conhece. Ele foi um cara que na época dos patrões, aquelas pessoas que faziam muita borracha eram mais conhecidas. E o meu pai, como ele era um... Ele era tipo um aventureiro, ele fez histórias e foi um dos idealizadores da criação da RESEX Alto Tarauacá. Na época em que foi pra ela ser criada, ele estava no barco junto com o pessoal que veio lá para a criação da unidade.

Teve também a contribuição importante de um seringalista que era patrão lá na época também, que era o seu Valdor Romão, que foi uma das peças principais na criação da unidade... Era um seringalista que tinha lá, dono do seringal Alagoas, que era o seringal base da unidade. Ele sempre foi aquele cara que trazia mercadoria e tinha um comércio lá nesse seringal e os seringueiros compravam dele mercadoria em troca de borracha.

Tatiane: Ele era aviado então, será?

Daniel: Eu não sei... Ele sempre fornecia para o seringueiro as coisas de trabalho: enxada, machado, essas coisas. E hoje a gente tem lá a unidade Alto Tarauacá. Os menino quando vem fazer os movimentos, até brinca que em cada casa que encosta tem um irmão meu, quando não é, é um sobrinho. Hoje nós somos quarenta e dois irmãos vivos; nós éramos cinquenta e dois. E assim, essa luta, essa vontade, entendeu? Ela vem de um legado mesmo do meu pai!

Orleir: Verdade, Daniel... E txai Macêdo, você merece um obrigado de cada um de nós por tudo que você fez, né? Um obrigado mesmo que venha do fundo da alma, que venha do íntimo do nosso ser, porque você é história viva, né? Se a gente for tentar descrever a sua história, a gente acaba cometendo injustiça, né? Então, só lhe ouvindo, só o fato de você estar num encontro desse, você não tem a dimensão do quanto você enriquece um debate desse com a sua própria história.

Txai Macêdo: Uma vez, os seringueiros queriam fazer uma estátua de madeira de mim lá pra botar na base do rio Juruá. Eu pedi

pra eles que não fizessem isso não, que estátua não fala. O que eu quero como prêmio de tudo isso que eu consegui fazer junto com o povo, é que o povo seja reconhecido, numa luta como essa, como os verdadeiros atores dessa conquista! E que cada um de vocês que assume a frente dos trabalhos dentro do movimento, que tenha esse trabalho nosso como um exemplo a ser seguido.

Orleir: Da minha parte, é isso. Nós temos um histórico de luta muito forte, muito acirrado, e é esse histórico de luta que corre nas nossas veias! O que que motiva um cara jovem como eu? Um cara jovem como o Francisco? Como os meninos que estão aqui? Dona Nazaré... Todos nós aqui representando a Alto Juruá. O que que motiva a gente que tem possibilidade de sair, de ganhar esse mundão aí pra estudar, pra digamos assim viver uma vida independente. A gente tá hoje lutando com a associação, né? Eu acredito que é por amor, é por respeito a nossa história, é por respeito ao nosso território, é a luta dos nossos antepassados. E continua ainda!

— E QUAIS FORAM OS FRUTOS DESSA
LUTA? Perguntou, Tatiane.

Francisco Araújo: Somos nós aqui.

Ramalho: A liberdade, principalmente a de expressão.

Maria de Nazaré: A conquista e a liberdade!

Txai Macêdo: Eu colocaria que além do direito à terra, se associa isso aí ao direito à educação, à saúde e à cidadania.

Jair: Eu acredito que o direito à moradia também!

Tatiane: Comunicação. Os frutos dessa luta somos nós. Temos

direito à terra, cidadania, energia elétrica, comunicação, direito à educação, à saúde, à moradia. Temos muitas conquistas, mas desafios pela frente, por conta da malícia da burocracia. Direito à afirmação da sua cultura.

Branca: E a questão da água, que a gente também teve uma conquista. E a gente conseguiu uma água boa, potável. Porque hoje quase todas as escolas do Liberdade, elas estão tendo os poços artesianos, né? Água boa, água de qualidade !





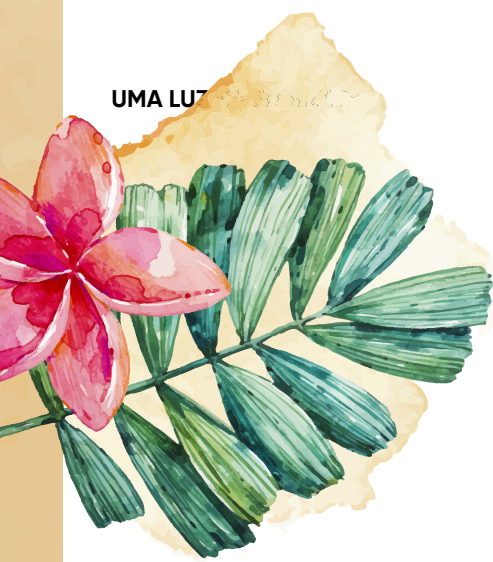
A RESERVA
EXTRATIVISTA
**RIOZINHO DA
LIBERDADE**





É UMA NECESSIDADE
QUE NÓS TEMOS

PRA SAIR DA MÃO
DA POLÍCIA E
DO PATRÃO!



A RESERVA EXTRATIVISTA RIOZINHO DA LIBERDADE ¹²

O rio Liberdade sempre esteve ali. Antes de qualquer mapa lhe dar um nome, antes de ser Reserva Extrativista, antes de qualquer papel dizer de quem era a terra, ele já corria, como uma serpente no meio da mata, desenhando caminhos na pele do mundo. Liberdade é um rio vivo, cujas águas narram histórias de muitas lutas e resistências.

Em um dia ensolarado de verão amazônico, sentados à sombra de um velho tapiri, às margens do rio Liberdade, estavam: Seu Nem Soares, Txai Macêdo, Seu Lorival, Seu França do Gramixó, Seu Albecir e suas amigas Tatiane e Valcirlene. Puxando do fundo da memória, os Mestres da Floresta contavam sobre como ocorreu a luta para criar a Reserva Extrativista Riozinho da Liberdade. Tatiane inicia falando:

¹²Escrito por: Lorival Monteiro, Antônio Luiz Batista de Macêdo (Txai Macêdo), Manoel Ferreira de Souza (Nem Soares), Francisco Batista de Lima (França), Francisco Albecir Brito da Silva, Tatiane Silva Sousa e Silva Sousa e Valcirlene Martins Miranda.

— Tem mais de 30 anos que a história dessa luta começou...

E Valcirlene complementa perguntando:

— Seu Lorival, o senhor pode contar o momento em que decidiu lutar pela criação da RESEX?

E Lorival inicia a contação...

**— ERA UMA NECESSIDADE QUE TINHA
PARA NÓS SAIR DA MÃO DA POLÍCIA, DOS
PATRÃO, não tinha outro jeito, foi criar a Reserva!**

E continua:

Justamente, criamos as quatro primeiras associações do Vale do Juruá. Ou a gente criava aquilo ali ou ficava na mão dos patrões do mesmo jeito. Tinha a reserva desapropriada do Alto Juruá, mas quem comandava eram os patrões. Aí fui obrigado, uma astúcia minha! Deus sempre me jogou pra frente pra criar. A gente conversava o que era discutido pelo próprio professor Mauro Almeida, a gente achava que era uma coisa que dava muito resultado, que era uma coisa que nós ia se apossar. Ia chegar um dia de nós ter o que era nosso. Sem comprar, sem nada, sem gastar dinheiro, lutando!

Primeiro nós criamos as delegacias sindicais através do próprio presidente do Sindicato, o Saraiva. Criamos o primeiro projeto de assentamento do mundo, que foi aqui no Santa Luzia, né? E depois criamos a Reserva Extrativista do Alto Juruá. Com a criação da Reserva do Alto Juruá, a gente tendo essas reuniões lá fora, essas grandes conferências... Aí o INCRA queria criar aqui um projeto de assentamento, mas eu resolvi lutar pra criar a Reserva Extrativista porque pra mim tinha um espaço maior para as famílias viverem.

— A Reserva Extrativista foi criada se pautando no modo de vida do seringueiro. - Observou Tatiane. Lorival continuou:

— Justamente! Fui lutar pela criação da Reserva do Rio Liberdade, eu lutei muitos anos ainda pra poder essa Reserva ser criada. Porque toda vida Deus me ajudava muito em cima dessa realidade!

Txai Macêdo: Todos os delegados sindicais trabalhavam na Reserva junto comigo quando eu estava à frente do Conselho Nacional de Seringueiros. Então o Lorival vendo os reflexos dessa conquista da Reserva Extrativista Alto Juruá, ele participava lá também... Aí veio falar comigo:

“— Txai, como é que faz pra nós criar lá no Liberdade?”.

Eu disse:

“— Primeiro tem que fazer o projeto para poder fazer o levantamento das coisas, a partir daí que vai elaborar a proposta.”. Eu ainda fiz esse projeto pra eles e o Lorival criou a associação. Então, pela ASARIL, eu fiz o projeto e consegui recurso pra que ele pudesse fazer os levantamentos. Aí então fiz o levantamento, levei o Terri pra escrever a proposta da posse e outros técnicos para fazer o cadastramento. Acho que isso foi em 95, 96, nessa faixa.

Valcirlene: E como é que vocês se organizavam? Mandavam carta?

Lorival: Ia na rádio, querida.

Valcirlene: Ah, pelo rádio! Mandavam mensagem...

Lorival: Através do rádio. Lá em Cruzeiro do Sul tinha uma rádio, aí passava mensagem, era assim que nós se organizava.

Nem Soares: Ah, isso foi uma revolta danada, os patrão ficaram valentes! Faziam aquelas confusão danada com eles porque eles diziam que estavam tirando, eles tavam querendo roubar e era aquele negócio que eles diziam.

Tatiane: Dizia que o seringueiro estava querendo roubar?

Nem Soares: Não! Diziam que o seu Chico Ginu mais o Lorival, Terri e Macêdo eram uns bandidos, né? Que eles queriam tirar o pagamento da renda, que não podia, que a renda era natural e tudo.

Mas o Sindicato dizia que eles não podiam de jeito nenhum, a renda ninguém podia pagar e assim foi até formar a reserva.

Tatiane: O Ginu e o Macêdo na época foram do Conselho Nacional de Seringueiros?

Nem Soares: Era, sim senhora. Primeiro o Macêdo, depois o Chico Ginu à frente do Conselho Nacional de Seringueiros, com aquela peleja, aquele negócio, aquela revolta... Aquela peleja pra ninguém pagar renda. Aquilo era pra ninguém pagar renda, né? Aquele negócio... Trabalhar livremente sem pagar renda. Que a gente pagava renda, 60 quilos de borracha, a gente pagava pra...

Tatiane: Por duas estradas?

Nem Soares: Era...

Seu França, que estava escorado no esteio do tapiri acompanhado toda a conversa, comenta:

— Quando eu cheguei lá no Cavanhaque, no começo dos anos 90, já ouvia falar nessa criação, ó.

Tatiane: Já tinha essa conversa?

França: Já tinha essa conversa já!

Nem Soares: O Lorival era um dos cabeças que estava dentro da história junto com o povo do Sindicato. O Sindicato entrou dentro da Resex com esse negócio e foi chegando gente lá de fora, veio gente de São Paulo, veio gente de Belém... Vieram tudo pra aí que era pra acabar com esses negócios. Foi na época que o Terri entrou, o Macêdo, esse pessoal né? Tudo foi... Quando esse pessoal chegou, tudo foi sobre essa renda, pra acabar a renda e fazer a Reserva.

Tatiane: Seu Lorival, e nessas suas andanças pelo mundo, como o senhor conheceu o sindicato?

Lorival: Ah, foi o seguinte! Naquele tempo isso aqui não tinha estrada ainda, a gente andava a pé... A BR 364 só estava picada e a gente andava de pés. Aí tocou de sorte de eu ir lá pra Cruzeiro do Sul e quando cheguei lá estava justamente o Doutor João Maia, que foi deputado ainda por aí várias vezes. Aí ele era filho de Cruzeiro do Sul, tinha estudado fora, aquela coisa todinha... Aí quando Chico Mendes tava criando, brigando pela Reserva Extrativista de Xapuri, aí o Doutor João Maia veio aqui no Sindicato, foi fundar o Sindicato. No dia que ele tava nessa coisa lá, foi justamente quando eu cheguei. Aí tinha o Zé Carro Preto que eles chamavam, né? Aí ele me topou e disse pra mim:

“ — Ah, rapaz, amanhã nós vamos começar uma discussão, tu vai pra lá!”.

Aí eu fui! Justamente, foi a fundação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Cruzeiro do Sul pelo Doutor João Maia.

Tatiane: Isso foi em 85, será?

Lorival: Uma coisa assim.

Tatiane: Aí o senhor foi lá na reunião que teve...

Seu Lorival, de pronto, já responde:

— Aí a gente já assumiu. Já saiu de lá como delegado sindical escolhido por lá mesmo. Não tinha como vir aqui, né? Aí escolheram de lá e a gente recebeu um pedacinho de papel deste tamanho, dizia “delegado sindical”, era só aquilo.

Tatiane: Uma carteirinha?

Lorival: Não, era uma carteirinha não. Era só um papel, passei três anos pra receber a carteirinha ainda.

Valcirlene: Três anos depois do senhor ser delegado?

Lorival: Hunrum. Aí com essa demanda do Sindicato, eu já co-

mecei a trabalhar. A gente botava o pé na parede e começamos a resolver o problema. Aí nós debatia contra os patrões, debatia contra aqueles, prendia borracha, era aquela coisa. Aí criamos a Associação pra gente fortalecer mais o movimento, ficava em cima dessa realidade. Quando nós criamos a primeira Associação, criamos todas as quatro, a do Liberdade, Santa Luzia, Riozinho, Cruzeiro do Vale e o Tejo, que o presidente era o Chico Ginu. Como eu disse lá no começo.

Tatiane, confusa, diz: — Deixa eu ir organizando as ideias na minha cabeça, é muita informação!

Todos riem.

Tatiane: Ah, lembrei agora que o Seu Lorival disse que a ASARIL foi criada em 1991 justamente para apoiar o movimento social dos seringueiros para criação da RESEX. Antes ainda da criação da Associação, quando ele era só delegado sindical, já tinha toda essa discussão.

França: Era, já tinha toda essa discussão.

Lorival: Quando foi criada a ASARIL já era no tempo do Jesus Mappes.

Tatiane: Então quando chegou essa história de acabar com o pagamento da renda também já chegou uma proposta de se criar uma reserva?

Nem Soares: Isso!

Tatiane: Ou foi depois?

Nem Soares: Não. As propostas vieram quase todas juntas. Mas que já havia lá pra trás, né? Para criarem uma reserva, aí ficou aquela coisa, fala pra um... Ele diz que sim. Aí fala pra outro... “Acho que não dá certo”. E aquilo ali ainda tava nessa manobra até chegar ao

eixo de todos combinar, né?

Tatiane: Me falaram que o último barracão que teve foi ali perto da ponte, não sei se era na ponte ou ali perto da ponte...

Lorival: Ali da estrada, era ali embaixo ali o barracão, tinha três barracão.

Tatiane: Que era do Jesus, né?

Lorival: Era do Maurício e daí passou pro Jesus.

Tatiane: Aí foi o derradeiro barracão aqui no rio Liberdade...

Lorival: Foi.

Tatiane: No tempo que o senhor entrou pro Sindicato, que começou essa luta pra acabar de pagar a renda, ainda existia patrão aqui no rio?

Lorival: Existia. Quando começamos isso o Jesus ficava ali.

**— QUAIS FORAM OS MAIORES DESAFIOS
ENFRENTADOS NESSA LUTA PELA CRIAÇÃO
DA RESEX? Valcirlene pergunta.**

Txai Macêdo: No começo não tinha participação de IBAMA e ICMBio na criação dessas reservas, era luta popular mesmo! O movimento era representado pelo Conselho Nacional de Seringueiros. Era o IBAMA no começo e depois foi criado o ICMBio. Quando foi criado o Liberdade, o ICMBio já tinha sido criado, como instrumento para gerenciamento das Reservas Extrativistas. Óh, o grande desafio foi enfrentar a classe política, porque ali o Aluísio Bezerra,

que era Senador da República, já tinha terras lá, já era dono de terra lá. Aí tinha os Mappes, os Barrosos, sabe? E essas pessoas todas que estavam num certo poder da mercadoria nos seringais ali, elas lutavam contra, né? Porque ia tirar da mão deles isso e os benefícios iam ser socializados pra população como um todo, mas, mesmo assim, foram pequenos os problemas. Já em exemplo que já tinha enfrentado no Alto Juruá, esses problemas daqui foram miniaturas! Eu dei graças a Deus quando o ICMBio conseguiu criar a Reserva porque aí já tinha sido criado o ICMBio, então conseguiu criar a Reserva.

Lorival: O maior desafio que eu vi nessa época foi a gente... Deus dá uma grande força pra nós, pra nós ficar independentes da própria justiça da polícia dos patrões. Porque a polícia massacrava todos nós, nós éramos massacrados pela própria polícia. Nós quase não fazia nada, mas os patrões subiam aqui pelo mês de fevereiro, que era a época da prestação de conta, todo mundo é com cinco, seis policiais dentro do batelão, aí você via aquilo, você se assustava, aí você pagava conta sem dever, você fazia tanta coisa que não era pra fazer.

E ainda tinha mais! O maior desafio naquele tempo é que só quem poderia escrever isso era o Mauro Almeida. E o Mauro Almeida, no tempo da criação, principalmente da Reserva do Liberdade, ele estava dando aula nos Estados Unidos. Ele passava seis meses nos Estados Unidos dando aula de português, aí ele vinha e a Manuela, esposa dele, ia pra lá dar aula de português nos Estados Unidos. Foi uma coisa difícil pra nós, até encontrar o Terri Aquino, que tinha um saber, um poder de fazer, trabalhar nesse negócio do Diário Oficial da Criação da Reserva.

Quando nós criamos a Reserva, aí lá pegaram o Terri Aquino e botaram ele na FUNAI, quando ele já estava na metade do processo, aí pegaram o Terri e botaram pra trabalhar na FUNAI lá em Brasília. Foi preciso eu sair daqui, através da Marina Silva, pra ir lá onde ele estava, conseguir com as autoridades pro Terri ter seis meses de prazo, pro Terri poder terminar o documento da criação da Reserva. Finalmente quem escrevia mesmo o problema da Reserva era o Mauro e o Terri. E o Terri foi quem trabalhou nisso. Depois passou

para as outras pessoas fazerem, mas nesse tempo só tinham eles dois que poderiam, tinham o saber de fazer essas coisas.

Seu Nem recorda, então, das primeiras reuniões que discutiam as criações da reserva.

Nem Soares: Eu vim em reunião ali na casa do Lorival. As primeiras reuniões que eu tô falando foram feitas lá na casa dele, nós fomos pra uma casa de farinha grande, tava o Macêdo, Terri, o Doutor Luís, Nicole... Tava tudo lá nessa casa de farinha.

Tatiane: Entendi... Foi a primeira reunião pra discutir a criação da reserva?

Nem Soares: Isso, foi as primeiras reuniões mesmo pra discutir.

Tatiane: O que vocês conversaram lá, o senhor lembra?

Nem Soares: Rapaz, nós conversamos muita coisa sobre a Reserva, fomos pra mata, né? Eles diziam que iam plantar muita coisa... Fomos pra mata. Nós fizemos um plantio de pupunha, de aguano, andiroba, lá no Seu Lorival, lá nessa casa de farinha nós fizemos tudo isso. Eles tavam ensinando nós como é que ia funcionar... Nós ia sobreviver sobre aquilo, né? Teve plantio de açaí, teve de andiroba, teve de aguano, tudo a gente plantou lá!

A reunião era lá no Lorival. Aí, depois de criada a Reserva, a sede da associação do Liberdade passou lá pra onde mora o Albecir, pro Periquito que nem chamam, aí as reuniões era tudo lá. Justamente foi quando foi pra assinar todo mundo, assinar o abaixo-assinado pra criar Reserva, né? A palavra xis foi ali no Periquito, aí as reuniões ficaram tudo lá. Seu Chico Ginu ia e chamava o pessoal e faziam reuniões lá. Pois é, nós assinamos todo mundo, mas no tempo do Seu Lorival.

Valcirlene: Que interessante, Seu Nem. E Seu Lorival, como vocês se organizaram para mobilizar a comunidade? Quais as estratégias que vocês tinham para organizar o pessoal, para reunir, enfim,

tudo isso?

Lorival: Aí pra acontecer essa coisa, minha querida, a gente recebia muitos livrinhos do Sindicato, que nem eu tenho muitos livrinhos ali, muita coisa. Aí Deus me deu, eu tinha uma canoinha e um motor e cortava seringa, que naquele tempo, com trinta quilos de borracha, eu já te digo assim, tu comprava metade do mundo hoje. A gente comprava gasolina, eu pegava os meus filhos e subia no rio, cada seringa eu subia. “— Tal dia tem reunião aqui”, “— Tal dia tem reunião lá”! E Deus botava o pessoal e o pessoal acreditava naquela coisa. Aí quando tava todo mundo lá pra debater, discutir, o que eu aprendia lá fora, eu passava pra eles... Até pra criação da Reserva.

Na criação da Reserva, eu tinha ido pra uma reunião lá em Xapuri, quando o Macêdo chegou aqui nós se topamos lá na travessia do rio, que ele veio pra cá com o Manel Neri e o Luiz Menezes, lá de Rio Branco, mas eu tinha que ir pra lá. Ele subiu aqui conversando, fazendo reunião. Era o Macêdo discutindo uma coisa. Tinha os patrões e mandava aquele pessoal e eles eram danados, dizendo que se a pessoa criasse dez galinhas, metade era do governo...

Todos dão gargalhadas.

Lorival: Aí em cima disso, eu já tinha feito várias reuniões. Em cima disso teve um passo muito difícil, mas, quando eu cheguei, eu tive que pegar o Terri e o Ricardo, fazer as mesmas reuniões explicando pro povo que tava todo mundo mentindo, não era daquele jeito que diziam, foi assim pra poder as coisas darem certo.

Valcirlene: Subia o rio desmentindo a falação?

Lorival: Justamente, desmentindo.

Txai Macêdo, que até então só observava, puxa um banquinho de madeira, senta-se, e começa a relatar...

Txai Macêdo: É, eu me lembro que a Reserva que a gente já

tinha criado aqui, a do Alto Juruá, que começa a espelhar no rumo dessas boas intenções de criação de outras Reservas. Daí então, o Lorival Monteiro me procurou, era delegado sindical também, me procurou aqui por apoio, no sentido de criar uma associação, aí terminou criando essa associação, a ASARIL. Através dessa associação, eu escrevi um projeto para processar o levantamento e cadastramento da população no rumo de criar uma Reserva Extrativista. Aí consegui executar esse projeto, montei várias equipes, técnicos. O Terri estava em uma das equipes e a função dele era escrever a proposta. Juntamos com os dados cadastrais, essa coisa toda. E o proponente era a Associação ASARIL, agora, era acobertada pelo Conselho Nacional de Seringueiros, que era o que eu representava aqui, na época. Levou um certo tempo, mas se alcançou a criação dessa Reserva.

— ELES JÁ TINHAM SIDO ENGANADOS POR MUITA GENTE, SABE?

Tatiane: Como assim enganados?

Txai Macêdo: Enganados pelo patronato regional o tempo todo, sabe? Enganados pelos marreteiros, enganados por políticos que prometiam as coisas e não acontecia nada. Então era difícil eles acreditarem quando a gente chegava.

Tatiane: Tinha gente que não queria então a criação da Reserva?

Nem Soares: Era. Tinha seringueiro que não estava conhecendo, os patrões também diziam que não dava certo e aquele negócio, né? Os proprietários da terra lá também diziam que não dava certo, que não podia ser!

França: Eu lembro. Até porque tem muita gente... Sempre sur-

gia aquela história negativa que a pessoa que não tem conhecimento com as coisas e ficam comentando aquelas coisas que ele não tem conhecimento. Aí os patrões diziam que se criasse a reserva, quem criasse duas galinhas, uma era pro governo, se criasse dois bois, um era pro governo. Existiu essa polêmica aqui do Rio Liberdade, ó.

Todos riem novamente

Tatiane: O que mais que eles diziam, o senhor lembra?

França: Não estou bem lembrado não, mas fazia assim, que eles diziam que tudo que a pessoa fazia tinha que entregar a metade, né? Se produzisse dez sacos de farinha tinha que dividir com o governo, mas era tudo história que não tinha fundamento.

Tatiane: Mas já me contaram cada história absurda. Já me contaram essas coisas assim, como o senhor tá falando, né? De que não ia poder criar galinhas, de que não ia poder matar uma nambu, de que o pessoal no Alto Juruá, onde a Reserva já tinha sido criada, estava passando fome, e que o pessoal que estava indo fazer as reuniões, até menino chorando matava. Era cada história, né?

Todos riem mais uma vez.

França: É. É muita história negativa. A pessoa que não tinha conhecimento... Eles pensavam que com a criação da Reserva ia ser muito ruim para os moradores. Porque aqui ninguém nunca tinha visto falar em reserva, né? Não sabia nem o que era Reserva. Aí então foi trabalhado isso com muita cautela e o pessoal depois passou a acreditar, mas tinha outros que não acreditavam ainda.

Eu sei que, depois que foi criada a Reserva, todo mundo viu que estava indo num caminho bom e tudo estava se encaixando bem. Porque até o pessoal daqui estava sendo mais representado que antes. Antes, ninguém aqui do Liberdade era representado em canto nenhum e, com a criação da Reserva, todo mundo estava representado no Acre, no Brasil inteiro! Aí foi criada essa parte aqui de cima, da estrada pra cima, depois foi criada essa parte aqui de baixo, da boca do Vai-e-Vem até aqui a área indígena.

Nem Soares: Era muita desconfiança. Até porque era uma coisa nova pra população, né?

Valcirlene: Pois não é? Se fosse eu, também ia ficar com desconfiança, não vou mentir.

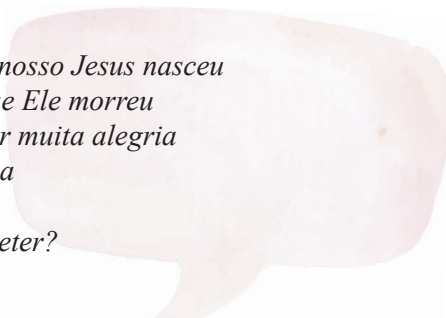
Txai Macêdo: As pessoas perguntavam quando eu falava da importância de ser uma Reserva, né?

— “Mas Seu Macêdo, será que vai dar certo?”

Mas eu resolvi fazer uma música para dar essa resposta de uma maneira mais global pra eles, né? E combinei com eles. Toda família que vinha com a pergunta, eu falava: “— Ó, tem uma combinação assim”, desde a primeira colocação que passaram a me fazer essa pergunta, “será que vai dar certo ou não?”. Então lá começou a chuva de perguntas, e eu falei: “— Vamos fazer uma combinação, um acordo aqui: vocês querem saber se vai dar certo ou não, né? A coisa vai depender de vocês mesmos, eu tenho opinião a respeito, sim, mas eu quero dar essa opinião pra vocês cantando.”

Porque aí nós combinamos que eu ia encontrar com todas as equipes na colocação Rio Branco, lá no Alto Liberdade, todas as equipes vão me encontrar lá. Aí, “— Eu, com meu acordo com vocês, vou preparar daqui para lá uma ayahuasca. E quando chegar lá, vocês me arranjam um violão, que nós vamos tomar essa ayahuasca e vou cantar essa música dando a resposta da pergunta.”

Então, o que é que eu disse pra eles na música? Olha, foi o seguinte:



*“Faz muito tempo que o nosso Jesus nasceu
Nenhum de nós aceita que Ele morreu
Na nossa vida tem que ter muita alegria
Tanto a noite quanto o dia
Ele fez, não prometeu
Como é que eu vou prometer?”*

*Vamos subindo, saciando a água das fontes
Cruzo o rio, escalo os montes
Mas feliz aqui tô eu
Vou trabalhando, construindo a harmonia e
vivo na sabedoria do amor que Deus me deu.”*

A música é essa. E aí eu fiz a pergunta: “ — Tem mais alguma pergunta aí, Txai? Porque nós não podemos responder o que só Deus responde pra gente, certo? E outra coisa, é a seguinte: se a Reserva vai dar certo ou não, vai depender de cada um de vocês que estão aqui”. Eram cerca de mil famílias que tinha lá na época. “ — Eu vou dar a força que eu puder para que vocês alcancem isso!”.

Valcirlene: Que bacana, Txai.

Neste momento, houve um pequeno silêncio, que logo foi quebrado por Tatiane.

Tatiane: E vocês sabem por que o processo de criação da Reserva demorou tanto, pra sair o decreto somente em 2005?

Lorival: Quando começamos o processo aqui, a Marina Silva ainda não era ministra. Era um trabalho que estava sendo feito, justamente pegar toda aquela papelada que foi pra lá pro Ministério do Meio Ambiente... Só que ela não sabia! Ninguém sabia que isso estava lá engavetado! Aí por isso foi que eu fui lá em Brasília procurar ela pra perguntar como era que tava esse processo, ela disse:

“ — Seu Lorival, nós vamos mandar procurar porque se tiver aqui hoje mesmo...”.

Aí ela mandou o pessoal dela checar esse negócio. Quando ela botou a mão... O Mauro Almeida logo apontou o Terri Aquino pra fazer o documento, mas foi no tempo que ele começou e entrou na FUNAI. Aí por isso que foi enrolação... Era um negócio complicado, querida.

Tatiane: É, eu vi mesmo que era um processo muito burocrático. Do tempo da luta de vocês assinarem o abaixo assinado demandando a criação da Reserva até serem realizados os primeiros levantamentos, os primeiros estudos... É muita burocracia! Aí volta então na década de 2000 com a Marina Silva já à frente do Ministério do Meio Ambiente, manda ofício pra um, manda documento pra outros!

Lorival: Eu só sei que era assim, neguinha.

— QUAIS FORAM OS FRUTOS DESSA LUTA?

Indaga Tatiane.

Txai Macêdo: Mas assim, a educação, a saúde, a reforma agrária diferenciada, como é o caso da Reserva, sabe? São conquistas da luta, a libertação das pessoas, os caminhos de integração delas com outras pessoas, com outros mecanismos por aí afora, isso tudo foi alcançado. E pra mim, o que mais valeu foi a luta pela terra. Porque essas terras aqui do Liberdade, na época, elas estavam todas comprometidas com a exploração madeireira.

França: Rapaz, se não fosse uma área de conservação, que uma Reserva Extrativista é uma área de conservação, é uma área da Reserva Federal. Aqui nós poderia tá sofrendo um grande conflito de terra. Se não tivesse tendo uma área de reserva.

Tatiane: E na parte assim da saúde, vocês acham que mudou com a criação da Reserva?

Albecir: Na realidade, Tatinha, a saúde vai dar uma melhorada aqui a partir do momento que a gente fez um ato político. E a gente puxa os olhos do político com as seções eleitorais que nós botamos aqui e na Unidade de Gestão Integrada (UGAI). E a partir daí é

que nós chamamos os olhos dos caras. Aí o cara vê o que ele quer, que é voto. Aí diz: “— Eu vou lá, vou fazer alguma coisa”. Tá entendendo? Então, a partir daí. Nós botamos as seções eleitorais em 2007, que veio ter a primeira eleição em 2008, que elege o primeiro cara que foi o Vagner Sales, tá entendendo? Foi o primeiro depois das seções. Aí eles colocam que o Vagner Sales fez isso porque é o bonzinho e não é!

Tatiane: Obrigação dele.

Albecir: Além da obrigação é porque o movimento o obrigou. Qualquer um que entrar vai fazer, o atual tá fazendo. Já passaram dois de lá pra cá e eles tão fazendo.

Tatiane: Essa ambulância mesmo que não tinha ambulância aqui, veio ter ambulância agora no tempo da pandemia, né?

Albecir: E porque a gente se mexeu né, Tatinha? Ali foi uma reivindicação nossa, aqui no Periquito. Foi o deputado César Messias que botou recurso pra comprar aquela ambulância, com a reivindicação nossa aqui do Periquito. Na época da pandemia, em 2021, eu fui pra Cruzeiro no final do mês de fevereiro. Cheguei lá, liguei pro prefeito:

“— Seu Prefeito, eu quero vacina. Não quero morrer agora, não”.

Ele achou graça. Eu conheço o atual prefeito de muitos anos, sabe? Temos um trabalho juntos aqui dentro, quando ele foi coordenador de educação e ele disse:

— “Albecir, nós estamos vacinando aqui de 80 anos”.

— “Prefeito, se botar a vacina de 80 lá pro Liberdade só se arrancar os defuntos, que não tem ninguém pra vacinar não. Eu quero vacina prefeito, que pelo menos os de 30 anos já tomem essa vacina”.

— “Albecir, nós vamos ver essa possibilidade”.

Tatiane: Os ribeirinhos foram colocados como grupo prioritário, não foi?

Albecir: Foi, mas naquele momento não. E aí quando foi no outro dia ele ligou e disse:

— “Albecir, eu vou mandar a equipe pra lá agora no dia dez de abril”. - Isso era final de março.

— “Vou mandar no dia dez de abril com vacina pra todo mundo acima de 18”.

Eu digo: — “Opa, assim serve!”

Tatiane: É muita luta até hoje, né?

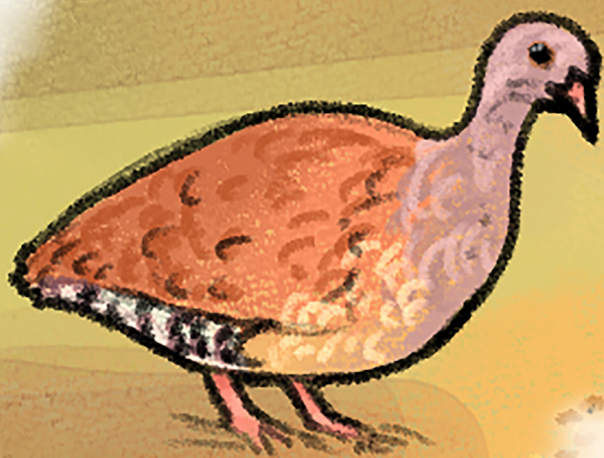
Txai Macêdo: Então a história da Reserva tem esses tropecinhos no caminho, tem todas essas brincadeiras, esse trabalho bom ao redor da fogueira, porque às vezes deu umas friagens no caminho, né? A fogueira aqui, acolá pra gente se aquecer e ficar conversando, batendo um papo, colhendo dados, informação, essas coisas...

Já era quase boca da noite. Depois de mais de duas horas de conversa e alguns bons goles de café, era hora de nos recolhermos.



ENCANTES DA **FLORESTA**







ENCANTES DA FLORESTA¹³

A caça é uma das principais fontes de proteína na alimentação dos povos e comunidades tradicionais do Vale do Juruá. Esta atividade é exercida pelos homens da família, apesar de já termos ouvido relatos de mulheres que acompanhavam seus maridos em caçadas e de ter acesso a documentos públicos que registraram mulheres abatendo caças. Os homens se reúnem para pastorar na espera em comidas – quando atam suas redes no alto dos galhos das árvores e esperam os animais que se alimentam de frutos caídos no chão. Caçam a curso, caminhando pela floresta. Também podem rastejar, seguindo as pegadas dos animais. Ou ainda, caçam com cachorro. Anteriormente, no tempo da seringa, caçavam no seio da estrada, ou seja, na mata que era circundada pelas seringueiras, nas estradas que eram utilizadas para extração da borracha. Hoje em dia, a

¹³ Escrito por Francisco Marques (Chico Marques), Antonio Pereira da Silva (Antonio Coló), Lorival Monteiro, Maria Ozilda Santana da Costa (Rosinha), Sebastião Alves de Souza, Francisca Marques, Tatiane Silva Sousa, Leonísia Moura Fernandes e Valcirlene Martins Miranda

mata é uma só e os homens da família utilizam os mesmos tapiris em centros na mata, longe das margens do rio. Mas a atividade da caça não se relaciona apenas com as necessidades físicas dos povos da floresta e suas estratégias para obtê-la, estando envolta a muitos mistérios...

O Caipora ou a Caipora é um encante da floresta, podendo também ser conhecido como Caboquinho da Mata. Protetor dos animais, ele habita grandes áreas de florestas na Amazônia, afastando-se de áreas muito abertas e desmatadas. Dono da caça, está em seu poder fazer o caçador feliz ou não. Às quinta-feiras, ele cuida da saúde dos animais e por isso não é recomendado caçar neste dia da semana. A caça é uma ciência e a felicidade do caçador também depende do tratamento que dá aos animais, pois o dono ou a dona da caça não gosta de caçador que judia desses legítimos habitantes das matas. Afinal de contas, como Seu Francisco Marques muito sabiamente nos diz, “todo bicho tem seu chefe, tem o seu dono”. Ah! E a propósito, Seu Nem já tinha me avisado: “Caboquinho da mata não gosta de caçador ambicioso!”

Os caçadores podem ainda fazer tratos com o Caboquinho oferecendo tabaco para obter sorte na caçada. Caso estejam se viciando em caçar e abatendo mais caças que o necessário, podem ficar panema, se enrascar, se assombrar, receber avisos, cachorros podem ser açoitados e há até mesmo relatos de um caçador que, após receber três avisos e não ouvir, pegou uma pisa!

De toda forma, é melhor deixar os Mestres da floresta contarem essa história...

**— DIZ QUE O PIOR ENRASCO QUE TEM É
JOGAR OS OSSOS DA CAÇA NA ÁGUA.** Assim
falou Seu Francisco Marques.

Francisca: Eu tiro por aquele rapaz acolá... Ele matava muita caça, um dia foi caçar lá pra cima, matou uma, tirou o mocotó, o

couro com tudo e jogou na água. Aí diz que o colega que estava com ele ainda falou: “— Não faça isso não, pelo amor de Deus! O senhor vai se enrascar”.

E começaram a discussão:

— “Aonde que tem enrasco? Eu não acredito!”

— “Rapaz, tem. Jogar tudo na água assim... por que o senhor não joga no seco?”

— “Tem não!”

Francisca: Teimou, né? Resultado: passou muito tempo sem matar, viu? Um tempo desses eu ouvi ele dizer assim, ó: “— Eu acho que tem enrasco mesmo”!

Chico Marques: É, tem muito tipo de panema. Vou contar uma história de quando nós morávamos lá no centro. Eram quatro vizi-nhos em um terreno grande e uma das mulheres fez esse negócio pro papai, essa tal de panema. O papai matava muita caça antes, muita mesmo! Aí ficou meio ruim pra matar, começou a atirar e não matava o bicho, não matava de jeito nenhum! E aí ele começou a se questionar, né? “Rapaz, o que que eu faço que não mato mais nada? Será que foi a fulana lá que fez um negócio pra mim? Eu vou lá no fogão dela!”

E ele foi mesmo lá no fogão e quebrou a fornalha dela. Ele cavou mesmo no lugar em que ela fazia o fogo. Aí escuta só! Ali embaixo ela cavou e botou os ossos assim, tudo assim e cobriu com barro. Chega tava amarelinho! Mas não queimava, ficava assim meio pre-to, mas não queimava! Tava no barro por baixo mesmo, aí fazia o fogo em cima coberto com barro. Mas tava sequinho, sequinho mes-mo! Aí o papai descobriu e disse: “Ah, tá aqui! O negócio tá aqui, ó!” Tirou, cavou mais, só tinha isso mesmo. Depois disso ele voltou a matar de novo. Tô te dizendo, ele foi lá e achou os ossos enterra-dos, feita a cruz assim no canto que ela fazia o fogo!

Francisca: Deus me livre!

Tatiane: Arre, isso porque ele mandava carne pra ela... Valha!

Chico Marques: E mandava mesmo. Nós éramos quatro vizinhos, ele matava uma caça, era um quarto pra um, pro outro e pra outro. E a gente ficava com um, né?

Francisca: Agora eu vou te contar, enrascaram o Chico também. Quando nós morávamos acolá em riba. Menina, o Chico matava caça assim por vadiação mesmo. Aí veio uma mulher lá do seringal Ceará. Diz que lá ela era acostumada a roubar bicho. O cara matava e ela cortava todinho, mas ninguém escutava a pancada porque ela serrava os ossos. Aí diz que foi ela que fez porqueira pro Chico. Foi a tia Raimunda Santana que ajudou o Chico, mas ela não tirou tudo porque a mulher já tinha morrido e não tinha mais como tirar. Só se fossem os mortos, que é quem tira dos que já morreram, né? Aí ela disse que os mortos tiravam, mas isso é pra quem sabe trabalhar com caboclo. Eu sei que ele não ficou bom mais não, ela disse que ensinou um bocado de remédio pra ele, mas não ia ficar mais bom pra matar que nem era antes. Eu sei que ele foi e comprou um bocado de alho e juntou tanta coisa pra fazer banho e pra tomar esse banho pra tirar o enrasco.

Chico Marques: Agora fica cheirosinho!
Todos caem na risada!

Francisca: Ele ia pra mata, acho que nove vezes, ele se levantava e ninguém falava com ele não.

Tatiane: Saía de manhãzinha...

Francisca: No escuro! Ele não deixava nem os meninos falar com ele.

Chico Marques: Rapaz, até a própria pessoa que mata às vezes se enrasca pelas mãos dele mesmo.

Tatiane: Como assim?

Chico Marques: O camarada às vezes tá suado e vai tirar o fato

do bicho, pinga o suor dentro, ah! É ruim, fica ruim, ó!

Tatiane: Aí já era!

Chico Marques: Já era. Tem muita coisinha besta que com as mãos da gente mesmo fica ruim. Coisinha fácil pra enrascar. Puxar por dentro das pernas...

Francisca: Puxando assim por dentro das pernas do homem. É tanta coisa, mas tem gente que não acredita não. Eu acredito porque os caboclos diziam, né, que tinha mesmo enrasco.

Tatiane: Até o lugar de jogar os ossos também, né?

Francisca: Pois não é!

Chico Marques: Bom é fazer um chiqueiro assim, de tábua mesmo assim e bota dentro.

Francisca: É... Terminar de comer tem que colocar os ossos no canto.

Tatiane: Tem gente que não tá nem aí, joga mesmo pela janela!

Chico Marques: Mas depois que o cachorro lambe...

Francisca: Diz que depois que o cachorro lambe não tem mais perigo de enrascar.

Tatiane: Ah, é? Já me falaram também que se vizinhar a carne já salgada também não tem problema.

Francisca: É! Diz que é.

Tatiane: Agora essa do cachorro, que se o cachorro lambe a caça não enrasca, essa eu não conhecia não.

Chico Marques: Lamber os ossos tem mais perigo não. Pode cagar até em cima!

Todo mundo cai na risada novamente!

Francisca: Ah é, aposto!

Tatiane: Mas nego véi, agora aí mesmo!

Chico Marques: É mesmo!

Francisca: O cachorro lambe, mas é só aquela carne em cima.

Chico Marques: Pois é, lambeu. Pode até encher o osso de merda!

A risada é geral!

Francisca: Pois eu não acredito de jeito nenhum!

Chico Marques: É... Mas tem gente que não acredita em panema mesmo não.

Francisca: Ah, tem muito mesmo!

Sebastião: Um tempo desse o seu Louro me contou um causo de panema. Ele é matador de veado, mas disse que passou um ano sem matar. Ele conta que foi um vizinho que morava perto dele: “— Foi fulano que me empanemou”. Aí diz ele que um dia ele foi passando lá tinha matado um veado, aí diz ele que desde esse veado ele se empanemou. Aí diz ele que de noite tinha sonhado, sabe? Sonhou tudinho onde era que o cara tinha feito a panema pra ele. Aí tinha pegado a cabeça do veado e num tem esse buraquinho da nuca assim, né? Da cabeça? Aí diz ele que no sonho a pessoa dizia pra ele que tava na travessia de um igarapé, aí podia olhar que tava a cabeça do veado, enfiado na ponta de uma vara, dentro da mata. Aí diz ele que ficou com aquilo na cabeça. Se acordou, ficou com aquilo na cabeça, aí disse:

“— Mulher, hoje eu vou matar o veado”.

Aí diz ele que foi, quando chegou lá no igarapé, onde ele sonhou

que era, olhou assim, dentro da mata, tá aí a cabeça enfiada na ponta da vara.

Tatiane: Isso, o Louro irmão do Erivaldo?

Sebastião: Não, o Louro mora no Jurupari.

Tatiane: Ah, tá.

Sebastião: Aí diz ele que foi, pegou e sacudiu na mata, tirou da ponta da vara e sacudiu no mato. Diz ele que cedinho matou o veado. Aí a panema é assim, desse jeito assim.

Tatiane: Já me contaram que osso tem que ter um lugar adequado, não pode entrar em contato com urina nem fezes e tem gente que mija em cima, urina em cima do osso, só de maldade, né?

Sebastião: É.

Te cuida, caçador!



— **ESSA QUE O CACHORRO TOMOU UMA
PISA EU SEI CONTAR PORQUE ACONTECEU
FOI COMIGO!** Afirmou Francisco
Marques e continuou...

Eu tinha um cachorrinho bom de paca, bom de paca mesmo! Ah, ele era bom de paca! Uma vez eu fui caçar lá para as bandas do Vai Quem Quer e ele achou uma paca, botou num remansozinho, uma voltinha assim, aí ela foi e entrou por dentro assim, eu fui pra lá, cutuquei, batia na fornequinha e ela saía. Aí corria cá pra baixo, ela boiava e fundava de novo! Eu sei que toldei foi tudo mesmo e a paca sumiu-se.

Ia na fornequinha, não tava! Ia pra baixo, lá era seco, eu via e dizia: “mas não passou! Ela só foi pra cima e aqui ela não tá mais!” O cachorro entrava... “Não tá mais não, foi embora”. Acho que ela subiu, acho que eu fui pra baixo e ela foi por dentro, o igarapé tava sequinho. Ela saiu por dentro, mas o igarapé tava seco mesmo! O cachorro não dava pra cobrir, tinha canto que não cobria nem uma paca lá por dentro. Aí o cachorro saiu farejando assim no rumo de cima, ah, tá pra riba mesmo! Aí pensei: “Vai morrer!” Arrochei atrás do cachorrinho, que tava doido farejando por cima da água assim. Saía no seco e... “Ah, ela foi pra cima, vai se lascar!” Eu fui, andei um pedacinho assim e o cachorro na frente ia doido por dentro. “Ah, vai se lascar!” Eu digo: “Ela tá nessa volta aqui!” O cachorro foi, antes do cachorro virar a volta... Lá vinha ele doido!

Escutei só a gritalhada do cachorro! A gritalhada pra lá: cain, cain! Cain, cain, cain! Rapaz, é bem uma onça! Corri no rumo de lá! Aí o cachorrinho tava na peia mesmo, aí ele corria no meu rumo. Cain, cain! Cain, cain, cain! Mas não vi nada, não tinha nada! Rapaz, foi o caboquinho que acabou com ele. Aí o bichinho ficou muito desconfiadinho, ó. Ficou encostadinho em mim. E aí não caça mais não, não caça mais! Pode ir caçar, ele não ía mais de jeito nenhum

**— RAPAZ, DIZ QUE SE
PASSARAM NA PEIA, Ó!**

Eu já ouvi caso dessa caboquinha. Eu ouvi contar que um cara disse que ia topar o caboclo da mata, fazer negócio pra matar a caça. Um dia ele foi e topou. Eram dois meninos, uma menina e um menino. Eles iam limpinho, limpinho. Aí o bichinho falou pra ele assim:

- “Você que disse que ia fazer negócio com caboclo da mata pra matar caça?”

Aí ele respondeu que sim e o bichinho disse:

- “Então é hoje! Se quiser fazer, se você vencer essa menina aqui na peia, você fica matador de caça. Mas só se você vencer ela na peia!”

Aí diz que esse caboclinho ficou só assim e falou:

- “Pode passar. Se você vencer ela, você vai ficar bom. Você vai matar caça assim por brincadeira! Agora se não vencer...” Aí o cara disse:

- “Ah, desse tamanhinho mesmo pode vir é dois!”

Rapaz, diz que se passaram na peia, ó! Na peia, na peia, na peia! Diz que ele não topava nada, só o vento! E ele no chão, ó. Aí ficou banido de peia. Diz que ele não ganhava pra essa cabocla, pra essa menina. Era no chão direto, a peia comendo e o marido dela só espiando, acho que é marido. Aí veio embora... Depois disso, ele ficou doido! Ficou doido! E depois morreu.





— **“OS BICHOS TÃO TUDO COM BICHEIRA, QUEM TÁ SE BATENDO PRA CURAR ESSES BICHOS SOU EU.”** Caboquinho falou, segundo Francisco Marques.

Diz que tinha outro cara que gostava de pastorar... Aí foi pastorar numa comida boa ou era um barreiro. Ele tava atrepadinho, pastorando e nada. Queria que a caipora, o caboquinho mandasse pelo menos um veado pra ele matar, mas ele não via nada. Que mandasse pelo menos um veado pra matar, um porco... e nada! Diz que com um pedacinho escutou foi a batedeira... vinha um bando de veado! Passou assim quase por debaixo da rede que ele estava pastorando. Diz que era a embiricica de veado, um atrás do outro e ele atira num, atira noutro, atira noutro. Passou tudinho e foi-se! Aí diz que lá vem a batedeira, um bando de porco, aí vinha porco! Foi passando, aí lá vem, lá vem, lá vem, lá vem mesmo! E ele atrás de atirar, ia passando quase o derradeiro. Ele ia atirar num assim e o cara falou:

— “Epa, não atire não”!

Quando apareceu, era um caboquinho, um menino em cima de uma onça! Montado assim e disse:

— “Não é pra matar nenhum, pode deixar passar tudinho, o seu vem atrás! O outro que vier atrás pode matar que é o seu.”

Aí ele ficou lá atrepado, quando viu vinha um bacurinho de porco, vinha andando. Pow! Matou e veio embora. Diz que foi verdade esse caso. Ele passou, foi-se! Aí ele conta que o caboclo ainda disse assim:

— “Os bichos tão tudo com bicheira, quem tá se batendo pra curar esses bichos sou eu.” Diz que o caboclo curava tudinho. Ele queria matar, mas o caboclo disse:

— “Não, esses daqui. Não é pra atirar em nenhum não. O seu vem atrás, o que vier é seu, pode matar.” Diz que vinha um bacoro-

tinho do tamanho de uma cutia.

Todo mundo cai na risada!

— “É esse aqui mesmo.”

Aí pooow! Ele ainda teve foi coragem! Ainda esperou ele, hein?

Todos continuam rindo.

O pessoal contava essas coisas, assim eu ouvi...

Antônio Coló: Aí eu não desacredito não! Porque tudo tem o dono, né? Tudo tem um dono.

Tatiane: Tudo na natureza tem dono, o senhor quer dizer?

Antônio Coló: Tem! Tudo na natureza tem dono. O povo mais antigo, mais experiente, conta que é quinta-feira o dia em que o dono dos animais cuida deles na mata.

Tatiane: Por isso que não pode caçar dia de quinta.

Antônio Coló: Pois é isso. Não é um dia bom de ninguém caçar porque é o dia que ele tá reunindo e curando os animais que tão doentes, né? Mas aí... Um pensa de um jeito, outro pensa de outro, não sei. Mas que tem o dono tem!

Tatiane: Eu acredito também.

Antônio Coló: Isso aí eu creio porque tudo tem o dono, né? Se não tivesse... Porque olhe, se fosse por nós que somos os caçador da mata pra nossa alimentação, nós matava todo dia! E não é todo dia que nós mata, tem dia que nós vê e não mata, tem dia que atira e não mata e tem dia que é bem facinho! Tem dia que é só entrar na mata, você topa e mata, uma facilidade. Mas tem dia que é difícil...

— **MATIIIAS! ME DÁ UMA CAÇA PRA EU COMER COM A MINHA FAMÍLIA, QUE NUNCA MAIS EU COMI!** Antônio Coló gritou na mata. E contou assim:

Uma vez um cara me ensinou um remédio pra matar caça. A gente fazia um cigarro, colocava na ponta da orelha e entrava na mata. No primeiro campestre que topava, a gente acendia o cigarro, aí partia o pau, lascava o pau do jeito que desse pra entrar o cigarro, aí você dava três gritos pro dono da caça:

“Matiiias! Me dá uma caça pra eu comer com a minha família que nunca mais eu comi!
Matiiias! Me dá uma caça pra eu comer com a minha família que nunca mais eu comi!
Matiiias! Me dá uma caça pra eu comer com a minha família que nunca mais eu comi!”

Dizia três vezes. Botava a espingarda no ombro, baixava a cabeça, não olhava pra trás. Aí nesse dia o cara me ensinou. Eu fui fazer isso no meio da mata, lá dentro topei uns porcos, matei, aí vim me embora! Cheguei em casa, aí eu contando pros meninos:

— “Rapaz, tu é doido é?! Tu faz um trabalho desse, não tem medo não?”

— “Não, disso aí não tive medo não, que eu não tava pedindo coisa ruim, né? Eu tava pedindo coisa boa, eu tava pedindo comida pra comer”.

Eu ainda fiz essa arcada aí e deu certo! Foi, esse dia deu certo! Matias, o nome do dono da caça é Matias, o caboco chefe da mata mesmo, das caças, o nome dele é Matias. Né? Mas não é todo mundo que tem coragem de fazer isso, né? O cabra sozinho no meio da

mata! Ficar gritando sem saber nem se vai aparecer pra fazer medo ou não, né?

— **AGORA É CASO DE NAMBU,**
afirmou Tatiane, e continuou contando.

Voltando da mata com meu tio, olhei para as árvores, tucanos e preguiça e pensei que os olhos do homem ocidental são brutos e rudés demais para captar o que está por trás de cada ser que habita este mundo. Fiquei divagando comigo mesma: “O que será que é preciso para perceber que nem tudo o que se vê, é, por ser muito além? Será que as aparências podem enganar os teimosos ou desavisados? Ou então, enganar aqueles que não seguem os costumes e regras?”

Nambu é uma ave encantada que quando caçada sem o devido respeito pode se transformar em outros animais para assombrar os caçadores. Um amigo me contou o caso de um conhecido que gostava de caçar nambu até que, certo dia, quando já ia matar a terceira nambu, atirou inúmeras vezes na bendita e ela não morreu. Caiu do pau, se transformou num veado e ganhou a mata! Outro amigo meu contava ainda o caso do pai que foi caçar com um amigo, atirou numa nambu, ela caiu do pau e se transmutou numa cobra. Por pouco não foi picado por ela!

Antônio Coló então recorda: Eu conheci um cara que morava aqui bem pertinho. Ele tinha uma mania assim que era um vício já! Toda seis horas ele ia pastorear nambu. E aí aconteceu esse caso aí... Ele foi, chegou lá e a nambu tava no poleiro. Nambu galinha. Ele atirou na nambu, a nambu cresceu, deu tiro e a nambu ficou maior, ele deu três tiros na nambu e a nambu ficou uma coisa monstra! Aí ele assombrou-se e correu no rumo de trás. Foi... Aí foi verdade mesmo esse caso aí. Agora, comigo nunca aconteceu não. Graças a Deus!

— O CABRA TEM QUE TER CORAGEM PRA
ENFRENTAR A MATA, alerta seu Lorival Monteiro.

Ia atrás de nambu poucas vezes. Mas eu tenho um filho, o João, que ele foi pasturar ali bem pertinho da casa dele, os bichos botaram ele para correr. Ele passou dentro do campo de gado, que dizem que o gado é abençoado, mas o bicho, que ninguém sabe o que é, entrou com ele e foi deixar ele em casa, quase que ele morre.

Um irmão dessa Tim, o Sitó, que eles moram aí em Cruzeiro do Sul, ele lá no Guarani, foi caçar, aí diz ele que... eu sei muito qual é o lugar, e lá também eu ia vendo um negócio complicado... Aí diz ele que tava onde o bando de queixada tinha passado, aí ele matador de caça... Porque ele era matador de caça, e tava caçando e aconteceu um negócio estranho, um som estranho, aí foi se acabando, se acabando, se acabando, aí quando ficou pouco aí ele conheceu que não era não era queixada, era rastro de veado. Hoje, ele tá lá ainda para contar essa história, porque ele não morreu. Aí tornou-se só num veado, lá na frente ele olhou e tava o paidégua. Rapaz, diz ele que todo preto, todo preto. Aí ele botou a espingarda em cima, quando ele botava a espingarda em cima, o bicho sumia, quando ele tirava a espingarda, o negócio tava lá, né? Aí ele ainda fez isso três vezes, aí deixou, tentou de voltar e andava por acolá, quando dava fé, quando reparava, o veado. Pra falar nesse negócio do veado, pegaram ele, minha querida, deram um pisa, você pode perguntar dela aí, ele passou seis dias sem saber o que era mundo!

Valcirlene: Nossa Senhora!

Lorival: Avalença que pegaram ele, fizeram uma sirvicia muito grande por dentro da taboca na mata, sem caminho, e foram soltar ele em um barreiro, que a gente chamava barreiro do Mucambo. Aí tinha uma madeira, duas tigelas, tinha uma pisada assim meio forte,

soltaram ele lá pra ele poder chegar em casa, mas quase que ele não chega, da pisa que ele pegou.

Valcirlene: Isso era de dia?

Lorival: De dia, de dia!

Valcirlene: Ele foi aparecer com seis dias em casa, foi?

Lorival: Não, ele chegou no mesmo dia, mas ele passou seis dias sem saber o que era mundo. Nem caldo ele bebia pela boca, da pisa que ele pegou.

A mata hoje, aqui bem perto, tem um canto aqui que eu não tenho ideia, mas tem uma coisa tão forte! Eu já vi a mata pegando fogo. Tu vê o fogo, aquele negócio dá naquelas palheiras... eu já vi isso tudo acontecer.

Eu já vi um espírito tão forte. Nesse dia eu não levei a espingarda, levava só a faca de seringa. Aqui próximo, onde hoje é o roçado do Castelo e do Reginaldo, quando eu ia na subida de terra que eu olhei, aí lá vem o bicho de estrada afora, como que fosse um veado ou uma onça vermelha. Quando eu vi o bicho, que o bicho me viu, entrou na mata, aí eu corri na ponta do pé, minha querida. Quando eu cheguei onde esse bicho tinha entrado, eu não pisei mais no chão. O cabelo da gente fica duro que nem cabelo de quandú, só que eu nunca passei a mão na minha cabeça com toda essa demanda, aí eu não vi mais nada.

Cheguei na primeira madeira, não conseguia cortar, porque não dava as carnes, eu tava com medo. Aí fui para uma madeirinha, por onde o bicho passou eu não consegui cortar. Só consegui cortar quando o bicho saiu de lá. De onde eu via o grito e a mata pegando fogo, foi de onde esse negócio veio e entrou lá de novo.

Isso é o menos que a gente vê na mata. Tem tanta história na mata que, hoje, se você não tiver coragem, não adianta enfrentar a batalha que eu enfrentei. Saía uma hora, meia-noite... A gente via coisa, e se você não tiver coragem, não volta na mata não.



— **TERREMOTE DA NOITE TEM NO SECO
TAMBÉM OU O JACARANDÁ DA
COMUNIDADE PERIQUITO,**
considerou Tatiane e continuou contando...

Eu achava que terremoto era só na água, quando o cara vai mariscar à noite, que nem a Dona Mariô, que conta que, quando ela era nova, ela estava se viciando em mariscar à noite, até que um dia ela pegou foi uma cabeça cheia de cabelo. Ia se assombrando!

Chico Marques: Nada, é só na água não, tem no seco também. E eu num vi esse negócio acolá quando eu vinha embora!? Terremote é desses que eu vi acolá, querendo me derrubar de noite. É um fantasma, uma coisa... Agora o de acolá não fez medo não, mas meus cabelos cresceram, meus cabelos subiram!

Caem na risada!

Francisca: Teve medo não?

Chico Marques: Não. Eu vim-me embora que acolá é longe, dentro da mata.

Tatiane: Mas como que foi? O senhor tava na espera e chegou um negócio pisando...

Chico Marques: Foi fervilhando nas palhas, mas pra mim era o Edi, que de tarde eu disse pra ele:

“— Rapaz, eu vou pastorear acolá naquele jacarandá. Acho que tá caindo. Acho que vou pro rumo de lá, é baixinho, tem um bocado de cocão. Quando tu for, vamos pro rumo de lá, o Nego não vai”.

Esperei aqui até de tardezinha e não chegou ninguém, aí eu fui. Cheguei lá às cinco e meia, tirei umas forquilhas boas, botei lá nos paus, botei um pau, já tava escurecendo. Armei a rede lá em cima,

tinha umas palhas assim, aí umas sete horas, cedo, cedo mesmo, eu vi aquele negócio fervilhando, achei que fosse um rato, um negócio... Fiquei escutando, mas não fervilhou mais. Aí o camarada falou - camarada, não sei o que era - sei que falou mandando eu ir embora.

Tatiane: Como que ele disse?

Chico Marques: Mandando eu ir embora assim:

“— Vá logo se embora, vá!”.

Duas vezes. Aí pra mim era o Edí, ó. Mas não via fogo da lanterna porque já tava escuro, se fosse ele, vinha com a lanterna acesa, não era? Reparava e não via, peguei a lanterna dentro da rede e foquei por todo canto assim e não vi nada não. E não falou mais nada. Ainda demorei um pedacinho lá. “Quer saber? Eu vou descer”. Aí fui, desatei a rede, botei no saco, desci, vim devagarzinho...

Francisca: O Chico disse que ele falou assim:

“— Que é que tá fazendo aqui? Vá embora”.

Chico Marques: Aí sim, eu desci, desci a grotinha, subi. Aí quando eu atravessei a grotinha, os cabelos começaram a subir assim.

A risada é geral.

Francisca: Deus me livre!

Chico Marques: Eu acho que tava dessa altura assim, ó!

Riem mais ainda!

Chico Marques: Vixe Maria! Vim devagarzinho, devagarzinho... Devagarzinho mesmo, vim ligeiro não que se o camarada correr, ele se assombra. Se correr, se assombra! Vim só devagarzinho, focando...Os cabelos desciam assim, com um pedacinho subia de novo.

Riem mais e mais!

Esse negócio não vai dar certo... Aí vim, cheguei cá no roçado do Grande, aí acabou-se. Vim embora, cheguei aqui era bem oito horas. Deus me livre! Mas já pastorei lá de noite e não vi nada não. Eu não tive medo que pra mim era o Edi que tinha ido, mas não via fogo da lanterna de jeito nenhum. Era ele não... Eu cheguei e disse pra ele:

“— Rapaz, eu escutei um negócio lá naquele jacarandá, pra mim era tu”.

“— Não, não fui eu não”.

O negócio mandou eu vir embora e eu fui embora mesmo! Mas não sei o que era não.

Tatiane: O que tem naquele outro jacarandá que assopra no pé?

Chico Marques: Rapaz, ouvi falar que assopra, mas já pastorei lá uma porção de vezes e nunca vi nada. O Nego já viu, viu não, né? Escutou! O Jusa escutou, o Erlande também, tudo pastoraram lá e saíram meio com medo.

— **O CAUSO DO PORCO QUE VIROU ALMA,**
disse Antônio Coló, e continua contando...

Olhe, esse caso, isso aconteceu eu morava com um vizinho, todo dia de domingo ele caçava. O meu irmão tinha um cachorro e começou a acuar porquinho da mata. Eu fui caçar mais ele, aí o cachorro tirou os porcos e correu, nós viemos quando passou no meio da estrada assim... Lá o cachorro taubou, voado, nós fomos pra lá, tava o porquinho no buraco. Aí, toca de canastra, faz uma assim pertinho uma da outra, de tatu canastra, né? Aqueles tatuzão!

Aí o outro cachorro taubou, voado, chegamos lá, outro porco! Aí o cachorro dentro da toca, aí nós fomos lá, tampamos uma que o cachorro não tava. Nós viemos cá pro outro... e ele não saía, nós

chamava e nada, chamava e nada! E o buraco era curto! Aí eu saí furando com o terçado, eu furando mesmo, furei mesmo no espinhaço do porco. Aí o porco já correu pra cá pra cerca, passou pelo cachorro, o cachorro deu um grito! Aí eu corri, o porco atrás de meter a venta e eu:

“— Atira, atira, atira acolá!”.

Ele voltou pra trás, o cachorro deu outro grito e o cachorro danado...

“— Rapaz, cara, ele não sai não! Vamos matar o outro”, era per-tinho.

“— Quando escutar o tiro, aí ele vem”.

“— É mesmo”.

Aí nós fomos, chegamos lá, ele veio e nós atiramos, pá no porco. Eu corri pra cá, quando cheguei, levantei o pau, o cachorro... tapei! Fazer a cerca assim de pau, né? Aí trouxemos o outro porco pra cá encostado, aí metemos a tala, meti a tala quando batia nele, ele corria de lá pra cá. Metemos a tala e não travou mais ninguém, cutucamos, cutucamos e nada! Aí furamos com o terçado e nada, botamos o cachorro e o cachorro nem ligou mais. Rapaz, aí nós ficamos assim meio impressionado com aquilo. Eu andava com terçado grande, aí começamos cavando da boca do buraco até o fim, nós topamos uma aranha, uma aranhona grande que tinha deste tamanho. O porco virou alma! Não tava mais não e era duas toca! Nós cavamos até o fim.

Isso daí aconteceu, esse caso aí, no dia de domingo. Foi... Esse caso aí, eu conto porque eu vi e o cara ainda é vivo, ele mora em Cruzeiro do Sul... Ainda dá pra contar esse caso. Isso aí eu fiquei impressionado até hoje... Eu ainda penso como que foi uma coisa daquela. Aí é que eu penso, fico pensativo. Rapaz, eu acho que... Se tinha exemplo ou se foi castigo, eu acho que deve ter sido, né? Porque uma coisa daquela eu nunca pude descobrir como foi. E eu vi o porco! Metendo a venta no buraco, um porco até meio pequeno, não era grande. Aí ele se virou. acho que em alma, em alguma coisa.

Tatiane: Ou virou a aranha!

Todo mundo ri!

— O CAUSO DA MATIRU DO IGARAPÉ
MIOLO, Antônio Coló começou a contar...

Aqui dentro desse Miolo, nesse igarapé que nós caça... Isso aí nós já fizemos, já fizemos várias vezes. Às vezes, nós vamos caçar, aí vai um por uma ponta da terra, outro por outra. Aí vão tudo aqui, né, nesse rumo aqui. Vamos assobiar pro outro pra saber onde é que o outro tá, se começar a assobiar aí, com pouco tempo assobia pra aqui, assobia pra cá, assobia pra acolá e o cara perde o rumo... Aí um dos dois tem que perder o rumo.

Tatiane: Isso tem acontecido aí?

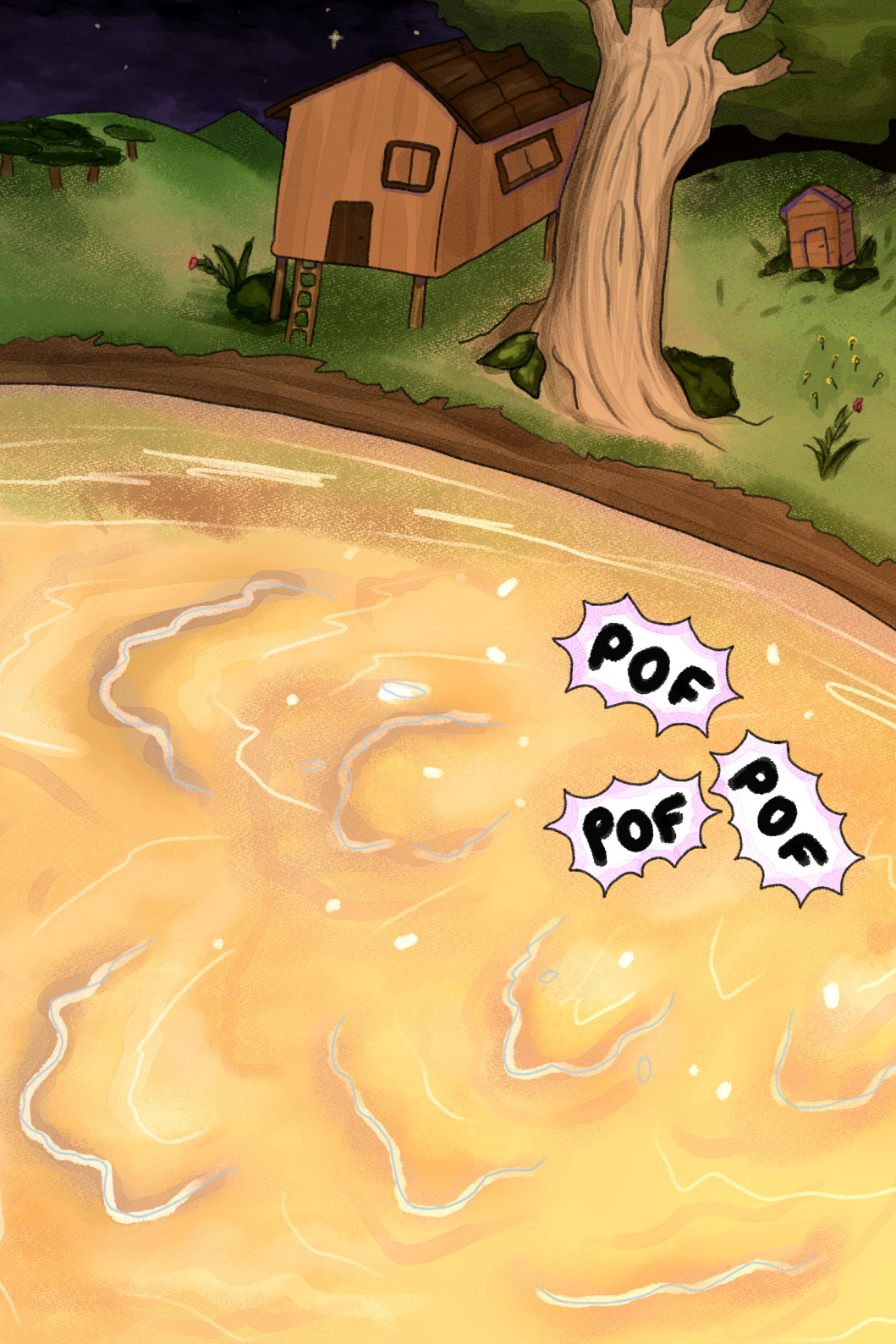
Antônio Coló: Tem... Isso aí acontece. Pois é... Diz o povo, eu não sei, né? Mas os veteranos daqui, aquele pastor que tava ontem aqui, o Eduardinho, conheceu uma caboca que chamavam Matiru. Os caboco quando tinha aldeia foram tudo embora, aí deixaram essa Matiru. Ela tinha as presas do lado de fora assim, que nem um animal mesmo, que nem uma fera, né? Aí diz que ela morreu e ficou encantada por aí... Só que ela não mexe com ninguém não, eu acho que não. Mas assobiar, a gente escuta assobiar. Assobia mesmo que o cara perde o rumo e não tem erro, se sair de parelha, só sair calado!

Nós quando vamos, eu mais o Pi, o menino do Janes, quando nós vamos caçar pra lá, a gente combina: “— Tu vai pra cá, outro vai pra cá, outro vai pra cá”, mas sai todo mundo calado e vai embora! Não faz medo não, se começar a assobiar é besteira! Torna, tem que responder! Porque aí acompanha, acompanha a gente mesmo aquele assobio. Se você assobiar pelo outro, ela assobia também. Aí o cara já vai e perde o rumo já, vai pra outro canto.

Tatiane: E não tem como ser bicho não, né?

Antônio Coló: Não, ninguém ainda não descobriu o que é. Eu não sei o que que é que significa esse negócio, ainda não pude e nem





ninguém aqui. Nós não descobrimos o que é não.

Tatiane: O Seu Nem e a Arlete comentaram da Matiru comigo, eu não conhecia... Disse que uma vez ela ouvia assim a quebradeira, mesmo como se fosse quebradeira de queixada, né? Já ficaram aqui alarmado esperando o bando, vinha até o aceiro assim mas... Não aparecia.

Antônio Coló: Eu sei que pra cá tem essa, esse encanto, é um encanto eu não sei o que é... De assobio. Não sei, faço que nem outro, se é a Matiru mesmo, se tem... Eu sei que ela morreu, ela morreu na beira desse Miolo mesmo aí pra cima numas aldeias que tinha por aí. Quando a gente caça tem uns gameleiral pra lá, minha nossa! Era capoeira de índio mesmo que...

Tatiane: Mas ninguém nunca achou o corpo dela?

Antônio Coló: Não! Nunca ninguém achou, nunca ninguém achou! Ninguém sabe se ela se enterrou... Não sei o que foi que aconteceu. complicado isso aí... Mas não faz medo não, que nós vamos e graças a Deus nunca aconteceu nada com ninguém, né? Ainda bem.

— AGORA É CAUSO DE BATEDOR!

Disse a Tatiane e continuou...

Certa vez, eu estava na casa de Dona Mariô, junto de Vanessa e Tica. Estávamos conversando sobre batedor, um encanto da floresta, que segundo Dona Mariô, bate na água e geme. No entanto, não é toda vez que ele bate, que ele geme. Vanessa comentou com a gente que certa vez tinha um grupo de pessoas bebendo e jogando baralho. Ouviram o batedor e falaram:

“— Bate mais perto!”

Ele bateu. Então falaram de novo:

“— Bate mais perto”.

Ele bateu. Repetiram isso mais algumas vezes, até que ele bateu na mesa e partiu ela mesmo no meio. Espirrou gente pra tudo que é canto!

Dona Mariô me perguntou se eu já havia ouvido batedor. Eu disse que achava que não, mas me lembrei que estava sozinha na casa de Branca, logo depois do almoço, estava com planos de tomar banho. Fui até o trapicho da cozinha e tava ouvindo um bof! Bof! Bof! Mas tinha pra mim que não tinha ninguém no porto do açude, que é alimentado por dois olhos d'água. Não vi ninguém passar e nem ouvi voz ou som de alguém passando. Resolvi ir ver quem era. Desci o caminho e já bem perto da tábua, não vi ninguém. O som calhou enquanto andava, mas, quando parei, ouvi de novo as porradas. Me lembrou o som do cacete nas roupas, mas era muito alto para que fosse alguém lavando roupa. Achei esquisito e na hora nem me lembrei do batedor. Subi de volta, peguei minhas coisas e voltei para tomar banho. O som já tinha acabado. Mariô falou “— é batedor!”. Vanessa falou que não era gente lavando roupa, que bate pra tirar a sujeira, ninguém bate tão forte assim. Eu ouvi batedor!

Perguntaram se eu tinha coragem de falar: bate mais perto. Eu disse que tinha. Que falava bate mais perto e saía correndo só pra ver se era verdade. Mas Mariô falou que a gente não mexe com o que a gente não conhece. Ela contou o caso de dois homens que ouviram batedor, um mais enxerido desafiou o batedor e se assombrou, viu o batedor, só ele via, o outro não o via não. E era um bicho horrível, da cara esburacada.

— **BATEDOR NÃO É BICHO,**
disse Francisco Marques.

Tatiane: Eu já vi caso de gente que corre até com Batedor!

Chico Marques: Ah eu não corro não. Correr eu não corro de

jeito nenhum.

Tatiane: Não faz mal a ninguém, né? A não ser que o cara mexa com ele.

Francisco Marques: Se correr é pior, se correr se assombra. Porque o medo quem faz mais é o camarada.

Tatiane: O que é mesmo? Será que é tipo um animal?

Chico Marques: Rapaz, não é não. Não é um animal não. É assim um... Sei não, assim um encanto, um negócio. Tô acostumado com Batedor. Você tá aqui pastorando assim, num canto, ele bate assim, mal você escuta. Bófo! Bófo! Bófo! Coisa velha fofa. Aí vem, bate bófo mais perto assim. Não demora nada, bate pra riba assim, mal você escutava de novo. Chega some. Um bicho não é daquele jeito. É nada!

Tatiane: Se não, o senhor já tinha achado um, né?

Chico Marques: E você não vê! Pessoal diz que é jacaré de dois rabos, mas jacaré de dois rabos não é daquele jeito, o rabinho dele assim é uma forquilha, na pontinha só... Não é rabudo assim não, é só a forquilha assim partida. Eu acho que... Sei não, sei o que é não. É muito ligeiro! Bate, bate que não é preciso nem ver. Olha, quando bate assim pertinho na água, bate na água aquelas pancada medonha, você pode reparar na água que é quietinho, não tem banzeiro, nem de piaba! Por isso eu digo que não é bicho. Ele bate de dia também. E sendo assim de dia, você for assim num canto e o batedor bater, pode ir no rumo de casa que é chuva na certa! Se bater de dia é chuva na certa e é muita!

Antônio Coló: Ah! Agora batedor, de eu tá pastorando assim na mata eu já vi de dia! Dentro desse Periquito aqui quando eu andava caçando. Aí atirei num quatipuru assim, tinha um pau, atirei! O quatipuru pof! Tinha um barreiro mesmo assim... Aí o cara arrochou a vara dele lá! Chega fazia vuuuuu bufo no chão! Vuuuuu bufo no

chão! Rapaz... Eu também fiquei meio assustado, já juntei o quatipuruzinho, saí quebrando de banda assim... A espingardinha no ombro, fui-me embora pra casa nesse dia! Quis matar mais nada não! Eu já vi duas vezes de dia, outra vez foi quatro horas da tarde lá na beira do igarapé. Foi uma bordoadá!

FRANCISCO ALBECIR
BRITO DA SILVA



FRANCISCO ALBECIR BRITO DA SILVA¹⁴

MEMORIAL DE FRANCISCO ALBECIR BRITO DA SILVA

Apresentação

Caro leitor,

Muitas vezes, a leitura do memorial de alguém pode parecer que não tem sentido para você e lhe deixe desmotivado a lê-lo. O memorial é o registro da história do autor. É fácil perceber a importância de ler um memorial. Ele está sempre relatando os momentos mais marcantes da vida do autor. E, baseado na vida dele, torna-se possível tirar boas lições para a sua vida.

Ao escrever este memorial, procurei ser breve, objetivo e sucinto no relato e no entendimento da minha história. Espero que quem

¹⁴ Este capítulo é dedicado com carinho à memória do professor Francisco Albecir Brito da Silva. Reúne textos de sua autoria, com exceção de dois poemas escritos em parceria com seu amigo, Madson Rafael do Nascimento Silva.



ler este memorial, possa tirar dele algo de bom para sua vida.

Autobiografia

Eu, Francisco Albecir Brito da Silva, nasci no dia 16 de setembro do ano de 1962, no rio Liberdade, comunidade São Pedro, município de Tarauacá, Acre. Meus pais, Manoel dos Anjos da Silva e Maria Ivanilda de Brito. Ele era seringueiro; ela, agricultora e doméstica. Ambos já faleceram e eram semi-analfabetos.

Primeiro encontro com o universo da leitura e da escrita

Aos sete anos de idade, eu tinha muita vontade de estudar, impulsionado pelo fato de gostar de ver o meu pai lendo folheto de história de aventuras. Mas, naquele momento, fiquei impossibilitado de estudar pelo fato de não haver escola no lugar onde eu morava.

Quase todas as noites, quando meu pai ia ler, eu me sentava bem pertinho dele e dizia: “Papai, me diz como é que a gente lê? Eu quero aprender a ler.” E ele me respondia: “Meu filho, aqui não tem escola, mas eu vou conseguir um livro e um lápis pra você estudar em casa”. E assim conseguiu um lápis e um livro do MOBREAL.

Quando era aos domingos, feriados ou nos dias que ele não ia trabalhar, eu pegava o lápis e o livro, sentava no meio da casa e pedia que ele me ensinasse a ler. E ele, que era semi-analfabeto, totalmente sem fórmula e sem jeito, foi me ensinando do jeito dele, e eu também fui aprendendo do meu jeito.

Portanto, apesar de não ser uma escola, não ser de uma maneira sistemática e não contar com alguém qualificado, essa experiência me proporcionou a alfabetização. E foi assim o meu primeiro encontro com o universo da leitura e da escrita.

Ingresso na vida acadêmica

Já com 13 anos de idade, em 1975, eu ingressei na vida de estudante na escola Sidney Vilela Sid, localizada na comunidade São Pedro, no rio Liberdade, município de Tarauacá, Acre. Lá eu iniciei os meus estudos, e três anos depois, concluí o “ensino primário” (da 1ª à 4ª série), no ano de 1978.

Nessa época, o que mais me motivava a estudar era quando via o meu professor lendo para nossa turma ou alguém se expressando com boa qualidade. Com isso, eu me sentia completamente entusiasmado, motivado e disposto a encarar de frente os desafios que a vida oferece e queria continuar estudando.

Um fato marcou a minha vida de estudante na escola primária, foi a apresentação da nossa turma no dia 7 de setembro de 1978. Numa comemoração ao dia da “Independência do Brasil”, onde fizemos uma exposição dos nossos trabalhos para centenas de pessoas e, dentre elas, havia pessoas de um bom grau de escolaridade que nos elogiaram bastante e me colocaram como destaque entre os demais alunos da turma pelo simples discurso que eu fiz. E isso foi um marco na minha vida de estudante.

Primeira paralisação na vida acadêmica

Considerando que a escola do lugar onde eu morava não oferecia ensino de 5ª a 8ª série, e que eu não tinha condições logísticas e nem financeiras para continuar os meus estudos na cidade, tive que ficar sem estudar por um longo período, desde 1979 até 1986.

Em 1980, eu saí do rio Liberdade para vir morar na cidade de Cruzeiro do Sul, com a intenção de dar continuidade aos meus estudos. No entanto, por conta do baixo poder aquisitivo da minha família e da perda da minha mãe, fui obrigado a trabalhar na roça para ajudar no sustento da minha família. Com isso, continuei sem estudar.

Apesar do longo tempo afastado da escola, eu não desisti do

meu sonho de voltar à sala de aula e poder fazer aquilo que eu mais gosto: estudar!

Retomada da vida de estudante e conclusão do primeiro grau

Em 1987, tive o prazer e a alegria de voltar a estudar e concluir o primeiro grau na Escola Craveiro Costa. Mas, novamente, por conta do baixo poder aquisitivo e vários problemas de saúde do meu pai, fui obrigado novamente a trabalhar na roça para ajudar no sustento da minha família. Com isso, fiquei muito triste pelo fato de estar fora da escola.

Segunda paralisação na vida de estudante

Em 1991, considerando que eu estava sem estudar, voltei para o rio Liberdade e fui trabalhar com comércio. O que me motivou a fazer isso foi a alta do preço de alguns produtos extrativistas no mercado, entre eles o da borracha, pelo fato de haver uma usina que a beneficiava em Cruzeiro do Sul, e também havia financiamento para a compra do referido produto.

Início da minha vida profissional

Em 1993, eu ingressei na vida profissional como professor, para trabalhar de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental na Escola Joaquim Nogueira, localizada no rio Liberdade, comunidade Tristeza, município de Tarauacá.

Nessa época, eu ainda não me sentia preparado para assumir uma sala de aula por conta da baixa escolaridade, pois havia concluído apenas o Ensino Fundamental. Mas fui muito incentivado por amigos e familiares e resolvi seguir em frente; encarar o novo desafio como o segundo maior compromisso da minha vida.

No entanto, o meu ingresso na vida de educador foi algo importantíssimo para a continuidade da minha vida de estudante, porque apareceram oportunidades de fazer cursos de capacitação profissional e cursos de ampliação do grau de escolarização. E eu busquei participar o máximo possível deles, pois estudar e avançar em termos de conhecimento era tudo o que eu sempre quis.

Retomada da minha vida como estudante e conclusão do ensino médio

Em 1999, eu me matriculei em um curso de magistério na modalidade de “ensino à distância”, o PROFORMAÇÃO. Esse curso, com duração de dois anos, foi um período de muita aprendizagem e sofrimento, pois eu precisava me deslocar do lugar onde moro para os mais diferentes lugares onde eram promovidos os encontros de professores nas fases presenciais, que eram bimestrais, e os encontros com os tutores, que eram quinzenais. Por conta disso, muitas vezes eu gastava o que tinha e o que não tinha.

Mas também foi algo muito proveitoso em termos de conhecimentos, pois, em todo esse vai e vem, proporcionado pelo curso, eu não abandonava o material, que era bom e bastante didático, além de ter contato diretamente com os professores formadores. Só viajávamos em grupos de formandos, o que nos proporcionava a aprendizagem em grupo, dentro do coletivo.

Portanto, a forma com que o curso se distribuía (metodologia) nos proporcionou um convívio harmonioso e saudável. E isso me fez crescer profissionalmente e concluir o Ensino Médio.

Terceira paralisação na vida de estudante

Quando concluí o ensino médio, já entendia a vida de educador como um processo de ensino-aprendizagem contínuo, pois, quando eu pensava que sabia de algo, me deparava diante da necessidade de ampliação dos conhecimentos, reformulação e revisão dos meus

conceitos.

Fiquei sem estudar de 2003 até o final de 2005. Nesse período, me senti um pouco estagnado no tempo, pelo fato de não poder acompanhar as exigências sociais, pois estamos vivendo a era do conhecimento e da tecnologia. E, se eu não acompanhar essa evolução da sociedade, no quesito conhecimento, a tendência é ficar parado no tempo ou regredir.

Retomada da minha vida de estudante, ingresso e trajetória no ensino superior

Em 2006, aconteceu meu ingresso no Ensino Superior. Para mim, foi algo que me trouxe a paz, a alegria de voltar a estudar e o prazer de continuar sonhando em concluir uma faculdade.

Não tem sido fácil continuar estudando, pois preciso me deslocar do lugar onde moro, abandonar meu lar, minha família e vir para a cidade de Cruzeiro do Sul e passar os três meses iniciais do ano em casa de parentes ou amigos. Isso vem se repetindo desde o início do ano de 2006 até os dias atuais. Mas só o fato de estar estudando num curso de ensino superior já é suficiente para superar tudo.

Nunca tive vocação de cursar o curso que estou cursando, mas por falta de opção, me vi obrigado a optar pelo curso de matemática; caso contrário, ficaria fora da faculdade. Mas, já que eu ingressei nesse curso, continuarei até o fim, se Deus quiser!

O rumo que pretendo seguir

Antecipar a divulgação dos rumos que pretendemos seguir é algo muito perigoso e, às vezes, contraditório à realidade, pois, segundo as Escrituras Sagradas, o dia de amanhã não pertence a nós. Pretendo continuar estudando, concluir o ensino superior, fazer um curso de pós-graduação e, depois, fazer uma faculdade de Biologia.

Não pretendo sair do lugar onde moro; pretendo continuar trabalhando na mesma escola que sempre trabalhei desde 1993, quando





ingressei na vida profissional de educador e que trabalho até hoje.

Portanto, esse foi um breve relato da minha vida profissional, acadêmica e parte da minha vida pessoal. E, apesar de ser cheia de altos e baixos, continuarei firme nos meus propósitos, buscando me aperfeiçoar em termos de conhecimentos e alcançar uma equiparação social .

O SERINGUEIRO

O seringueiro era destemido
De uma coragem estupenda
Ia pra mata de madrugada
Sem temer qualquer contenda
Pra cortar sua seringa
E construir sua renda.

Encarava os obstáculos
Da escuridão da floresta
Com a espingarda no ombro
Dizendo, o que me resta
É pedir a Deus que não chova
E na quinzena eu faço a festa.

Fosse na várzea ou terra firme
Enxuto ou no lamaçal
Subia a seringa por um burro
Usando degrau por degrau
Ficava feliz quando via
A nambu no galho do pau.

O cidadão já dizia
Essa vem pro sacotelo
Chegando em casa a noitinha
Eu bebo um caldo amarelo
Depois eu me arrumo pra amanhã
Encarar mais um duelo.

No outro dia levantava
Passando a mão sobre a vista

Observando a atmosfera
Como um meteorologista
Quando não ia chover
Ficava muito otimista.
Porém, quebrava o jejum
Pegava a boca da estrada
Ouvia a esturro do jacamim
E o canto da passarada
O ronco do capelão
No final da madrugada.

Ao amanhecer do dia
Se alegrava a bicharada
Cantava o japó de um lado
Do outro, o guariba roncava
A saracura cantava o coco
E o jacu riscava asa.

Seringueiro cortava e colhia
Sua borracha defumava
Quando chegava a quinzena
Que o quinzeneiro pesava
Ele ia ao barracão
Para ver o que comprava.

Chegando no barracão
Seu patrão indagava
Se a quinzena fosse boa
De tudo ele comprava
Porém, se fosse ruim
Pra casa nada levava.

O seringueiro envergonhado
Vendo a insatisfação
Estampada claramente
No rosto do seu patrão

Com isso as vezes faltava
Do sal à munição.

Mas era um trabalho sujeito
Não tinha o que discutir
Pois não tinha alternativa
Ou caminho pra sair
Fosse doente ou com saúde
Era obrigada a produzir.

Com isso o seringueiro
Ficava sem remissão
Os filhos passando fome
A mulher com reclamação
Para ele o único jeito
Era aumentar a produção.

Já o chamado bom freguês
Produzia muita borracha
Comprava tudo o que queria
As vezes muita cachaça
Sem pensar na produção
Nem no mau cheiro da fumaça.

Do trabalho da seringa
Ainda existe saudade
Apesar de muito árduo
Alguns ver facilidade
Ou talvez não valorize
A sua real liberdade.

Na floresta quero viver
Da seringa eu quero distância
Pegando passado e presente
E botando na balança
Veremos o atual

Nos dá liberdade total
Para enchermos de esperança.

Aos homens da floresta
Aos seringueiros ou não
Que desempenharam papel
Na melhoria da nação
Quero aqui me desculpar
Se faltou algo a relatar
Ou falei sem precisão.

Não quis aqui ofender
Aos nobres companheiros
Mas só resgatar a cultura
Desses heróis brasileiros
Eu me incluo na história
Com tristeza ou com glória
Pois também fui seringueiro.

POESIA

Estou no Liberdade
Lugar de paz e mansidão
De pessoas hospitaleiras
E amor no coração
Aqui não temos praça
Mas temos muita caça
Para a boa refeição.

No liberdade sempre ouve
Um povo trabalhador
Que luta de sol a sol
Para mostrar seu valor
E hoje uma bela conquista
Eu falo com o repentista
O Raimundo caçador.

Hoje temos internet
Nos rincões do Liberdade
Que permite ao caboclo
Com sua simplicidade
Comunicar-se num instante
Com pessoas tão distantes
Vivendo nas grandes cidades.

Seu Raimundo é um pensador
Distingue o bem do mal
Conhecedor da floresta
No tempo do seringal
Na mata já foi Doutor
Hoje é um grande pregador
Do bem espiritual
Tem minha admiração.
Pelo vasto conhecimento
Da cidade e da roça

Não importa o momento
Prega a palavra de Deus
Para ricos e plebeus
E mostrando bons exemplos.

O PROFESSOR

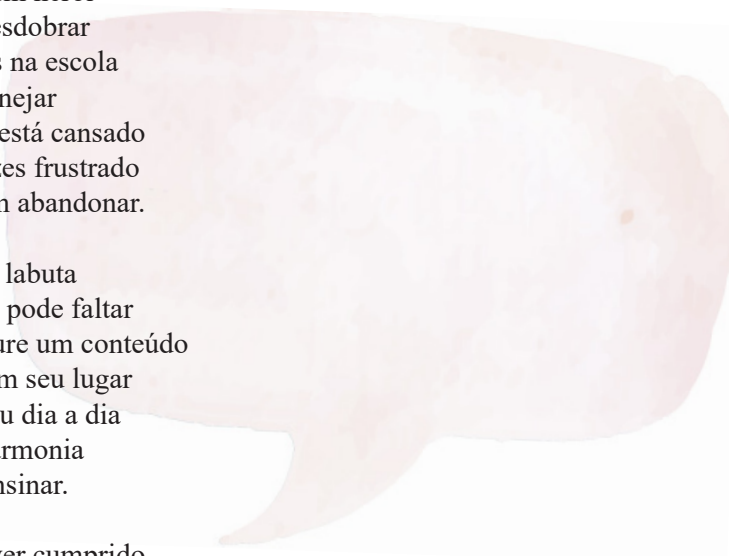
Professor é um herói
Precisa se desdobrar
Quatro horas na escola
E o resto planejar
Final do dia está cansado
E muitas vezes frustrado
Até pensa em abandonar.

Mas essa é a labuta
Didática não pode faltar
Quando exaure um conteúdo
Bota outro em seu lugar
Assim é o seu dia a dia
Buscando harmonia
Na arte de ensinar.

No final, dever cumprido
Daí a pouco a saudade
Do convívio escolar
Em várias realidades
Com dinâmicas diferentes
Mas é o fazer docente
Mostrando a capacidade.

Sempre que um professor
Mostra o seu fazer docente
Faz mudança de cultura
Abrindo tantas mentes
Formando personalidades
Para atuar na sociedade
De maneira consciente.

O professor é agente
Que promove educação



É uma missão sofrida
Mas promove cidadãos
Que às vezes nem agradece
O que o professor merece
Por ter lhe dado instrução.

Mas a vida é assim mesmo
Ela não poupa ninguém
Tem sempre altos e baixos
Seja rico ou Zé Ninguém
Mas professor é valente
Pelo seu fazer docente
A todos, meus parabéns.

Parabéns por encarar
Um mundo tão desigual
E vencer os obstáculos
Por via intelectual
Sem nenhuma timidez
Parabéns mais uma vez
E pé na estrada, pessoal.

O PROCESSO DA EDUCAÇÃO

Como é lindo a educação
No horizonte clarear
A rotina se repete
No ambiente escolar
Professor e suas magias
Na escola todo dia
A aprender e ensinar.

É uma rotina diária
Na escola a hombridade
Dos colegas servidores
E na sala a necessidade
De uma didática pensada
E, muitas vezes alterada
Pra atender à realidade.

Quero aqui enaltecer
Quem se propõe alfabetizar
Com suas habilidades
Parecendo uma babá
Vai cuidando das crianças
Parece que não se cansa
Da missão de educar.

Trata todos com carinho
É titia por amor
Avalia, ajusta, agrupa
Orientando quem falhou
Reavalia o seu plano
Para não haver engano
No dia posterior
O professor faz ajuste.
Pai se desdobra no roçado
Querendo dar ao filho

O que não teve no passado
Ainda que venha sofrer
Mas o desejo é promover
Um cidadão educado.

Destaco a consciência
Do aluno ribeirinho
Que ajuda na roça
Saindo sempre cedinho
À tarde vai estudar
Pra poder se projetar
Rumo a um novo caminho.

Ele por sua vez
É sempre muito consciente
Que a escola é o caminho
Pra uma vida diferente
E se propõe a estudar
Prevendo onde quer chegar
Em um futuro decente.

Estudar é um processo
Que requer dedicação
Ser muito resiliente
No projeto cidadão
Não parar nos obstáculos
Pois desistir é para os fracos
Que não tem exatidão.

Vendo a realidade
Do processo educacional
É muito particular
Para o bem ou para o mal
É necessário se engajar
Para poder conquistar
O sucesso no final.

É um processo dinâmico
Mudanças podem ocorrer
Às vezes pelo sistema
Outras vezes por você
O sonhador nunca cai
Sempre sabe onde vai
Porque soube escolher.

Essa escolha é importante
Porém, alguém pode errar
Por qual motivo eu não sei
Mas aquele que acertar
Terá momentos de glória
Pois quem luta tem vitória
Podendo ela festejar.

Aqui em nossa região
O processo é deficitário
Há muito o que melhorar
Desde o próprio calendário
Pra ajustar-se aos moradores
Como pequenos produtores
Que trabalham sem horário.

Se não, passa o bimestre
Passa o ano letivo
O professor é frustrado
Com os pontos negativos
E criança sem aprender
E sem ter a quem recorrer
Para um processo proativo.

É um processo complexo
Por envolver muitos atores
Merendeira, barqueiro e apoio
Uma gama de professores

Da gestão ao secretário
E os muitos voluntários
Compartilhando valores.

Deixo aqui meus parabéns
Ao agricultor familiar
Que levanta bem cedinho
Pra no batente pegar
Em qualquer situação
Querendo da condição
Para seu filho estudar.

Minhas considerações
Às famílias aguerridas
Que organizam seu tempo
Até pra fazer comida
E para os filhos estudar
Não cansam de trabalhar
E dá a eles uma nova vida.

A hora que necessita
Trabalha até se cansar
Sem folga de meio dia
Para poder terminar
No tempo que ele quer
Leva menino e mulher
Pra seu compromisso honrar.

Parabenizo os envolvidos
Na missão de educar
Encara a complexidade
Parece não se cansar
Vai criando harmonia
No fazer do dia-a-dia
Até o ano terminar.

EDUCAÇÃO DO CAMPO¹⁵

O processo de educação
Abrange muitos fatores
E falar sobre a do campo
Com seus inúmeros atores
Coadjuvantes personagens
Que nos rios percorrem as margens
Demonstrando seus valores.

Asas da Florestania
Anteriormente era chamado
Sendo metáfora ou não
Todos voavam no passado
Aprenderam a caminhar
Com os pés no chão a conquistar
O sucesso sem ser frustrado.

Caminhos da Educação do Campo
Por novo nome se tornou
Mudanças aconteceram
Consertando o que se falhou
O adeus ao memorial
O olá ao tema transversal
E o Projeto de Vida que iniciou.

Em ciclos de aprendizagem
O programa se dividiu
Para alguns, a solução
Para outros, não surgiu
Enquanto não avaliar
Precisamos trabalhar
E ser professor bombril.

¹⁵ Escrito por: Francisco Albecir Brito da Silva e Madson Rafael do Nascimento Silva.

O professor com cinco séries
É impossível prever
No decorrer do ano letivo
O que vai acontecer
Vale o jogo de cintura
Numa realidade tão dura
No ensinar e aprender.

Mas destaco a consciência
Do aluno ribeirinho
Que desde novo ajuda na roça
Saindo sempre cedinho
À tarde vai estudar
Para poder se projetar
Rumo a um novo caminho.

Quero aqui parabenizar
A todos que fazem parte
Sem nenhuma exceção
Dessa nobre e bela arte
Num processo que encanta
Que envolve e abrilhanta
Levando a vida sempre como um start .



AMOR INTEGRAL

Amo-te em cada dia, hora e segundo
À luz do sol, na noite sossegada
É tão pura a paixão que me inundo
Parece perfeita e planejada
Com o amor me torno sonhador
Como o despudor
Dos que não sentem nada.

Amo-te com o doer das velhas penas.
Sorrisos de felicidade e muito amor
Vejo-te todos os dias no meu pensar.
Com ansiedade, lágrima e a dor.
Mas você é quem me faz sonhar
E nos meus sonhos delirar.
Na ingênua paixão de um amor.

Amo-te, nas coisas mais pequenas
Lembro-me da infância ingênua e forte
Amo-te com a força do meu ser
Mesmo não olhando a sorte
Ainda que venha sofrer
Eu não quero nem saber
Amo-te até à morte.

Desejo a você, felicidade
Nessa data triunfal
Data que se festeja a vida
Uma obra divinal
Eu marquei no calendário
A data do aniversário
De uma pessoa especial
Celebramos a vida.
Nessa data especial
Que os anjos te tragam luz

Pra iluminar a final.
Todos os dias de sua vida
De uma pessoa querida
Pra não sofrer nem um mal.

Que deus possa abençoar
O amor de dois corações
Pra viver intensamente
Sem haver decepções
Mas sim um amor sincero
Que tudo que eu mais quero
Sem garças e sem gaviões.

A saudade é muito ingrata
Todo dia me maltrata.
Às vezes nem sei quem sou
Mas, aproveito o ensejo
E pra você eu mando um beijo
Com carinho e muito amor.

A INÉRCIA DO AMOR

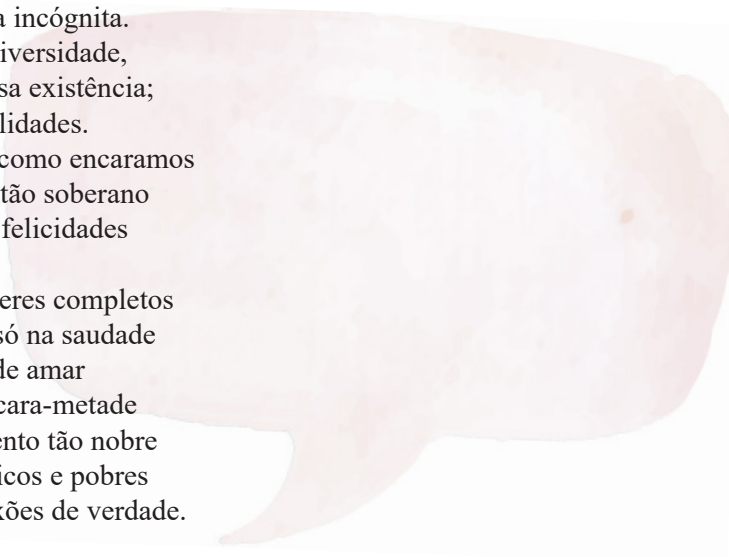
A vida é uma incógnita.
Em meio a diversidade,
Em toda nossa existência;
Há duras realidades.
Depende de como encaramos
Esse mundo tão soberano
Na busca de felicidades

Pra sermos seres completos
E não viver só na saudade
Precisamos de amar
Encontrar a cara-metade
Esse sentimento tão nobre
Que atinge ricos e pobres
Nos trás paixões de verdade.

Lá na década de oitenta
Em meio a euforia
De um famoso novenário
Em que um rapaz se divertia
E encontrou uma moça bela
E logo falou pra ela
Que lhe amar pretendia.

Já houve correspondência
E ficaram apaixonados
Sem saber o que o destino
Tinha pra eles reservado
Que iriam se separar
Antes de consolidar
Um amor tão desejado

Era tudo muito belo
Era encanto de verdade



As noites se encontravam
Na maior felicidade
Sem pensar no depois
Achavam que eles dois
Se amavam de verdade.

Mas, veio a notícia macabra
Que tinham ceifado a vida
Do pai do jovem amado
E abriu nele uma ferida
Dentro do seu coração
Que fez uma correlação
Com a bela moça querida.

Isso causou um desgaste
Que o amor veio ruir
Não houve entendimento
Para saber discernir
Aquele fato marcante
Que separou os amantes
Até o destino unir.

Depois desse episódio
Cada um com sua verdade
Sem pensar que em breve
Chegaria a saudade
E assim ficou a dor
Por perder um grande amor
Para a imaturidade.

O tempo trouxe o recado
Como um grande professor
Viram a ingenuidade
E o poder de um amor
Longe da cara-metade
Ficaram só na saudade

Ao conviver com a dor.

Mas nesse mundo moderno
Estamos interligados
A comunicação aproxima
Os corações apaixonados
Somos movidos pelo alento
Do mais nobre sentimento
De amar e ser amado.

Até que um belo dia
O acaso tomou partida
E aquela que está distante
Deu um sinal de vida
Arrebentando o coração
Quando atendeu a ligação
E ouviu a mulher querida.

Aí viu que entre eles
Ainda existe paixões
De um amor mal resolvido
Que há nos dois corações
Mas agora só os recados
Dos corações apaixonados
Através das belas canções.

Assim foi essa história
Eu digo que não acabou
Foram as coisas do destino
Que até aqui os separou
Mas, os corações tem saudades
De encontrar a cara-metade
E reviver um grande amor.

Mas foi assim esse romance
Não sei dos dois qual falhou

Não estou aqui pra julgar
Sou um simples professor
Que me senti desafiado
A escrever esse passado
De uma história de amor.

SER MULHER¹⁶

Não é fácil pra mulher
Ser mulher é uma conquista.
Que se faz no dia-a-dia
Nesse mundo tão machista
É encarar o preconceito
Pra obter o respeito
Da sociedade pluralista.

Nesse mundo tão diverso
Ser mulher de verdade
É conquistar seus espaços
Em meio a sociedade
É poder ser o que quer
Esteja onde estiver
É ser a cara metade.

Ser mulher atualmente
Requer plena consciência
Do seu papel social
E não ceder-se a violência
Em sua vida pessoal
Profissional ou social
Usando sua sapiência.

Mulher não é objeto
Nem só para procriar
Mas é erguer a cabeça
E aprender a lutar
É se projetar, afinal
Pra o espaço social
Que deseja conquistar.

¹⁶Escrito por: Francisco Albecir Brito da Silva e Madson Rafael do Nascimento Silva.

Parabéns às mulheres
Que buscam se empoderar
Não se contentam com o sistema
Que procura menosprezar
Que traça uma premissa
De uma cultura machista
Sem saber valorizar.

PROEZAS DE JOÃO GRILO

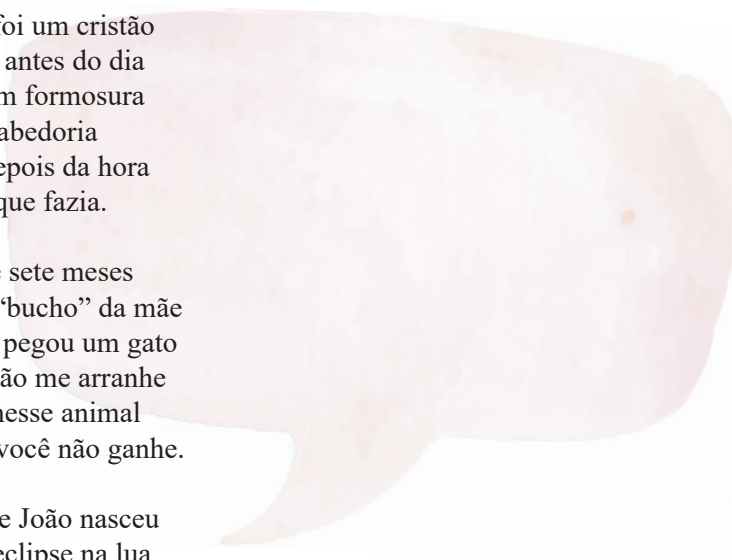
João Grilo foi um cristão
Que nasceu antes do dia
Criou-se sem formosura
Mas tinha sabedoria
E morreu depois da hora
Pelas artes que fazia.

E nasceu de sete meses
Chorou no “bucho” da mãe
Quando ela pegou um gato
Ele gritou não me arranhe
Não jogue nesse animal
Que talvez você não ganhe.

Na noite que João nasceu
Houve um eclipse na lua
Detonou grande vulcão
Que ainda hoje continua
Naquela noite correu um lobisomem na rua.

Porém o Grilo criou-se
Pequeno, magro e sambudo
As pernas tortas e finas
A boca grande e beijudo
No sítio onde morava
Dava notícia de tudo.

João Grilo perdeu o pai
Com sete anos de idade
Morava perto dum rio
Ia pescar toda tarde
Um dia fez uma cena
Que admirou a cidade.



O rio estava a nado
Vinha um vaqueiro de fora
Perguntou: dará passagem
João Grilo disse: ainda agora
O gadinho de meu pai
Passou com lombo de fora.

O vaqueiro bota o cavalo
Com uma braça deu nado
Foi sair muito embaixo
Quase que morre afogado
Voltou e disse ao menino
Você é um desgraçado.

João Grilo foi ver o gado
Para provar aquele ato
Vinha trazendo na frente
Um bom rebanho de pato
Os patos passaram n'água
João provou que era exato.

DESPEDIDA FINAL

A morte física é o último desafio que nós enfrentamos enquanto seres humanos, e deve ser encarado como uma despedida final daqueles que conviveram conosco durante os poucos dias que labutamos sobre a face da Terra. A tal morte é muito temida. Pois até Jesus Cristo, que é o Dono da vida, a temeu. Mas, a mesma é também um passaporte para a vida na eternidade; se houver vida após a morte.

Sobre esse assunto, apenas um ser tem autoridade para falar da vida após a morte, Jesus Cristo. E o fez no livro de Gênesis quando deu o sopro de vida e tornou o homem uma alma vivente. Pois o mesmo foi o único que morreu e ressuscitou. Ele pode falar da vida, da morte, dar a vida e a morte pra quem quiser. Pois Ele é o Todo Poderoso, Dono dos céus, da Terra e de tudo que há na imensidão do universo.

Durante toda minha vida, convivi com diversas pessoas, algumas muito especiais, outras nem tanto, tive a felicidade de conviver com várias pessoas que me admiravam, que convergíamos em vários pensamentos meus, que eram meus fãs; foram pessoas que me deram amor, que me deram carinho, que me deram atenção e que me induziram a me espelhar em seus modos de vida. Enquanto outros se espelhavam nas minhas virtudes para nortear suas vidas. Mas também convivi com outras pessoas que tinham prazer em se posicionar contra mim, que tentaram me desqualificar, que não acreditavam em mim, que me odiavam, que torciam pelo meu fracasso e queriam ver o meu cadáver a qualquer custo.

Estou partindo, mas fica a história de um homem humilde e sobretudo muito humano, que viveu a vida na sua plenitude. Amando, sendo amado, sendo feliz e fazendo alguém feliz, mesmo de maneira pacata, mas honesta.

Quem lembrar de mim e agradecer levando em conta o que fiz de bom na sociedade “muito obrigado e parabéns pela virtude da gratidão”. Mas quem lembrar de mim, considerando alguns poucos erros que cometi, também muito obrigado. Pois afinal, somos seres humanos detentores de direitos e deveres, mas também somos falhos, temos virtudes e defeitos. Mas posso dizer que o que levo comigo

“é um coração cheio de amor” e de saudades dos familiares e amigos e, até dos meus adversários e desafetos. Pois foram os meus familiares e amigos que me proporcionaram os mais belos momentos de alegrias e felicidades. Enquanto os meus adversários e desafetos, com suas críticas, me encorajaram a vencer os desafios da vida com coragem, determinação e eloquência.

Durante toda a minha existência na Terra, não deixei com que nenhuma crítica me abalasse, o que fiz foi juntar todas as pedras que me jogaram para construir o meu castelo de amor e belos sonhos. Hoje, fica meu último adeus mas, cheio de orgulho por ter sido um vencedor e, porque dentro de mim, nunca houve nenhum espaço para ser ocupado por sentimentos ruins como raiva, inveja, ódio, vingança etc. Todavia, esses sentimentos só sufocam o ser humano e prejudicam sua vida pessoal e social. Assim sendo, eu deixo o meu abraço fraterno para todos, sem exceção.

Pautei minha vida aqui na Terra no diálogo, no entendimento e travei o bom combate. Muitas vezes fui engolido pela ignorância, pois a vejo como o maior mal que assola a sociedade. Mas, também houve momentos que falei, expliquei e percebi que surtiu um efeito positivo. Quando não fui ouvido, preferi falar e ouvir mais, pois me cansei.

Não fiz as mudanças que gostaria de fazer no meio social onde vivia, mas mudei a mim mesmo, me tornando um ser humano melhor e conseqüentemente mais feliz.

Aqueles que, porventura, venham sentir saudades de mim, “re-vejam minhas ideias e meus pensamentos através dos poucos escritos que deixei.”

Portanto, cuidem de suas vidas e procurem viver com paz e amor no coração, pois “Deus fez o homem para amar ” por isso somos imagem e semelhança do nosso criador.

Fica aqui o meu abraço, a minha gratidão a todos que tive a oportunidade de compartilhar do pouco que aprendi durante os poucos dias que vivi.

Fica aqui a minha gratidão pela vida, uma opinião pessoal minha e, até o juízo final.

GLOSSÁRIO

Aparar menino

Quando a parteira realiza o parto e segura a criança recém-nascida.

Atuar, atuavam

Quando o espírito encantado se incorpora no corpo humano.

Aviação/aviamento

O patrão (aviador) adiantava mercadorias ao seringueiro freguês (aviado) em troca da produção em borracha.

Aviado

Pode ser são ex seringueiros escolhidos pelos patrões seringalistas para gerenciar barracões e manter o seu sistema funcionando, cobrando a renda, realizando adiantamentos de mercadorias e recebendo o pagamento posterior em borracha.

Balseiro

Vegetação que se acumula no leito do rio.

Barracão

Armazém onde se realizava a venda de mercadorias e compra da borracha.

Batelão

Embarcação de madeira com capacidade máxima de duas toneladas.

Caboco

Encante, espírito, guia espiritual.

Cafanjé

Espírito ruim, malfazejo.

Cariú

Pessoa não indígena, branca.

Centro

Localidade longe das margens do rio.

Cocão

Palmeira (*Attalea tessmannii*), espécie endêmica do Acre e Peru utilizada pelos povos e comunidades tradicionais do Vale do Juruá para produção de leite, óleo e carvão.

Colocação

Unidade produtiva de um seringal, podia estar localizada na margem do rio ou nos centros da floresta. Vários(as) antropólogos(as) (Almeida 1992, 2012; Pantoja 2001; Martini 2005, 2019; Costa 2010; Rezende 2016, 2017) pontuaram que numa colocação moravam em média três grupos domésticos ligados por parentesco do tipo consanguíneo, por afinidade e/ou compadrio (simbólico). Nas colocações, exploravam os recursos naturais e cada seringueiro explorava ainda pelo menos uma parelha, duas estradas seringa (Barbosa de Almeida 2004:37). Numa colocação existia um conjunto de estradas de seringas, mas não só, ela era autônoma do ponto de vista agrícola, onde eram produzidas mandioca, farinha, tabaco, milho, cana, açúcar etc., além de fornecer carne de caça e materiais de construção. Ela deveria possuir igarapés e rios, para a pesca, praias e barrancos para o plantio de melancias, jerimum, feijão e milho, terra firme para roçados de mandioca e mata virgem com seringueiras, outras espécies vegetais de importância e fauna. Campos, margens de igarapés, orla da mata e os terreiros ao redor da casa também são unidades de manejo.

Empausar

Colocar os mutás nas seringueiras.

Estrada

Caminho aberto na floresta interligado por várias seringueiras.

Filho de umbigo

Quando uma parteira faz o parto de uma criança, esta se torna seu

filho ou filha de umbigo.

Furar dedo

Fazer exame para malária.

Intaúba

Seringueira braba, ruim de leite, látex.

Jacuba

Farinha com água.

Mãe de umbigo

Quando uma parteira faz o parto de uma criança, torna-se sua mãe de umbigo. Também chamada na região de “Mãe Vêa”.

Mal de criança

Doenças que acometem as crianças e que são curadas exclusivamente por rezadores(as).

Mal do ar

Doença curada apenas com reza.

Maloca

Tipo de moradia dos povos indígenas anterior ao contato com não indígenas.

Mariscar

Pescar.

Mutá

Escada entalhada em toras de madeira.

Parelhas de estrada

Duas estradas de seringa.

Parteira fina

Parteira que fez o parto de centenas de crianças e que é conhecida por esta fama. Parteira que tem sucesso em todos os partos que realiza.

Pegar menino

Parto realizado por parteira tradicional.

Pique

Caminho na floresta.

Raspar

Atividade de descascar mandioca.

Raspadeira

Mulher que descasca mandioca.

Roça

Plantação de mandioca.

Tempo da seringa

Período em que vigorou a extração de seringa como principal fonte de renda.

Trabalho com caboco

Trabalho espiritual de cura realizado com o auxílio de espíritos encantados.

Varadouro

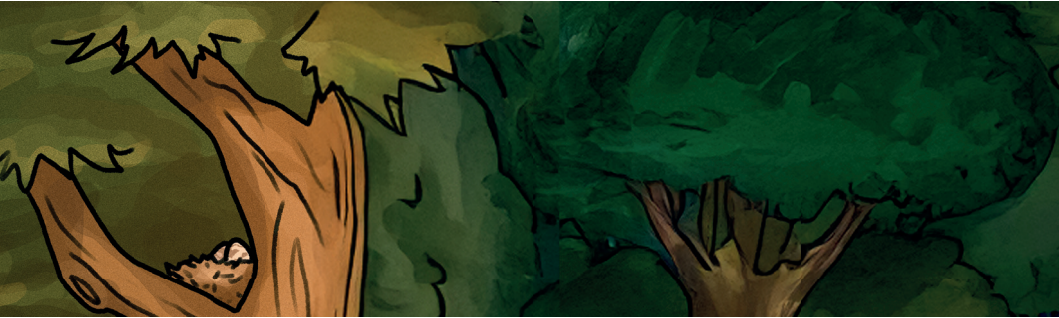
Caminho na floresta.

Varejão

Vara comprida de planta utilizada para auxiliar o deslocamento de barcos.

Vento caído

Doença curada com reza.



Uma Luz na Floresta nasce de muitas mãos. É um livro que não tem um único dono, porque aqui, todos e todas, que contribuíram com seus textos e narrativas, são autores. A coletividade é o esteio desta obra.

Feito de forma artesanal, ao longo de vários anos de pesquisa comunitária, este livro não passou por editora, mas foi pensando com cuidado em cada detalhe, em cada página, em cada palavra ouvida, transcrita e validada junto aos seus autores e autoras.

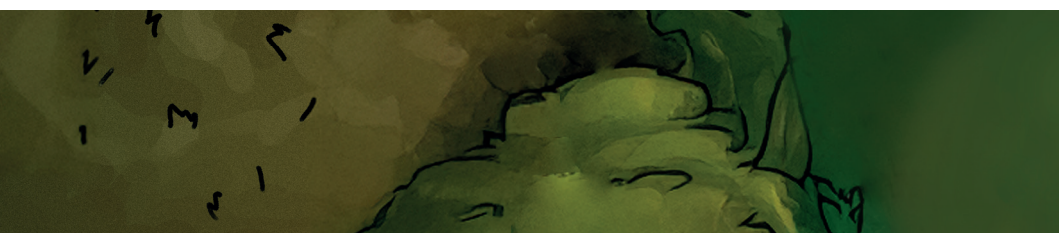
Tentamos manter os textos os mais fiéis possíveis para que não se perdesse a força da oralidade, da autenticidade do falar do Liberdade, da Amazônia.

Este livro é para quem não tem urgência na leitura. Para quem quer escutar a mata, sentir o cheiro da farinha sendo torrada no forno, entender as marcas deixadas nas estradas de seringa, nas mãos calejadas de quem construiu e fez história no Rio Liberdade, no Juruá, no Acre.

Esta obra é também uma poronga acesa em memória dos antigos que nos ensinaram que os conhecimentos não estão somente nos livros, mas na escuta, nas trocas, nos modos de vida dos seringais e das florestas.

Que este livro ilumine os seus caminhos em tempos escuros e nas matas fechadas.

Valcirlene Martins



Na esteira de um conceito filosófico em que Aristóteles afirma que “conhecer a si mesmo é o princípio de toda sabedoria”, entendemos que resgatar a nossa cultura é também um ato de autoconhecimento. Partindo dessa premissa, valorizar nossas raízes é trazer a história dos nossos antepassados para os dias atuais; é poder entender de onde viemos, onde estamos e para onde devemos ir. É perceber que a educação abre novos horizontes, nos mostrando novas perspectivas de vida; acompanhar a nossa evolução, enxergar os vícios do mundo moderno e nos projetar no tempo e no espaço com um grau de assertividade maior.

Diante das informações sistematizadas por nós, ficou evidente que há uma grande importância em resgatar a nossa cultura. Tendo em vista que a nossa cultura é nossa história de vida e está entrelaçada nas nossas raízes históricas, aos acontecimentos que marcaram a vida de um povo notabilizado pelos seus costumes e tradições que determinaram quem somos hoje. Portanto, é importante a escola tomar essa iniciativa e de forma didática e pedagógica nos proporcionar essa reflexão e nos localizar no tempo e no espaço como atores da nossa própria história.

Francisco Albecir Brito da Silva

FINANCIAMENTO



REALIZAÇÃO



APOIO

